



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
UNIDADE DE ARTES E LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

**ABEL SALAZAR: UMA PERSPECTIVA
CALEIDOSCÓPICA**

Dissertação de **Mestrado no âmbito de 2.º Ciclo de Estudos conducente ao
Grau de Mestre em Letras – Estudos Artísticos, Culturais,
Linguísticos e Literários**

Orientador: **Professor Doutor António dos Santos Pereira**

Josué Milheiras

Covilhã – 2007/2008

Josué Milheiras

ABEL SALAZAR: uma perspectiva caleidoscópica

Sumário

Introdução -----	8
1. Abel Salazar e a Ciência em Portugal -----	10
1.1. A Formação do Ideário Científico de Abel Salazar-----	10
1.2. Abel Salazar e as Instituições Científicas do seu Tempo-----	13
1.3. A Obra Científica de Abel Salazar-----	14
2. A Obra Pedagógica de Abel Salazar -----	16
2. 1. Sua Formação – O Médico e o Professor-----	16
2. 2. O Papel do Professor no Ensino-----	18
3. A Obra Artística -----	21
3.1. Abel Salazar e a Pintura-----	25
4. A Intervenção Cívica -----	32
4.1. Abel Salazar e os Fundadores da República Portuguesa-----	32
4.2. Abel Salazar e o Estado Novo-----	32
4.2.1. Inquérito à Universidade pela “Voz da Justiça”-----	41
4.2.2. As Reações no Jornal “A Verdade”-----	45
4.2.3. As Opções após o Exílio-----	47
4.2.4. A Sobrevivência-----	49
4.2.5. Abel Salazar e a sua Cruzada Cultural-----	61
Conclusão -----	65
Fontes -----	70
Obras de Abel Salazar-----	70
Bibliografia-----	72
Periódicos-----	78
Obras de Contextualização-----	87
Cronologia -----	96
Anexos -----	99

Agradecimentos

Durante a realização deste trabalho, agradeço a todos os que, por diversas formas, me garantiram o seu apoio ou manifestaram a sua disponibilidade: muito em especial, ao Professor Doutor António dos Santos Pereira, que, desde o primeiro momento, acompanhou a realização desta dissertação. Estou reconhecido por todos os esclarecimentos e sugestões que oportunamente efectuou; pela atenção e exigência, pelo rigor com que sempre orientou este trabalho, assim como, pela dedicação, disponibilidade, compreensão que sempre manifestou; a todos os colegas e amigos que, de alguma forma, me incentivaram ou disponibilizaram a sua colaboração; à Dr.^a Olga Farias, do Serviço de Empréstimo Inter-Bibliotecas da Universidade da Beira Interior, pela simpatia e colaboração na obtenção de alguma bibliografia; por último e em especial à minha esposa e minhas filhas pelo carinho e pela compreensão, dedicação, motivação, confiança e coragem que sempre me transmitiram.

A todos, o meu muito OBRIGADO!

SIGLAS

APEM – Associação Profissional de Estudantes de Medicina

AS – Abel Salazar

BGUM – Biblioteca Geral da Universidade do Minho

FMUP – Faculdade de Medicina da Universidade do Porto

JEC – Juventude Escolar Católica

JOC – Juventude Operária Católica

JUC – Juventude Universitária Católica

MA – Marck Athias



ABEL SALAZAR

Introdução

«Ai de um homem só»

(Eclesi. 5, 13)

Não faltam sínteses biográficas sobre Abel Salazar (1889-1946)¹. Justificar-se-á, então, a elaboração de uma nova trajectória da vida de tal figura e a descrição da respectiva obra? Cremos que sim e tentá-las-emos, bem acompanhados, no âmbito de provas académicas com o rigor metodológico e a profundidade científica que estas exigem e, decerto, com os novos enquadramentos teóricos e metodológicos quanto à elaboração de um trabalho de tal índole.

Na grande tradição historiográfica, podíamos elaborar este trabalho enquadrando o homem na sua época e mostrar depois os contributos mais específicos de alguém que cumpriu a vida com rigor, inteligência e talento, como médico, investigador, artista e particularmente cidadão. Todavia, antecipadamente, interessa-nos uma perspectiva prosopográfica, a adquirida de acordo às indicações de Lawrence Stone². Assim mais do que esmiuçar a época em que viveu a figura em causa, pretendemos desenhar o núcleo das suas relações nos âmbitos do seu labor: a ciência e a missão médica, a arte e a política.

Extrapolando o método daquele historiador da modernidade para os tempos contemporâneos, no caso em questão, podemos agrupar um conjunto de figuras próximas de Abel Salazar: Aquilino Ribeiro, Egas Moniz, Miguel Bombarda, Marck Athias, Jaime Cortesão, Ruy Luís Gomes, entre outros. Como objectivo imediato, tentaremos demonstrar a similitude das trajectórias de vida destas personalidades com a do protagonista do nosso trabalho e retomar o conceito de geração que na moderna história da literatura portuguesa foi aplicado em outros casos.

Qual a relação de Abel Salazar com os maiores vultos, já referenciados nos diversos âmbitos da história portuguesa do seu tempo? Quem participou na formação do seu ideário? Que intercâmbios houve entre os que caminharam com ele e quais as figuras que ele

¹ Norberto Ferreira da Cunha, *Génesis e evolução do ideário de Abel Salazar*, 1944,imp. 1997. Tese de Doutoramento. Agradecemos.

² Cf. Lawrence Stone, «Prosopography», in GILBERT, Feix & GRAUBARD, R. (Eds.), *Historical studies today*. New York: W.W. Norton & Company Inc., 1972.

influenciou? Quem deixou marcas no seu pensamento? Quem o norteou? Que caminhos seguiu e porquê?

Para conseguir responder a este conjunto de questões debruçar-nos-emos sobre as principais doutrinas e teorias científicas que o precederam e acompanharam a que aderiu ou a que se opôs e muito particularmente sobre o neo-positismo, que sabemos cultivou. Observaremos, pois, a formação do pensamento de Abel Salazar, a sua obra científica e artística, as suas perspectivas pedagógicas e a sua dimensão cívica.

O pensamento científico e as práticas médicas em particular beneficiaram com o empenho que desde sempre ele colocou na constituição de museus e de bibliotecas especializadas na área. Não restam dúvidas da participação de Abel Salazar em tais procedimentos no país. A ele se deve a instalação do Museu de História da Medicina do Porto e decerto a colaboração na constituição da respectiva biblioteca.

1. Abel Salazar e a Ciência em Portugal

A trajectória de Abel Salazar mesmo no campo científico não pode ser desenhada de forma linear. Assim, desenvolveremos, neste primeiro capítulo, o contexto da formação do ideário deste médico, abordaremos o funcionamento das instituições de saber do seu tempo e aquelas que integrou como investigador e tentaremos perceber os projectos que levou a bom termo apesar das dificuldades do tempo.

1.1. A formação do ideário científico de Abel Salazar

Abel Salazar nasceu na entrada para a última década de finais de Mil e Oitocentos. O extraordinário século XIX, definitivamente, vai muito além da Bíblia na tentativa da descoberta das origens do homem e na compreensão da natureza material e animal deste. Contrariamente às perspectivas anteriores, bebidas ainda na filosofia grega, que definiam o homem na dupla dimensão corpo e espírito, sendo aquele percebido como a sua componente material, doravante a dimensão dita espiritual deste é bem encarnada na matéria ou melhor compreende-se que deriva do funcionamento desta. O sopro de Deus, afinal, gera-se adentro do barro e apagam-se as imagens dos catecismos. Para o desenvolvimento destas teses, entre nós, colaborou, sem dúvida, o materialista Miguel Bombarda cuja influência discreta veremos tanto em Abel Salazar como em Egas Moniz e num homem que vinha actuante desde a Geração de 70: Júlio de Matos, médico, psiquiatra e professor.

As últimas décadas de Mil e Oitocentos significam, pois, aceleração de descobertas científicas por sinergias em diferentes áreas do saber humano e desenvolvimento da filosofia positivista e dos diferentes evolucionismos. Os grandes cientistas faziam escola, o debate académico chegava também ao grande público através da imprensa periódica, mormente as revistas científicas que muitas academias fizeram publicar. As experiências e teorias de Darwin, Mendel e outros biólogos forneciam conhecimentos sobre as estruturas da vida a que a Medicina não podia ficar indiferentes. Abel Salazar fez a sua primeira aproximação a estes autores através da obra do basco José Letamendi y Manjarres particularmente do *Discurso sobre la naturaleza y origem del hombre* de 1867³. Meio século depois o médico português

³ Além desta obra disponível em formato digital in *Scientia Virtual*, Letamendi é autor de manuais médicos: *Curso de patología general*, 3 vols., 1883-1889; *Plan de reforma de la patología general y su clínica*; *La mujer*; *Curso de Clínica o Canon perpetuo de ciencia médica*. Este basco destacou-se também como filósofo e neste âmbito dele devemos citar: *Elementos generales de ciencia con aplicaciones al método en medicina* (1866).

aceitou a recomendação que na dedicatória aquele deixava aos potenciais tradutores de colaborarem no movimento científico geral e, como veremos adiante, saberem mais do que medicina. Com ele, posiciona-se na grande questão que vem desde o século XVIII e atravessa todo o Dezanove particularmente fomentada pelo positivismo, a da aparente contradição entre a razão e a fé que ele resolve com o bom senso à maneira anglo-saxónica, assim: «a fé não deve confundir-se com a ciência e esta não pode sacrificar à insensatez»⁴. Enquanto em Portugal naquela data, o positivismo começava a fazer escola, liderado por um dos seus mais prolixos intelectuais, Teófilo Braga; em Espanha, Letamendi reduzia a arrogância de Comte, e apelava à melhor tradição científica que vinha de Bacon, Kepler, Lavoisier etc.

Havemos de ver na produção mais intensa de Abel Salazar a recusa dos materialismos e positivismos extremos, ainda que se arroguem científicos, porquanto, os mesmos se manifestam com formulários e liturgias religiosas. Abel Salazar irá muito além deste cientismo, mas na nova versão do neo-positivismo, a que aderiu e teve em Portugal como principal representante Delfim Santos (1907-1966). Nesta adesão, o médico português introduz uma perspectiva subjectiva na reivindicada objectividade científica e, portanto, as marcas do relativismo que Einstein afirmara na Física. Em simultâneo integrava a tradição sensista inglesa, que vinha desde o século XVII dos ingleses Locke e Hume e chegava ao empirismo do nosso contemporâneo Bertrand Russel (1872-1970) nos processos do conhecimento, todavia, questionando com o positivismo a metafísica. Tais opções permitiam-lhe uma perspectiva mais integral do saber e uma visão mais unitária da ciência e, sobretudo, respostas mais adequadas no âmbito médico, em que se inscrevia, da psicofisiologia, da psicopatologia e da morfologia do sistema nervoso do final do século XIX. Assim, além de Delfim Santos, o círculo de Viena de Schlick (1882-1936), de Bertrand de Russel, citado, e Ayer (1910-1989), encontrava nele um sério representante em Portugal.

As perspectivas filosóficas reflectem-se nas opções de vida e na actividade científica. Esta foi sobretudo desenvolvida no Instituto de Histologia, com as condicionantes do tempo que veremos adiante. Nesta caminhada, contactou e confrontou-se com Magalhães Lemos, Marc Athias, Celestino da Costa, Geraldino Brites e outros, que permitiram o desenvolvimento de disciplinas clínicas nas faculdades de Medicina da época. Ao seu espírito inquieto de regente da cadeira de Histologia da Faculdade de Medicina do Porto, em 1916, não foram estranhas as ideias de Cajal, o grande histologista e Prémio Nobel da Medicina em

⁴ José de Letamendi, *Discurso sobre la naturaleza y origem del hombre*, Barcelona, Establecimiento tipográfico de Narciso Ramirez y Compañía, 1867, p. 8.

1906. Deste, colhe o lema manifesto em *Reglas y Consejos sobre Investigacion Científica*, (1895): uma grande obra, na arte como na ciência, é o resultado de uma grande paixão posta ao serviço de uma grande ideia.

Quais as leituras de Abel Salazar? Tê-lo-ão ligado aos seus contemporâneos, já citados, os mesmos livros, ou o seu percurso intelectual, por mais novo, é absolutamente diferente? Que ideias permutou com aqueles e que textos reflectiram em comum?

A ligação directa de Abel Salazar a Bombarda⁵ fica difícil de provar. Todavia sabemos que ainda jovem integra com o seu contemporâneo Celestino da Costa a Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, que fundaram, com Marck Athias (1875-1946), que Bombarda acolhera depois da formação em Paris em 1897.

No final da década de vinte, o prestígio de Abel Salazar atinge o cume e é prova disso a dedicatória que Ramón Cajal escreveu num exemplar da 3ª edição da sua obra *Recuerdos de mi vida* que lhe enviou por intermédio de Fernando de Castro «Al ilustre professor A. Salazar, en testimonio de consideración y de cordial simpatía»⁶. Quais as razões que tinham tornado a sua carreira tão admirável? Foram, sobretudo, razões de ordem científica, mas também de ordem pedagógica. Devido à sua pedagogia devemos notar que os alunos sempre manifestaram um certo carinho por ele.

Abel Salazar, profundamente culto, conhecia bem as múltiplas correntes científicas que se perspectivavam na Península. Em *Um Estio na Alemanha* (1944), o médico português aborda o espírito espanhol, mistura de qualidades e defeitos opostos e, realmente, a comprová-lo estava a Guerra Civil (1936-1939).

Egas Moniz classificou Abel Salazar como um «dos maiores poderosos e brilhantes talentos da nossa grei. Honra-se o Porto com a Fundação que tem o seu nome e dignificam-se os devotos que o levantam alto, para que o não esqueçam e seja venerado pelos que têm alma para o compreender.»⁷. Fernando Namora, aluno em Coimbra, numa altura em que o Mestre aí leccionava, referiu que o nome de Abel Salazar aparecia citado nas iniciativas e nos debates da juventude e que Ele era o mais jovem de todos. Reproduzia a vida com a mesma paixão

⁵ Nasceu no Rio de Janeiro e morreu em Lisboa, (1851-1910), médico, psiquiatra e republicano foi director do Hospital de Rilhafoles onde criou o laboratório de histologia em 1887.

⁶ Testemunho em como Abel e Cajal privavam.

⁷ Egas Moniz, Prémio Nobel da Medicina – mensagem enviada em 1947 quando da criação da Fundação Abel Salazar.

com que nela se confundia e era nisso que manifestava a sua coerência - no calor humano - na veracidade simultaneamente trágica e esperançosa da sua mensagem⁸.

Para compreendermos com mais exactidão o ideário de Abel Salazar, recenseamos um artigo de João Teixeira Lopes “Da experiência totalizadora como condição de Liberdade” Porto, 2001 e cuja comunicação foi realizada no encerramento do colóquio “Um pensamento socialista e libertário” promovido pela Casa-Museu Abel Salazar. Este artigo⁹ dividido em quatro partes (“Da razão como libertação”, “Um mundo sem fadas e gnomos”, “O diálogo das estátuas” e “Uma intensa actualidade”) aborda alguns eixos do ideário de Abel Salazar presentes na Revista *Pensamento*, nomeadamente a identificação de um universo de contradições e aporias que tenta superar, em direcção à complexidade e à síntese, numa dialéctica entre Razão e Experiência, onde o compromisso com o colectivo e o devir histórico assumem a urgência de uma força redentora, pensamento que, em acto constrói as condições, da sua relação, liberdade e transcendência do estado de alienação.

1.2. Abel Salazar e as Instituições Científicas do seu Tempo

Abel Salazar foi no âmbito científico, como Mark Athias, citado anteriormente, um investigador e reformador. Comungaram das mesmas ideias, confrontaram os mesmos conceitos positivistas e relacionaram-se pessoalmente. Decerto, ao longo da vida, Abel Salazar há-de conhecer a maioria dos fundadores em 1907 da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais além de Mark Athias: Celestino da Costa, Matoso dos Santos, Miguel Bombarda, Carlos França, Bettencourt Ferreira, Antero de Seabra, Carlos Teixeira ou Germano Sacarrão. Com efeito, tal como Abel Salazar, alguns deles ainda farão parte da fundação da Sociedade Portuguesa de Biologia. Esta constitui-se com o fito de permitir a divulgação da medicina portuguesa e incentivar os investigadores lusos a uma regular produção de trabalhos científicos e teve origem directa na filial portuguesa da Societé de Biologie de Paris. Por iniciativa de Athias, em 1920, juntamente com mais duas dezenas de investigadores, onde estava presente como membro e sócio Abel Salazar, foi ainda criada com a denominação de Reunião Biológica de Lisboa, e dois anos mais tarde, tomou então, definitivamente o nome de Sociedade Portuguesa de Biologia. Esta Sociedade manteve uma

⁸ Abel, personalidade inconfundível caracterizando-o o inconformismo, a ânsia de liberdade, varrendo preconceitos, semeando ideias, humanista e convidando á reflexão e a iniciativa pessoal.

⁹ O artigo reproduz a comunicação de encerramento do colóquio *Um pensamento Socialista e Libertário*, promovido pela Casa Museu Abel Salazar e realizado nos dias 14 e 15 de Setembro de 2001.

dupla filiação, internacional e nacional, na Société de Biologie e na Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, da qual o nosso protagonista fazia também parte activa. Abel, Athias e Celestino da Costa fundaram a revista *Archives Portugaises des Sciences Biologiques* onde editaram muitos artigos e estes sócios com alguma regularidade também publicaram alguns trabalhos, de menor dimensão, em *Comptes-Rendus de la Société de Biologie de Paris* até 1940. Com o início da Segunda Grande Guerra esta revista, nos três anos seguintes, foi substituída pelo *Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles*. Esta Sociedade contou com a colaboração das secções das Universidades de Coimbra e do Porto, mas a partir de 1935 perderam alguma actividade, porque o regime do Estado Novo expulsou do ensino, por motivos políticos, dois dos seus mais dinâmicos fundadores, o geneticista Aurélio Quintanilha¹⁰ e o histologista Abel Salazar. Contudo a Sociedade Portuguesa de Biologia ainda hoje existe, com menor dinamismo, e tem a sua sede em Lisboa no Instituto Rocha Cabral.

1.3. A Obra Científica de Abel Salazar

Como investigador, um dos seus primeiros trabalhos, em 1915, foi consagrado ao cérebro humano, estudo sistemático sobre o *Pallium*. No ano seguinte, completou o trabalho anterior com um outro a que chamou *Falsas anomalias do Pallium*. Abel Salazar procurou sempre as leis que lhe permitissem compreender e explicar as formas complexas do cérebro humano, bem como as relações das suas variações. Para este efeito, baseou-se primeiro, numa análise do cérebro, na sua evolução, e depois, nas considerações filosóficas que lhe inspiraram o estudo sobre os fenómenos psíquicos. Terminou este trabalho encarando, nos vários aspectos científicos, o conhecimento do cérebro e do espírito. Em 1917, iniciou a investigação sobre o ovário da coelha. Estas investigações prosseguiram e, mais tarde, permitiram-lhe apresentar um estudo completo sobre este órgão. Seis anos mais tarde o cientista, sob o ponto de vista fisiológico, indicou a existência de quatro tipos de ovários, só passados vinte e três anos, a ciência deu como certa a sua investigação. Nesse mesmo ano, o cientista Abel Salazar, descreveu o seu método tano-férrico, que aplicou no ovário e mais tarde noutros órgãos. Em 1925, publicou um trabalho completo sobre alguns pontos de histologia do ovário da coelha, estudo esse feito á base do método tano-férrico, com 18 desenhos e 22 microfotografias, que o

¹⁰Açoriano, licenciado em Ciências Naturais foi professor na Universidade de Coimbra da cadeira de Botânica Médico. Defensor das causas do proletariado e da república é afastado, como Abel Salazar, da função pública. (1892-1987).

tornaria conhecido em todos os laboratórios do mundo da especialidade. Com este método Abel conseguiu novas descobertas de que é exemplo o Aparelho Para-Golgi, com o qual trabalhou vários tipos de células, como intersticiais do ovário, ovócitos, espermatócitos, leucócitos etc....Nas áreas do aparelho de Golgi e Para-Golgi, publicou, ao todo, 113 trabalhos científicos. Era um homem muito competente e sério no seu trabalho.

2. A Obra Pedagógica de Abel Salazar

O papel de Abel Salazar, como pedagogo, foi no âmbito do professorado e na profissão de Médico. No primeiro ponto desenvolveremos a formação do Mestre e ainda o seu pensamento e actuação em relação aos seus discípulos. No segundo abordaremos a função do professor e os métodos mais eficazes no âmbito da aprendizagem desenvolvidos pelo Mestre e as teorias onde este poderá ter ido beber alguns conhecimentos, de modo a criar o seu próprio processo de aprendizagem.

2.1. Sua Formação – O Médico e o Professor

Em meados da segunda década do século XX, Abel Salazar concluiu o curso de Medicina, com uma Tese intitulada «Ensaio de Psicologia Filosófica», na qual recebeu classificação máxima. Alguns dos seus mestres, Luís Viegas e Fraga de Almeida, convidaram-no a ingressar na Faculdade. Todavia, por razões que desconhecemos, talvez pelo facto das suas ideias, no que respeita à docência, serem diferentes, recusou. Posteriormente, e por vontade própria, concorre a uma vaga, para a cadeira de Histologia, que tinha sido posta a concurso. Uma vez conseguido o lugar, iniciou a respectiva leccionação no ano lectivo de 1916-1917. Nos finais do ano lectivo seguinte, era nomeado, por distinção, professor extraordinário de Histologia e Embriologia, dois meses mais tarde, nomeiam-no professor ordinário. Esporadicamente regeu ainda a cadeira de Fisiologia. Em 1919, fundou o Instituto de Histologia e Embriologia, no qual ficou como Director. Foi neste centro de estudos que o Mestre concebeu e realizou uma série de trabalhos de investigação, dos quais destacamos as pesquisas relativas à estrutura e evolução do ovário. Enquanto se manteve neste cargo, o Laboratório de Histologia esteve, permanentemente, aberto aos alunos, dia e noite. Representou ainda a Faculdade de Medicina do Porto em vários congressos, e visitou estabelecimentos científicos em quase toda a Europa. Abel Salazar mostrou ser um professor voltado para processos didácticos inovadores, defendendo a educação sobre o ensino, opondo ao saber dos livros o desenvolvimento da observação, o convite à reflexão e à iniciativa pessoal, de forma a alcançar-se o conhecimento pela investigação. Estava sempre disposto e aberto a dialogar com os alunos, visando despertar o entusiasmo criador do aluno. Defendeu o autodidatismo e a redução ao mínimo da intervenção do professor na aprendizagem.

Nuno Grande¹¹, antigo Professor Catedrático e Director do Instituto das Ciências Biomédicas Abel Salazar, afirmou que o espírito inovador e inquieto de Abel Salazar, em todas as manifestações, acabou por se tornar uma das suas características, a qual foi utilizada pelo Conselho Escolar para o afastar do convívio com os alunos e com a Faculdade. Acusaram-no ainda de estar psicologicamente afectado pelo facto de colocar alunos a dar aulas teóricas, facto inédito para a época, mas que revela a preocupação que o Mestre tinha em estimular os mais dotados para a docência. Com esta atitude, tentava procurar despertar e orientar o inconformismo dos jovens, ensinando-os a colocar questões e ao mesmo tempo a procurar respostas para as mesmas. Para ele, a aprendizagem não só consistia nos conhecimentos adquiridos, mas também na capacidade de observação, método descritivo, sentido analógico e capacidade interpretativa. Estas características não vinham nos livros, mas permitiam distinguir alguns alunos, que mais tarde, vieram a ser seus colaboradores e seguidores.

O mesmo Director do Instituto das Ciências Biomédicas Abel Salazar, em artigo na Agência Lusa de 29 de Dezembro de 2006, nas comemorações do 60º aniversário da morte de Abel Salazar, sustentou que muito mais poderia ter sido feito jus, ao seu nome, à sua vida e obra. Afirmou ainda que, em relação ao ensino em Portugal, o que agora aparece como moderno tinha-o ele já escrito na altura e que deveríamos procurar seguir alguns exemplos e sugestões que nos legou. Achava que os alunos deveriam, desde logo, ter ocupação de natureza científica, porque hoje, só depois de licenciados, é que a têm.

Abel Salazar mostrou o que pensava em matéria pedagógica. Em *Lição de Abertura*, no ano lectivo e no Relatório que apresentou à Comissão Pedagógica da Faculdade de Medicina em 1921, além de ser uma análise de biologia filosófica, pretendeu ser também uma lição pedagógica, ao mostrar aos alunos que a “autoridade” em ciência, embora respeitável, não é argumento a ter em conta, pois o progresso científico só será possível por meio daqueles que ousam rebelar-se contra ela e contra os seus catecismos, ou então dito de outra maneira: a liberdade está para a ciência como o ar está para o animal. Como médico não se ficou pelos conhecimentos científicos, inquietou-o o homem são e o homem doente, daí preocupar-se com os alunos seus seguidores para mais tarde exercerem Medicina, como humanistas. Na sua acção como pedagogo, fez estimular a vontade dos alunos, procurando as suas qualidades intelectuais, incutiu-lhes o sentido crítico face ao conhecimento e deu-lhes a oportunidade de

¹¹ Nuno Grande, antigo Professor Catedrático, descreveu um artigo no *Jornal Público*, em 29 de Dezembro de 1996, intitulado «Abel Salazar, o Mestre».

interpretar a realidade das coisas, em vez de aceitarem ou fixarem as opiniões dos professores. Na mesma linha estimulou a auto-aprendizagem aos seus discípulos.

Neste contexto, podemos afirmar que, Abel Salazar antecipou, em mais de meio século, algumas propostas pedagógicas, uma vez que o ensino hoje ministrado apelando à vontade dos alunos e procurando inculcar-lhes o sentido da crítica, já o histologista português o inculcava nos seus alunos, o que revelou ser um homem diferente do comum e com ideias muito avançadas para a época.

Presentemente, defende-se um sistema de ensino em que o papel do professor deverá ser o de moderador da aprendizagem do conhecimento. Aos alunos dever-se-á fornecer todas as ferramentas, e esperar que eles por si, desenvolvam uma aprendizagem com autocrítica e aperfeiçoem as técnicas da aprendizagem.

2.2 – O Papel do Professor no Ensino

O termo “aprender” tem sido definido de muitas maneiras. Thorndike¹² caracterizou o acto de aprender como a aquisição de associações entre impressões sensoriais e impulsos do comportamento. A sua doutrina foi designada como conexionismo, que significa modelo cerebral da mente e define aprendizagem como “uma reacção derivada de uma situação, com fundamento em reacções anteriores a essa situação.”¹³

Kurt Lewin¹⁴, psicólogo, começou por defender a teoria da gestalt¹⁵, mas cedo abandona esta preocupação psicofisiológica da gestalt para procurar um conhecimento novo, baseando na física as bases metodológicas da sua psicologia. Seu principal conceito é o do espaço vital, que define como sendo a totalidade dos factos que determina o comportamento da pessoa num certo momento. Este psicólogo pode ser apontado como um dos maiores da sua época. Por ocasião da sua morte, Tolman¹⁶ escreveu o seguinte:

¹² Edward Thorndike psicólogo norte-americano (1874-1949) produziu trabalhos acerca do comportamento animal e do processo de aprendizagem que conduziram ao conexionismo.

¹³ Hans Schiefele, *Ensino Programado*, obra citada

¹⁴ Kurt Lewin (1890-1947) foi um psicólogo social alemão, emigrou para os Estados Unidos por ser judeu. Foi professor de psicologia na Universidade de Cornell, Nova York. Desenvolve pesquisas e experiências e estudos sobre a psicologia dos grupos de tarefa e sobre a psicologia dos grupos de formação.

¹⁵ A teoria da gestalt estuda a percepção e a sensação do movimento, os processos psicológicos envolvidos diante de um estímulo e como este é percebido pelo sujeito. Esta teoria foi desenvolvida por Christiam von Ehrenfels, filósofo e psicólogo.

¹⁶ Edward Chace Tolman (1886-1959) foi um psicólogo americano, mas ficou mais conhecido pelos seus estudos em psicologia comportamental. Uma das suas principais contribuições teóricas, foi o seu livro, *Intencional do comportamento de animais e homens*, em 1932.

«Na futura história da psicologia do nosso tempo dois nomes destacar-se-ão dentre todos todos os outros os de Freud e de Lewin. Freud será reverenciado como o primeiro a desvendar as complexidades da história dos indivíduos e Lewin como aquele que aprendeu as leis dinâmicas segundo as quais os indivíduos se comportam em relação ao meio. Freud, o clínico e Lwein o experimentalista, dois homens dos quais nos lembraremos sempre, por que as suas explorações divergentes mas complementares fizeram da Psicologia uma ciência aplicável tanto aos indivíduos como à sociedade real»¹⁷

A Gestalt encontra nos fenómenos da percepção as condições para a compreensão do comportamento humano. A maneira como nós percebemos um determinado estímulo irá desencadear o nosso comportamento. Para a Gestalt há vários modos de aprender: a) aprendizagem por gradação: baseia-se na teoria de que, para percebermos as coisas, relacionamos gradativamente as várias partes dessa coisa percebida. O facto da criança, inicialmente, perceber a “forma total”, das coisas e estabelecer gradação entre suas partes aconselha o ensino pela apresentação inicial de frases e palavras completas para que haja oportunidade de estabelecimento dessa gradação. b) aprendizagem por diferenciação: destaca, entre o resto, uma parte do objecto que estamos percebendo, sendo chamadas respectivamente de “figura” e “fundo”. Ao alfabetizar uma criança, apresentamos a mesma palavra em sentenças diferentes, para que essa palavra se destaque dentre as demais. c) aprendizagem por assimilação: este processo pode ser ilustrado pelo facto de que uma criança ser capaz de escrever uma palavra nova. d) aprendizagem por redefinição: a partir deste processo, percebemos como é inconveniente o ensino de um objecto isolado do contexto total em que ele desempenha certo papel. No ensino elementar da leitura, não é aconselhável estudar cada valor fonético independente das situações em que os valores se apresentam. Toda a actividade pedagógica deve começar com a apresentação do objecto de aprendizagem em situações totais. Essa é uma condição necessária do acto de aprender.

Aprender é uma tarefa que o aluno tem que cumprir por si mesmo. A aprendizagem deve ser entendida como “modificação de comportamento” e “experiência vivida”. A tarefa do professor não se refere, nem ao aluno, nem à matéria a ser ensinada, mas sim a ambos. Um dos objectivos do professor subsiste na motivação do processo de instrução. Deverá proporcionar, atendendo às necessidades do aluno, uma atmosfera de protecção e calma, prestando informações constantes. Poderá estimular a motivação, apresentando a matéria, de modo a torná-la por si só atraente, despertando o interesse do aluno. Uma segunda tarefa do professor consiste na ajuda, fornecer informação aos discentes, esclarecendo, demonstrando e

¹⁷ Citado in *The Psychological Review*, 55,1-4. Editor: Keith Rayner, Julho de 2004.

indicando. Esta modalidade de ajuda, desenvolvida através de métodos, torna-se a actividade principal do professor. Existem dois métodos expositivos/explicativos e o evolutivo¹⁸. O primeiro envolve uma aprendizagem indicativa, enquanto que o segundo vislumbra uma aprendizagem reveladora. No primeiro caso, o aluno fica sentado no seu lugar, ouvindo com maior ou menor interesse o que lhe transmitem. No segundo, sob a orientação do professor, põe-se a caminho, para investigar certa matéria e desvendá-la. Na opinião do autor bem como na de Abel Salazar, devem ser utilizados os dois e desenvolver cada um conforme as necessidades específicas.

Os meios postos à disposição do aluno, para que aprenda com elaboração própria, chamam-se instrumentos de trabalho. A grande vantagem destes meios consiste em que os alunos não mais sejam obrigados a trabalhar passivamente. Cada aluno pode determinar, por si mesmo, o ritmo do seu progresso. Esta foi outra ideia que o Mestre Abel Salazar sempre defendeu.

Nesta onda de ideias, também Descartes dividiu em quatro tipos a aprendizagem:

«Primeiro consistia em nunca aceitar como verdadeira alguma coisa sem a conhecer evidentemente como tal. Segundo dividia cada uma das dificuldades em tantas parcelas quantas fossem necessárias para melhor as resolver. Terceiro conduzia por ordem os pensamentos, começando dos mais simples e mais fáceis e subir gradualmente até ao conhecimento dos mais compostos. Quarto fazia enumerações tão íntegras, revisões gerais para ter a certeza de nada omitir»¹⁹.

Estes métodos (Kurt Lewin e Descartes) e ideias encontramo-los na pedagogia que Abel Salazar defendeu e que ao longo da sua vida como médico e como professor sempre exerceu e tentou inculcar nos seus discípulos.

¹⁸ Hans Schiefele, *Ensino Programado*, obra citada, p. 31.

¹⁹ Descartes, *Discurso do Método*, p.78-79.

3. A Obra Artística

O naturalismo representou uma tendência artística em toda a Europa que havia de prevalecer na segunda metade de século XIX. Constituiu uma corrente em que o artista pretendia imitar com exactidão a natureza física e humana e opunha-se ao idealismo e simbolismo, tendências em que prevalecia o subjectivismo.

Este movimento estético chegou a Portugal em 1879 por intermédio de Silva Porto (1850 – 1893) e Marques Oliveira que o assimilaram em França. Este passou por Barbizon²⁰ onde assimilou o método da pintura ao ar livre e a sua temática característica, a arte representada com a maior objectivação da realidade. Este pintor reproduziu a realidade do campo. Os pintores do naturalismo concentravam as suas atenções nos efeitos que a luz, a atmosfera e a cor podiam propiciar na criação de cenas, onde o ser humano, apesar de dominado pela natureza ou pelas condições de vida, surge sempre como um herói.

Escrever sobre Abel Salazar implica contextualizá-lo no tempo em que viveu, pois como diz Bernard Shaw²¹ num dos seus pensamentos “A sabedoria de um homem é proporcional não à sua experiência, mas à sua capacidade de adquirir experiência.”²² A vida activa e cultural de Abel Salazar começa em 1903, altura em que Portugal atravessa um período crítico que constituirá o final da Monarquia e as suas ideias e convicções são várias vezes confrontadas com acontecimentos históricos, como a primeira República, Primeira e Segunda Guerras Mundiais, que criaram novas correntes, novas ideias e novos movimentos que influenciaram toda a sociedade da altura. Na arte, o mestre em causa distinguiu-se pela originalidade das suas composições. De facto, não conseguiu libertar-se totalmente da estética oitocentista, mas interpretou-a à sua maneira, fazendo com que a estrutura dos quadros fosse diferente, representando motivos sociais e utilizando “a mancha e o volume como força da sua expressão dramática”²³. Experimentou uma técnica muito pessoal, a experimentação. Esta técnica bem como o grande humanismo estão presentes nos seus desenhos, gravuras, pinturas, esculturas, caricaturas e cobses martelados.

²⁰ A “ Escola de Barbizon “ tomou este nome porque um grupo de pintores franceses paisagistas viviam e trabalhavam na aldeia de Barbizon, arredores da floresta de Fontainebleau entre 1835 a 1870.

²¹ George Bernard Shaw foi escritor, jornalista e dramaturgo Irlandês. Autor de comédias satíricas que o tornaram um espírito irreverente e inconformista. (1856 – 1950). Vencedor do prémio Nobel de Literatura em 1925.

²² *Apud*, Paulo Neves da Silva, *O Livros das Citações*, Cruz Quebrada: Presença, 2005.

²³ Abel Salazar/Artista, *No 1º Centenário do seu Nascimento 1989*, Edição Inova/Artes Gráficas, 19 de Julho de 1989.

Abel Salazar começou por pintar paisagens, mas depressa evoluiu para outro tema: o da mulher. Aqui, deve ter tido influência o seu casamento infeliz. Casou com Zélia Barros, de 29 anos de idade e a profissão de costureira. Este enlace conjugal aconteceu em período de grande dor e depressão, por força de acontecimentos funestos que atingiram a sua família e também, na opinião da sua irmã, porque achava que tinha a obrigação de o fazer pelo facto de manter com aquela uma relação amorosa desde que era estudante. A indiferença mútua e a falta de amor tiveram como consequência natural a infelicidade no casamento. Curiosamente foi neste contexto que Abel começou a pintar a mulher do povo imprimindo-lhes grandeza humana. Havia de retratar costureiras, leiteiras, vendedeiras e trapeiras. Confirmamos, pois, que «colocou a mulher no âmago da sua obra», compreendeu-a, aprofundou os seus conhecimentos sobre ela e retratou-a a cores - a imagem da mulher enquanto tal -, e a carvão, rude negro - enquanto mulher na labuta quotidiana, ora descarregando barcos na ribeira, ora carregando fardos de carqueja, ora descarregando sacos de carvão, no mercado do Anjo e nos armazéns do Barredo»²⁴

A década de 1920 a 1930 foi muito fértil em desgostos e canseiras, como atrás aduzimos, por seu turno, a arte foi entretanto a sua “amante” como Abel Salazar lhe chamou e onde pôde usufruir algum prazer e merecida tranquilidade. O nosso protagonista teve sempre uma grande tendência para gostar de qualquer actividade que incluísse arte e assim também teve gosto pela música, daí ter-se tornado num dos primeiros sócios do Círculo de Cultura Musical do Porto, o qual foi fundado por Maria Adelaide Diogo de Freitas Gonçalves em 1937 e um assíduo frequentador dos concertos efectuados na cidade nortenha. Porém, mais do que na música, foi na arte da pintura, do desenho, da aguarela e dos cobses martelados que este Médico encontrou o maior gosto estético e sempre que pôde dedicava algum tempo à arte, à qual se manteve fiel, embora intermitentemente, até à morte.

Nos finais de Janeiro de 1922, este artista juntamente com o seu amigo e pintor Cerqueira Machado expôs aguarelas e desenhos à pena, ao lápis e ao carvão numa pequena sala da Misericórdia do Porto. Deste acontecimento, a imprensa pronunciou-se favoravelmente e relevou que algumas aguarelas tinham conseguido fixar uma requintada sensibilidade sobre algumas figuras típicas portuenses, como a costureirinha e as paisagens outonais, especialmente as minhotas, animadas por gente rústica²⁵.

²⁴ *Ibidem*

²⁵ Dulce Salazar, *Primeiro de Janeiro*, 28 de Novembro de 1922, p.90.

Entusiasmado com o sucesso, Abel aceitou o convite do seu amigo Cerqueira Machado para ambos exporem em Lisboa na Sociedade das Belas – Artes. E foi aqui que este pintor nortenho apresentou pela primeira vez quadros a óleo, técnica aprendida recentemente. Decerto, a imprensa manifestou o seu apreço pelas obras do cientista portuense, realçando nelas o desenho, os contrastes cromáticos e sobretudo o diversificado conteúdo: os tipos e usos dos mercados da Ribeira e do Anjo; os diversos recantos da cidade do Porto, onde os pobres e os humildes labutam e outros aspectos pitorescos da paisagem e dos costumes do norte do País.

A arte de Abel Salazar apelava a conteúdos nacionais. Com efeito, a temática das suas obras centrava-se na terra portuguesa e nas suas gentes mais características e típicas, a costureirinha, a leiteira e a trapeira portuense, os seus usos e costumes. Era uma arte que incluía os ingredientes necessários para o êxito junto das camadas sociais, republicanas e burguesas. Não podia ser considerada modernista nem revolucionária, antes fazia exaltar a vida rústica e urbana mais simples, bem como, a dos seus heróis “anónimos” e humildes apresentados em composição de formas, luz e cor, que geravam no espectador sensações em simultâneo de simpatia e beleza.

O artista nortenho, ao imprimir um sentido progressista à maioria da sua pintura, não só era coerente consigo e com as suas ideias, mas assumia a condição de paradigma geracional pela projecção da sua figura de Mestre da Ciência e do Pensamento. O seu relacionamento artístico com a sociedade em que se inseria paradoxalmente foi aprofundada no exílio forçado pelas cidades europeias, e aí colheu ainda como compensação, em galerias e museus, muitos ensinamentos que o seu talento havia de fazer manifestar nas suas obras.

Como pintor, mesmo antes das suas idas ao estrangeiro, foi sempre intérprete da realidade social do seu tempo. Nos trabalhos que levou a cabo nunca sentiu a necessidade de recorrer ao cubismo, nem tão pouco de vincar o “expressionismo” nos considerados temas sociais. A liberdade criativa e a espontaneidade, que se sentem na maioria dos respectivos trabalhos artísticos, marcaram sempre uma posição crítica frontal ao ensino sistemático do desenho que prevalecia na arte portuguesa e nas academias nacionais na primeira metade do século XX.

Podemos, pois, considerá-lo na pintura um precursor da expressão neo-realista entre nós. Entretanto, os modernistas e os futuristas estabeleceram, com os “clássicos” e os “académicos”, uma polémica com as suas exposições, mas Abel Salazar nunca pretendeu provocar a burguesia, embora ele fosse um vivo polemista e um crítico esclarecido. Com

efeito, por via da sua pintura quis e conseguiu ir mais além. Através dela fez transparecer todo um sério sentido de humanidade, vindo dentro de si e descoberto também nas figuras populares que retratou.

Reconhecido como pintor e desenhador, produziu ainda uma grande e qualificada obra como caricaturista, gravador, escultor e martelador de cobres. Na pintura a óleo de paisagens, revela uma extrema sensibilidade, os retratos confirmam a sua experiência pictural, um apego à pincelada livre e às cores que tradicionalmente utilizava. Nas manchas a óleo, trazidas de Paris, consegue ilustrar a vida da bela mulher parisiense. Nas aguarelas, reporta as interessantes figuras de mulheres minhotas a carregar pesadas caixas. Nos múltiplos desenhos, exprime-se com diversificadas caligrafias de cariz espontâneo e pessoal.

A caricatura não abunda na sua produção. Decerto, deixou-nos algumas peças, em que somente figuram professores universitários, cientistas, intelectuais e amigos. Cremos, todavia, que teria atingido a notoriedade ou, porventura, pelo contrário, sofrido a prisão se não recusasse caricaturar as personalidades políticas da época.

Como escultor, trabalhou com o barro, mas sobretudo usou a bigorna e o martelo, para dar vida a peças e movimento aos volumes. Os seus pratos de cobre deram-lhe fama. Porém, a sua experiência com o barro foi fugaz, produzindo pequenos trabalhos, como uma estatueta em barro e o busto de um pintor seu amigo. Em bronze, deixou-nos a cabeça do matemático Frechet. Parece-nos ter sido nos cobres martelados que a sua produção se tornou mais rigorosa e exigente, em trabalho lento, difícil, muito técnico e de grande esforço. Um simples croqui era a base e a partir daí com a sua motivação, uma exímia execução pessoal, repuxando e combinando a acção dos ácidos com o fogo, fazia surgir o corpo nu de uma mulher, pleno de expressão e sensualidade. A oxidação forçada pelo calor e por acção dos gases, que o Mestre obtinha do fogo do combustível vegetal, composto de ramos de videira, alecrim do Norte e outros materiais, cujas essências e fumos deixavam aqueles negros-lacas, negros-verdes e azuis-escuros esverdeados, fazia parte da técnica utilizada por Abel Salazar. O trabalho artístico mais curioso do Mestre está na espontaneidade da criação estética dos cobres martelados. Colocava uns discos de cobre sobre a bigorna e com umas marteladas, sem desenho prévio, fazia emergir do metal figuras riosas e pujantes de vida. Abel Salazar executou obras de arte sem procurar o Belo, nem o Sublime, nem o Real, nem qualquer outra finalidade estética, realizava-as simplesmente. A sua colecção de cobres martelados, patinados e lacados a fogo, impressionou de tal forma Alexandre Ferreira Barros que o levou

a publicar no Jornal de Notícias, de 25 de Novembro de 1955, palavras entusiásticas e de apreço sobre o Mestre.

A sua pintura conheceu duas fases: a primeira, com tons onde prevaleciam os ocres, os castanhos-avermelhados; a segunda, com tons escuros que atingem um extremo claro-escuro, onde a espessa atmosfera negra envolve as figuras, pondo só em evidência a sua acção. Desenvolveremos tal temática de imediato.

3.1. Abel Salazar e a Pintura

O cientista português já tinha participado em algumas exposições de artes plásticas antes de 1935, porém, só, em 1938, conseguiu alcançar o êxito e a notoriedade, que o seu talento e a sua capacidade como pintor, desenhador e gravador, mereciam. Até então, não passava por desconhecido. Nesta área, porque ainda expusera pouca coisa e somente era reconhecido na área do Porto e num rol de amigos espalhados pelo país. Mas a razão principal deste conhecimento oculto devia-se mais às ideias que ele defendia, o que na altura ia contra a corrente artística existente, o Modernismo, ao qual Abel Salazar contrapunha, todavia um profundo apaixonado pelo Impressionismo. Ele defendia que o Modernismo atingia o máximo da decadência histórica da Europa, enquanto que o Impressionismo, para ele, se tornava o cume da evolução artística.

Felizmente as suas opiniões partilhadas por Sousa Lopes, sucessor de Columbano na direcção do Museu de Arte Contemporânea, a partir de 1929, o qual na tomada de posse afirmou ser o Impressionismo a arte que mais convinha a Portugal, porque existíamos como um povo mais sensível do que cerebral.²⁶ Em 1932, o crítico francês Pierre du Colombier veio a Portugal e afirmou a verdade é que se não desapareceu também não se desenvolveu mais.

No Outono de 1938, mais propriamente em Novembro, Abel Salazar fez a sua grande exposição, que o projectou para o futuro. A sua onda favorável começou com um comentário de Diogo de Macedo, no 2º Salão de Arte Moderna, que considerou uma exposição de arte académica, rotineira e respeitável e depois em Abril de 1939, Ressano Garcia, Presidente da Sociedade Nacional de Belas-Artes e professor de duas escolas, falou contra a arte moderna e seus sequazes, acusando-os de degenerados mentais.

O modernismo entrara então em derrapagem e em alternativa havia o regresso ao realismo bucólico e/ou nacionalista e à arte social, a qual estava politicamente comprometida

²⁶ *Apud* José-Augusto França, *A Arte em Portugal no Século XX*, Lisboa: Livraria Bertrand, 1974, p. 200.

com a oposição ao regime da ditadura salazarista. É então nestas circunstâncias que, em 1938, aparecem as exposições de Abel Salazar, a primeira em Janeiro, no Porto e a segunda no mês de Novembro, em Lisboa, ambas com a ajuda e iniciativa de amigos.

As exposições do cientista portuense, tiveram um grande eco, porque as suas obras apresentavam uma arte intencionalmente social, parecendo compartilhar as opiniões que eram timbre, simultaneamente, dos opositores à “arte pela arte, dos antipresencistas e dos opositores à política do gosto salazarista e aproveitaram para exaltarem os valores do trabalho e dos trabalhadores, mostrando a dignidade e a nobreza que havia nas suas tarefas, que habitualmente desempenhavam para sobreviver, e ainda, para denunciarem a opressão e injustiças sociais de que era vítima o proletariado, e aqui, o elemento mais frágil - a mulher – e assim conseguiam arremessar mais um golpe contra o ditador Oliveira Salazar.

Era óbvio que a classe média conservadora e a pequena-burguesia não vislumbravam essa intenção social e revolucionária nos quadros de Abel Salazar, nem mesmo Jorge Domingues e Álvaro Cunhal, intelectuais da esquerda política. Conseguiam ver, sim, a fascinante atmosfera rambrandtiana, a animação e o movimento das feiras, das tarefas domésticas, da carga e a descarga no cais, do café, do trabalho: apercebiam-se também da beleza e da fragilidade e elegância feminina com que o histologista portuense as exprimia, a luz e a cor com que iluminava as tarefas mais rudes e banais do trabalho de braços, onde a realidade social era um mero pretexto para sugerir uma emoção estética.

Assistimos, assim, a uma curiosa convergência de opiniões acerca do valor da arte de Abel Salazar, fruto mais das circunstâncias do que do seu génio criador. As exposições que fez naquela data, tanto a primeira como a segunda, tiveram como tema central o trabalho da mulher; é o trabalho de rua, do cais, das oficinas, trabalho doméstico, a animação de feiras e mercados; no entanto também pintou temas, embora menos representativos, os *boulevards* de Paris, as suas tanagras, multidões de rua, retratos, cenas urbanas e de café. Em todos, predomina a luz e a cor sobre forma, ora em violentos contrastes ora numa doce leveza; em todos, a ausência duma figura escultórica e a presença da figura deliberadamente imprecisa.

O público e a crítica da imprensa reagiu bem ou mal a estas exposições? Pelos jornais diários do Porto e de Lisboa sabemos que foram muitíssimo concorridas. Uma advertência, a este propósito, José-Augusto França, referiu que a crítica da arte em Portugal, na década de trinta, estava entregue a cinco jornalistas – Artur Portela, Luís Teixeira, Vítor Falcão, Augusto

Pinto e António Ferro. O jornalista opinava sobre arte por obrigação, era tarefa ou serviço para o qual, ocasionalmente, era destacado²⁷.

Esta opinião era compartilhada também por Abel Salazar, que achava que a crítica de arte em Portugal limitava-se a floreios mais ou menos literários de amadores, daí pensar que a nossa história de arte era um montão de pedras em vez de um edifício²⁸. Uma crítica à base de um juízo científico não havia quem a fizesse em Portugal e o Histologista portuense tinha consciência que, mesmo com todo o seu empenho, todas as críticas de arte que fez em livro e em artigos não satisfaziam os requisitos duma crítica científica, quando muito poder-se-iam situar numa simples opinião dogmática e a impessoalidade do estudo objectivo, num plano intermédio, mas de qualquer maneira parcial e incompleto e além de ficar muito agradado com as críticas de Celso²⁹, Octávio Sérgio³⁰, João Alberto³¹, Artur Portela³², Jorge Domingues³³ e Álvaro Cunhal³⁴ entre outros, não as teve muito em conta porque vinham de gente que ignorava em grande parte o que era a crítica científica duma obra de arte.

Mas a verdade é que, embora tenham tido pouca importância para Abel Salazar, as exposições tiveram um grande êxito para a opinião pública, porque esta é influenciada pela comunicação social e pelas elites intelectuais nas suas intervenções. A comunicação social influenciou, não só no gosto do público letrado, mas também na criação de uma nova imagem de Abel Salazar como mestre de pintura – um génio – como lhe chamaram, mas um génio bom, porque, na sua arte demonstrava o interesse pelos humildes, pelos mais fracos, e por todos aqueles que trabalhavam, especialmente os que desempenhavam um trabalho braçal e rude.

Ora a este génio bom, se juntarmos a injustiça na sua demissão compulsiva, temos, além dum génio, um mártir. Esta foi a imagem com que muitos ficaram de Abel Salazar, embora outros retivessem, somente, a imagem de um notável histologista, um pintor de talento, um excelente pedagogo e um intelectual curioso de problemas filosóficos e epistemológicos, demitido da universidade devido à sua ingenuidade e às manobras dos seus inimigos pessoais, enfim, num caso ou noutro, a imagem que permaneceu foi boa. Para fomentar esta imagem contribuíram muitas críticas positivas, que passamos a apresentar: No

²⁷ *Apud* José-Augusto França, *op. cit.*, p. 209.

²⁸ Abel Salazar, “A propósito da célebre questão da *arte pela arte*”, in *O Diabo*, 26 de Junho de 1938 p.4.

²⁹ *Jornal de Notícias* 16 de Janeiro de 1938.

³⁰ *Primeiro de Janeiro* 9 de Janeiro de 1938.

³¹ João Alberto, “Do valor artístico de Abel Salazar, na sua exposição de pintura, desenho e gravura”, in *Sol Nascente*, nº 23, 15 de Janeiro de 1938, pp.10-11.

³² *Diário de Lisboa* 16 de Novembro de 1938.

³³ *Jornal Esfera* (Rio de Janeiro), nº 7, “Exposição de Abel Salazar” Novembro de 1938.

³⁴ Cartas de Álvaro Cunhal a Abel Salazar, Novembro de 1938, BGUM, misc.nº.32980, p.116.

Jornal de Notícias de 16 de Janeiro, Celso, depois ver a exposição, interrogou-se: “a que escola pertence este homem singular, que assim se apresenta como um artista de grande raça, depois de ter passado pelos laboratórios e pela cátedra, sem ter pousado o seu cavalete nas academias e nos ateliers?” e acrescentava ainda “ eu não conheço na arte da nossa terra uma revelação impressionista, tão perturbadoramente marcada como esta”.

Já no dia 5 de Janeiro o *Primeiro de Janeiro* anunciara a abertura da exposição, rotulando-a de “notável acontecimento artístico” e dois dias depois, o periódico nortenho, com uma caricatura de Abel Salazar fez um ampla notícia da exposição e considerando-a um acontecimento”de maior alcance dos últimos anos no meio cultural português”. O redactor anónimo, em abono desta afirmação, invocava a maneira expressiva e dramática como o mestre registara o seu interesse pelo movimento social e pela vida dolorosa dos que mourejam humildemente. No dia 9, no mesmo periódico, Octávio Sérgio³⁵, notável caricaturista e amigo de Abel Salazar, depois de salientar a personalidade multifária deste – homem da ciência, escritor, filósofo, crítico de arte, pintor, desenhador e gravador, exalta, sobretudo, o pintor social, o pintor da rua e do trabalho. Segundo Octávio Sérgio “ ele afirma-se como um panfletário apaixonado, ardente de entusiasmo e vibração, como devem ser, afinal, todos os pintores sociais dignos deste nome; por isso mesmo é que as suas obras parecem inacabadas, improvisadas mas não o são. Elas terminam aí mesmo, é a técnica agreste e agressiva dos panfletos, ou seja, uma técnica onde o conteúdo se sobrepõe à forma e o geral ao singular e ao pormenor”³⁶.

Teria razão Octávio Sérgio? Na opinião de Norberto Cunha, não tinha razão porque embora os quadros de Abel Salazar tivessem uma intenção social, ela foi diminuída no acto criativo, porque para o Histologista portuense era simplesmente um acto vital e nada mais. Abel Salazar já tinha antes falado sobre as obras inacabadas ou incompletas e se alguns dos seus trabalhos pareciam inacabados, não era porque neles importasse mais o conteúdo do que a forma, por isso o amigo não tinha razão³⁷. João Alberto achava que as suas obras estimulavam o espectador a participar na sua recomposição, desafiavam-no a acabar os quadros aparentemente inacabados, como se, no pormenor ausente estivesse o essencial do que aparentavam, a decifrar os enigmas que a cor e a luz faziam pressentir e, simultaneamente, resguardavam.

³⁵ Octávio Sérgio nasceu em Leiria em 1896 e faleceu em Vila Nova de Gaia. Foi caricaturista e amigo de Abel Salazar.

³⁶ *Jornal Primeiro de Janeiro*, 9 de Janeiro de 1938.

³⁷ Abel Salazar, *Paris em 1934*, Porto: Tipografia Civilização, 1938, pp. 10-11.

Alguns argumentavam que Abel Salazar era um bom artista, mas não um grande pintor. João Alberto era de opinião que uma obra de arte não tinha de ser, necessariamente uma boa pintura; exemplo disso apresentou as *pinturas negras* de Goya. Uma pintura era uma imitação do que é objectivo; um bom pintor, portanto, era aquele que imitava, com rigor, a realidade exterior ao sujeito, assim poder-se -ia dizer que Abel Salazar era um bom artista e também um grande pintor.

Mas foi com a exposição dos seus 304 quadros na Sociedade Nacional de Belas-Artes, em Lisboa, no mês de Novembro de 1938, que o Histologista portuense alcançou a maior cota de prestígio como artista plástico junto da opinião pública.

A imprensa Lisboeta influenciou muito e embandeirou em arco a obra do cientista portuense. Diogo de Macedo³⁸ considerou-o “ um dos mais extraordinários casos de arte que conhecia”. Em 27 de Novembro de 1938, Cristiano de Lima, n’*O Diabo*, considerou a exposição do mestre portuense “ o maior acontecimento artístico do ano”. Quase todos comungavam da mesma opinião como *O Diário de Notícias*, na sua edição de 18 de Novembro de 1938, afirmou que a exposição constituía um acontecimento “muito especial e sensacional” e a exposição era de” um desenhista Formosíssimo, um pintor de merecimento, um aguafortista de expressões vigorosas e um gravador esmerado, um prodígio de saber que assombrava pelas modalidades de cultura e apumado espírito, um eminente mestre onde não há apenas talento, mas génio”.

Mas a crónica de Artur Portela foi a mais influente junto da opinião pública, no *Diário de Lisboa* este jornalista, no dia 16 de Novembro de 1938, afirmava o seguinte: “Abel Salazar é o maior pintor português vivo. Em face desta exposição assombrosa, excedente de pujança, de assuntos vivos e de alta emoção artística, em que sentimos a ansiedade nervosa de admiração subir sempre, não hesitamos em escrever, com todo o seu peso e valor, a palavra – génio”. E em conclusão, interrogava-se: “como é possível, [...] que este genial artista viva em Portugal, sendo professor ou qualquer outra coisa – não sendo, apenas, o que deve ser: o artista, o mestre, o condutor de toda uma geração de espíritos?”. Mas nem todos eram desta opinião, Fernando Pamplona afirmava no *Diário de Manhã* de 28 de Novembro de 1938 que era exagerado o burburinho levantado à volta da exposição de Abel Salazar. Não lhe tirando valor, não a considerava uma exposição de um mestre e até insinuou que toda esta excitação

³⁸ Diogo de Macedo nasceu em Vila Nova de Gaia a 22 de Novembro de 1889 e faleceu em Lisboa a 19 de Fevereiro de 1959. Foi escultor, museólogo e escritor português.

se ficava a dever, talvez, à sua homonímia aparente com o Presidente do Conselho Oliveira Salazar.

Contudo, as manifestações de despreço, embora raras, não surgiam apenas da imprensa conservadora, algumas questões pertinentes foram-lhe postas por Jorge Domingues e Álvaro Cunhal, os quais não tinham qualquer antipatia por Abel Salazar, antes pelo contrário; o primeiro fê-las na revista *Esfera* e o segundo fê-las através duma troca de cartas. Todavia, todos foram unânimes em valorizar o conteúdo das suas obras que se pode resumir numa só palavra – trabalho. Vamos abordar estas opiniões porque vêm de dois intelectuais argutos, bem informados da arte social.

Jorge Domingues reconhece que o pintor portuense se revelava mais nos quadros em que o trabalho das mulheres era o seu único motivo de inspiração, no entanto, confessa “na pintura social de Abel Salazar sentimos faltar qualquer coisa. Há um factor beleza. Mas não aparece o factor combate. Essa pintura social não fixa, pois, uma expressão de arte proletária, quer dizer, uma pintura construtiva, desenhando novos limites para além das lágrimas presentes”.³⁹ Para Jorge Domingues é uma arte que sensibiliza e estesia, com intenções sociais comoventes, mas que não irrita nem revolta, uma arte onde a emoção estética se sobrepõe ao realismo documental. Assim sendo uma pintura social sem nunca ser ou pretender ser arte proletária.

Álvaro Cunhal admirou a obra do mestre pelo contraste que conseguiu estabelecer entre a mulher ociosa e a mulher trabalhadora e surpreendeu-se como é que “uma mesma sensibilidade pôde sentir a beleza serena e cuidada da mulher que vive para si - para os seus vestidos, o seu *ménage*, o seu aspecto – e a beleza do vigor e do esforço da mulher que luta pela vida e pelo pão, e que, por tal, se verga sob insuportáveis fados”.⁴⁰ Contudo, Abel Salazar, na opinião de Álvaro Cunhal representa a mulher proletária com rigor, as mãos crispadas de desespero, as feições sombrias e trágicas, os braços enrodilhados pelo tronco. A mulher burguesa é representada por uma beleza serena e mirífica. Trata uma e outra como duas realidades distintas. Só peca por não ter sabido dar a esse antagonismo uma dimensão dialéctica, mostrando, por exemplo, o egoísmo, a vaidade e o vazio de sentimentos das burguesinhas e acima de tudo a falta de compromisso e o desinteresse para com aquelas que e só com esforço conseguem ter que comer e beber. Par Álvaro Cunhal esta é a grande lacuna

³⁹ Jorge Domingues, “Abel Salazar em Lisboa”, in *Esfera* (Rio de Janeiro), ano II, nº8, Novembro de 1938, p. 31.

⁴⁰ Carta de Álvaro Cunhal a Abel Salazar, de 20 de Novembro de 1938, in Abel Salazar, [Inéditos], BGUM, misc.nº 32980, p.116.

nas peças de Abel Salazar, não mostrarem os dois mundos, o da burguesia e o do proletariado, uma vez que estes se interpenetram e explicam mutuamente. Álvaro Cunhal insiste que os trabalhos do histologista portuense constituem uma interpretação vigorosa, realista e revolucionária do mundo do trabalho, mas não conseguem uma interpretação ideológica de classe. Contudo, nós sabemos que o cientista portuense se considerou um homem que contra as injustiças sociais, embora não tomasse partido ou se integrasse em qualquer. Havia com Cunhal uma certa comunhão de ideias, mas no entender de Abel Salazar não significava mais do que uma solidariedade de intenções e não envolvia qualquer compromisso político-partidário, nem sequer uma identidade de princípios.

Estas foram as principais críticas à obra de Abel Salazar, todavia, pesando os pós e os contra, encontramos um saldo muito positivo. Talvez, por este saldo favorável, Abel Salazar, tenha resolvido expor novamente no Porto e em Lisboa. A primeira exposição teve lugar no Salão Silva Porto de 3 a 17 de Janeiro de 1940 e a segunda realizou-se em Lisboa na Sociedade Nacional das Belas-Artes de 16 a 31 de Dezembro do mesmo ano. A exposição no Porto foi noticiada pelo *Primeiro de Janeiro* e pelo *Jornal de Notícias* nas suas edições de 7 de Janeiro. As notícias, ao contrário do que acontecera dois anos antes, foram de poucas linhas e não fizeram nenhum juízo valorativo. Houve recuo ou já tinha sido dito tudo o que havia para dizer, talvez as duas coisas. No fundo o que ficou para muitos foi que a obra de Abel Salazar representava a expressão da alma lusíada e trabalhadora sequestrada e agonizada pelo salazarismo.

4. A Intervenção Cívica

Durante a sua formação Abel Salazar, decerto, leu a obra *Curso de Clínica Geral* José de Letamendi y Manjarres (1828-1897), de que colheira um lema para a vida: o «médico que não sabe mais do que Medicina, nem sequer medicina sabe»⁴¹. Abel Salazar foi um político como nós sabemos, mas um político com convicções políticas diferentes dos políticos da altura. Do ponto de vista científico, este portuense era um relativista, nunca atribuiu às teorias um valor absoluto, tudo o que não era ciência não era absoluto e a política não o era. Abel tinha crenças políticas mas não absolutas. Ele dizia que a verdade não existe nem nas direitas nem nas esquerdas, não é pertença do fascismo nem do marxismo, de conservadores, reaccionários ou revoltados. A verdade em política não existe. O seu combate ao lado de alguns comunistas, deve ser interpretado não como uma acção de solidariedade ideológica, mas como uma acção de solidariedade contra o fascismo. Colaborou em algumas revistas como *Povo do Norte*, *Ideia Livre*, *Seara Nova* e ainda escreveu artigos para os jornais *O Diabo*, *O Trabalho* e *Voz da Justiça*, sendo este último um jornal republicano onde Aquilino Ribeiro e João de Barros juntamente com Abel Salazar escreveram muitos artigos contra o regime da época.

Colaborou ainda na revista *Afinidades*, de cultura luso-francesa, uma revista editada em Faro e em Lisboa nos anos de 1942 a 1946, cujo director foi Francisco Fernandes Lopes, médico, natural de Olhão e teve ainda como colaboradores nomes sonantes como Adolfo Casais Monteiro, André Malraux, João Gaspar Simões, Lionel de Roulet, Mário Dionísio, Saint-Exupery e Simone de Beauvoir.

4.1. Abel Salazar e os Fundadores da República Portuguesa

Durante o seu crescimento e formação, Abel Salazar assistiu ao crepúsculo do regime monárquico, às tentativas de construção de uma república democrática e à afirmação da ditadura e do Estado Novo. Jovem mancebo, empenhou-se denodadamente na implantação dos valores republicanos, na forma da época, através da imprensa periódica, fundando o jornal *Arquivo*⁴². No melhor estilo do tempo, poderíamos dizer que aos vinte anos, o que viria a ser um distinto médico e professor universitário, pretendia afirmar-se como um publicitário como

⁴¹O homem para além de professor, pedagogo, médico tem que ser acima de tudo sensível e humanista.

⁴²Funda com outro colega do Liceu Central do Porto o jornal escolar *Arquivo* em 1906.

o era, em Lisboa, o também jovem Aquilino Ribeiro um defensor dos ideais que veremos adiante.

Abel Salazar deve ser considerado herdeiro dos ideais da geração de setenta, a que sucede, pelos contactos já demonstrados anteriormente. A justiça representa, para os principais arautos do republicanismo em Portugal, o primeiro e mais importante valor a promover perante as gritantes desigualdades sociais no país. A Geração de Setenta de Oitocentos tinha propugnado por ele e Abel Salazar assumiu-o como lema. Por ele, há-de colaborar no bissemanário *A Voz da Justiça* (1902-1938) ao lado de Aquilino, de Raul Brandão, Henrique de Vilhena, entre outros. Este bissemanário era um jornal republicano e o seu obreiro foi Bernardino Machado, um maçom pertencente à Loja Fernandes Tomás, que controlava a edição e circulação do mesmo. Neste periódico, fizeram eco as posições a favor do Registo Civil Obrigatório, a Lei do Divórcio e a Lei de Separação do Estado das Igrejas.

4.2. Abel Salazar e o Estado Novo

Em 1931, Abel Salazar teve alta da Casa de Saúde de S. João de Deus em Barcelos e feliz e entusiasta apareceu no Porto com uma grande vontade de voltar à sua actividade, depois de uma ausência de cinco anos devido a um esgotamento.

Entretanto, tinham ocorrido as mudanças devidas à ditadura militar saída do “ 28 de Maio “ de 1926. Com o recomeço do seu trabalho, houve também uma alteração em relação à sua actividade antes de adoecer: deixou de privilegiar a histologia e a embriologia para se dedicar mais intensamente à pintura, à história, à crítica de arte, á filosofia científica e à divulgação cultural.

A partir de 1932, empenhou-se muito numa campanha de divulgação cultural, visando mudar as mentalidades, especialmente a dos estudantes e a partir desta data Abel envolveu-se numa cruzada educativa. Para isso, apoiou-se na Maçonaria e sobretudo em instituições académicas e nas associações estudantis ou afins: Associação Profissional de Estudantes de Medicina do Porto, Associação de Estudantes de Medicina de Lisboa, Universidade Popular de Lisboa, Centro Académico Republicano de Coimbra. Com efeito, não pode contar com os grande meios de comunicação que começavam a fazer parte de uma engrenagem que dificultava a emancipação intelectual e cívica dos cidadãos. No entanto, devido ao seu relacionamento com alguns membros da maçonaria pode subscrever artigos nos jornais “*O Primeiro de Janeiro*”, “*O Raio*”, “*O Trabalho*”, “*A Voz da Justiça*” e o “*Povo do Norte*”.

A opção de deixar a ciência para se dedicar à divulgação cultural ficou a dever-se: em primeiro lugar, à degradação do material do Instituto de Histologia e à sua inoperacionalidade, por falta de verbas em nome da contracção nas despesas públicas defendida pela política governativa; em segundo lugar, depois do regresso à faculdade, encontrou uma academia amodorrada, ignorando os seus deveres e direitos, num completo marasmo de irresponsabilidade, com os seus responsáveis desinteressados de tudo e os alunos transformados em rebanho amorfo e sem carácter, uma monstruosidade na perspectiva de Abel Salazar; por último, pensava que só conseguia derrubar a ditadura se educasse positivamente as pessoas, teria que haver uma democratização de mentalidades, que naturalmente acabaria por sacudir a carcaça ditatorial.

Entretanto, a ditadura militar vencedora, para combater a crise económica do país, optara, entre outras medidas, por um corte significativo nas despesas públicas e, como é óbvio, a educação foi o primeiro sector a ser atingido. Os efeitos não tardaram. Os professores começaram por abandonar a investigação científica. Dá-se um retorno à rotina. Entre os que reagiram, às primeiras consequências da nova situação, Abel Salazar foi preponderante, juntamente com Aurélio Quintanilha, Rodrigues Lopes e Hernâni Cidade. Contra tais opositores, Estado Novo há-de publicar um decreto-lei que facilitaria a sua expulsão das instituições académicas e científicas. Abel Salazar seria forçado ao abandono da Faculdade de Medicina do Porto. Em 13 de Maio de 1935⁴³, o Governo do Estado Novo publicou o famigerado decreto-lei nº 25317, par dar uma aparência de legitimidade às perseguições políticas, que então tinha planeado.

Os dois primeiros artigos desse decreto-lei diziam o seguinte:

«Art.1º. Os funcionários públicos ou empregados, civis ou militares, que tenham revelado ou revelem espírito de oposição aos princípios fundamentais da Constituição Política, ou não dêem garantia de cooperar na realização dos fins superiores do Estado, serão aposentados ou reformados, se a isso tiverem direito, ou demitidos em caso contrário».

«Art.2º. Os indivíduos que se encontrarem nas condições do artigo anterior não poderão ser nomeados ou contratados para quaisquer cargos políticos nem admitidos a concurso para provimento neles».

A este artigo acrescenta-se o seguinte parágrafo:

§ Único: Quando o provimento se fizer mediante concurso por provas públicas, estas não poderão começar sem que ao respectivo Ministro seja dado conhecimento da lista dos candidatos com a antecedência de dez dias.

⁴³ *Diário do Governo*, nº 108, I série de 13 de Maio de 1935.

Os princípios fundamentais da Constituição Política invocados no art. 1º, foram aprovados em 19 de Março de 1933 em plebiscito, com as abstenções descaradamente contadas como votos de aprovação.

Além destas disposições, outras medidas legislativas determinavam que a demissão, reforma ou aposentação e a exclusão de concursos ou escolas era sempre da competência do Conselho de Ministros. Todas as decisões, deste soberano e onipotente Conselho de Ministros, só poderiam ter recurso para o próprio Conselho. Como se pode verificar, este decreto-lei, dava, ao Governo Salazarista, poderes absolutos para demitir quem quisesse e impedir a participação num concurso a provas públicas aos candidatos, que não fossem benquistos do Governo. Os trabalhadores da Ciência e Cultura, nomeadamente professores de qualquer grau de ensino, poderiam ser perseguidos, desde que, não fossem afectos ao regime salazarista. Para além dos nomes referidos atrás, foram expulsos, entre outros, os lentes universitários Manuel Rodrigues Lapa, Sílvio Lima e Norton de Matos e os professores do ensino primário Jaime Carvalhão Duarte, Costa Amaral e Manuel da Silva.

A perseguição governamental aos professores era uma espécie de mandamento do fascismo e assim, tanto em Portugal como no estrangeiro, deu origem a artigos de contestação, por parte de figuras isentas como Jacques Salomon⁴⁴. Algumas linhas do artigo deste intitulado *Pour le Libré Développement de la Science*, incluído no livro *Pour la Science*, da autoria de Joë Metzger, merecem citação:

«Não se conhecem bem todos os golpes que o fascismo no poder conseguiu aplicar à pesquisa livre, à ciência, a qual receia que venha a ser um meio de libertação do homem. Desde a chegada de Hitler ao poder, as fogueiras de livros, as perseguições aos cientistas marcaram o desprezo dos fascistas pela inteligência. Em 1936, 1654 professores e eruditos tinham sido expulsos da Universidade; a maior Universidade alemã, a de Berlim, perdia a terça parte do seu efectivo. Em dez prémios Nobel da Física, cinco tiveram de deixar o país; em cinco prémios Nobel de Fisiologia e Medicina, três foram demitidos»⁴⁵.

Podemos dar ainda outro exemplo colhido de uma publicação universitária:

«A imitação mais deplorável do nazismo foi, a partir de 1938, a instauração do racismo e anti-semitismo. Com o apoio de universitários complacentes, um “manifesto em defesa da raça” foi difundido em Julho, exaltando a pureza do tipo físico italiano, imutável desde há mil anos e que devia ser preservado da sujeira. Foi seguido da criação do “ Conselho Superior para a Demografia e a Raça”. Em Agosto, o regime começou a perseguir os judeus»⁴⁶.

⁴⁴ Jacques Salomon hadamard (1865-1963) Professor de matemática, nasceu em Versailles, França. Esteve envolvido em escândalos políticos que marcaram a história política e social da Terceira Republica Francesa, após a queda de França nas mãos Nazis, em 1940, emigra para os Estados Unidos.

⁴⁵ Vários, *Abel Salazar – Retrato em movimento*, Porto: Campo das Letras - Editores, S.A., 1ª. ed., Dezembro de 1998. Depoimento de José Morgado.

⁴⁶ Cf. Paul Guichonnet, *Mussolini et le fascisme*, Colecção “*Que sais-je?*”, nº1225, p. 96.

Entre os professores perseguidos pelo fascismo italiano, contam-se: o astrónomo Arturo Guedes Horn, da Universidade de Bolonha; os matemáticos Beppo Levi e Benjamino Segre, da Universidade de Bolonha; Giron Fano, Guido Fubini e Alessandro Terracini, da Universidade de Turim; Arturo Maroni, da Universidade de Pavia; Guido Ascoli, da Universidade de Milão; Federigo Henriques e Túlio Levi-Cevita, da Universidade de Roma. Os matemáticos portugueses Aureliano de Mira Fernandes e Ruy Luís Gomes correspondiam-se com Levi-Cevita e foi por intermédio deste que Mira Fernandes publicou trabalhos de investigação na revista italiana *Rendiconti della Accademia* bem como Ruy Luís Gomes. Em relação a Portugal, houve muitas expulsões e outros foram impedidos de exercer as funções docentes, caso de Abel Salazar, por não renovarem contratos ou por não aprovação das propostas de contrato apresentadas pelos estabelecimentos de ensino. Uns anos mais tarde e já perto do final de vida do nosso cientista português, as expulsões continuaram e foi a vez de, entre outros, os professores catedráticos Bento de Jesus Caraça e Mário de Azevedo Gomes, em 1946 e 1947 respectivamente. Neste último ano, e de uma só vez, foram expulsos 11 militares, 21 docentes do ensino universitário, 2 professores extraordinários e 8 assistentes.

Nos anos seguintes, as perseguições continuaram aos homens da Ciência e da Cultura, ajudadas não só pelo decreto-lei 25317 mas também por uma tradição longínqua de mais de 200 anos vinda do tempo da Inquisição, em Portugal, e ainda por outras ditaduras que o povo português sofreu ao longo dos tempos. Como exemplo, a ditadura miguelista que reduziu a 600 as 900 escolas existentes e mais tarde ainda reduziu mais 50 o que prova a tendência ditatorial em manter o maior número de analfabetos em Portugal. Rómulo de Carvalho regista na sua *História de Ensino em Portugal*: «Só uma lista datada de 1828 aponta 218 nomes de mestres e de professores, de primeiras letras e latim, que tinham sido afastados do serviço. Também os estudantes eram motivo de preocupações para o Estado. Em 1828 e 1829 foram mandados riscar da Universidade de Coimbra 457 estudantes»⁴⁷. Também a ditadura de Costa Cabral reduziu o âmbito do ensino nas escolas primárias e no ensino secundário suprimiu o ensino da Língua Francesa, Língua Inglesa, Física, Química e História Natural. Excepcionalmente, os liceus de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga e Évora podiam ensinar Francês e Inglês.

Vivia-se numa época em que os interesses dos governantes estavam longe de diminuir o analfabetismo em Portugal, pelo contrário incentivavam mesmo ao analfabetismo como nos informa a escritora Virgínia de Castro e Almeida no jornal *O Século*: «A parte mais linda,

⁴⁷*Ibidem* – 39.

mais forte e mais saudável da alma portuguesa, reside nesses 75% de analfabetos»⁴⁸. Em alusão aos rurais que aprenderam as primeiras letras, pergunta a escritora, e responde: «Que vantagens foram buscar à escola? Nenhumas. Nada ganharam. Perderam tudo. Felizes os que esqueceram as letras e voltam à enxada». No seguimento desta onda mencionamos também João Ameal que transcreveu o seguinte (ver *Educação Nacional*):

«Portugal não precisa de escolas (...). Ensinar a ler é corromper o atavismo da raça (...). Na nossa terra há alguns espíritos sem preparação mental que se interessam pela obrigatoriedade do ensino primário, como se fosse uma das primeiras necessidades fisiológicas do povo».

Alfredo Pimenta, outro historiador, transcreveu também o seguinte (ver *Educação Nacional*):

«Ensinar o povo português a ler e a escrever, para tomar conhecimento das doutrinas corrosivas de panfletários sem escrúpulos, ou de facécias mal cheirosas que no seu beco escuro vomita todos os dias qualquer garoto da vida airada ou das mentiras criminosas dos foliculários políticos – inadmissível (...) Um dos factores principais da criminalidade é a instrução (...)»⁴⁹.

A propaganda do analfabetismo era oficialmente estimulada. Assim, o salazarista António Ferro, numa entrevista, declarou: «Considero (...) mais urgente a constituição de vastas elites do que ensinar o povo a ler. É que os grandes problemas nacionais, têm de ser resolvidos, não pelo povo, mas pelas elites enquadrando as massas»⁵⁰. (ver *Educação e Sociedade no Portugal de Salazar*, de Maria Filomena Mónica, 1978, p. 116). O fascismo em Portugal, como no estrangeiro, era inimigo da ciência e assim a perseguição movida contra Abel Salazar não se limitou a expulsá-lo da Faculdade de Medicina do Porto, foi também proibido de trabalhar no seu Laboratório, de frequentar a sua Biblioteca e isto não se tratava de perseguir o professor, mas especialmente o cientista, como histologista, que começava a ser muito conhecido além fronteiras. Assim, em 1946, o Professor de Biologia da Faculdade de Ciências de Lisboa, José Serra declarou: «Abel Salazar era um dos maiores, porventura o maior Biologista geral que já tivemos e mantinha relações amistosas com grande parte dos cultores da biologia e da Medicina portuguesas e com elevado número de colegas estrangeiros»⁵¹. Mesmo contra estas adversidades foi criado um Centro de Estudos Microscópicos sob o patrocínio do Instituto para a Alta Cultura na Faculdade de Farmácia do

⁴⁸ *Ibidem*-39.

⁴⁹ *Ibidem*-39.

⁵⁰ *Ibidem*-39.

⁵¹ *Ibidem*-39.

Porto, onde este notável cientista elaborou e orientou cerca de 50 trabalhos, alguns dos quais vieram a ter uma grande repercussão no estrangeiro. O médico Henrique Almeida, já falecido, foi aluno de Abel Salazar na cadeira de Histologia e escreveu o seguinte no seu livro *Memórias ao Léu*:

«Eu chamava-lhe o nosso Leonardo da Vinci. E fui seu admirador incondicional, porque Abel Salazar gastou grande parte do seu talento a humanizar a vida, retratando criticamente as condições miseráveis da vivência das mulheres que, nos armazéns ou nas ruas, trabalhavam subjugadas ao poder económico capitalista»⁵².

Mesmo contra todos e contra tudo, o nosso protagonista não deixou de trabalhar em Ciência, em Filosofia, em Arte. Nunca se deixou vencer pelas perseguições que sofreu e a sua acção como cientista, como filósofo, como artista e como cidadão jamais será esquecida.

Portugal estava fechado para o mundo como o demonstra um artigo que escreveu Gomes Teixeira no *Elogio Histórico de Daniel Augusto Silva*, lido na Academia das Ciências em 2 de Junho de 1918, que dizia o seguinte:

«Não há nada mais prejudicial para a ciência de um povo que o seu isolamento no meio da ciência dos outros povos. Este isolamento foi quase completo em Portugal na maior parte do século XIX e o motivo principal estava no desconhecimento da nossa língua nos meios científicos estrangeiros»⁵³.

A Inquisição e a Companhia de Jesus contribuíram, cada a seu modo, para manter, e até aumentar, o isolamento de Portugal em relação à Europa. Como o escreveu o historiador Jaime Cortesão:

«O fanatismo, a intolerância feroz, a superstição em todas as classes, a degradação do culto, pelo amor da ostentação e o gosto do teatro, aumentaram. A Inquisição, que, durante os reinados anteriores dos Braganças, diminuíra de zelo sanguinário, multiplicou de novo as vítimas. Muitos dos melhores engenhos, como António José da Silva, Jacob de Castro Sarmiento ou Ribeiro Sanches, quando de origem judaica, mau grado a sua íntima adesão ao sentimento da Pátria portuguesa, ou arderam na fogueira ou tiveram que expatriar-se»⁵⁴.

José Hermano Saraiva, historiador, tendo presente a pedagogia praticada nos Colégios dirigidos pela Companhia de Jesus, escreveu: na sua “) o seguinte, a respeito da orientação seguida pela Companhia de Jesus:

«O objectivo era o de enraizar dogmas em que sinceramente se acreditava, não o de provocar críticas, porque o resultado das críticas é sempre o fim dos dogmas. O ensino não foi, pois, um treino para pensar, mas um alicerce para crer. E deu resultado, porque os portugueses do século XVII creram muito e pensaram pouco»⁵⁵.

Quando Abel Salazar regressou ao seu Laboratório o material de Histologia deste tinha sido distribuído por várias secções da Faculdade, ou então estava completamente

⁵² *Ibidem*-39.

⁵³ Gomes Teixeira escreveu no *Elogio Histórico de Daniel Augusto Silva*, lido na Academia das Ciências de Lisboa em 2 de Junho de 1918, ([68], p. 160).

⁵⁴ *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*, vol. 1, p. 97.

⁵⁵ *História Concisa de Portugal*, p.197.

degradado. As navalhas dos micrótomos estavam cheias de ferrugem e a explicação oficial para tudo isto foi ter chovido durante dois Invernos consecutivos e o telhado encontrar-se em muito mau estado. Pode-se perceber que as entidades responsáveis pela Faculdade pensassem que Abel não regressasse mais e então não valia a pena fazer obras num Instituto que em breve iria mudar para novas instalações. Contudo, quando Abel Salazar perguntou ao arquitecto Baltazar de Castro pelas novas instalações a resposta foi “ninguém sabia”⁵⁶. Para além desta situação calamitosa, havia outras, consequência das verbas irrisórias que eram distribuídas e mesmo sendo poucas eram para o funcionamento da cadeira de histologia, porque para a investigação nada sobejava.

Esta situação manteve-se durante muito tempo, tanto que numa crónica de 1 de Janeiro de 1926 publicada no jornal *O Comércio do Porto* o Professor Joaquim A. Pires Lima, lente da Faculdade de Medicina, desabafou «só uma classe tem, entre nós, campo para fáceis investigações e campo vasto como o Oceano: é a polícia»⁵⁷. Nesta altura a investigação dependia mais da devoção de alguns conscienciosos do que do orçamento público.

Depois do regresso de Abel Salazar ao Porto, a ditadura tinha à sua frente um homem sereno e calculista que sabia muito bem o que queria e para onde ia: António de Oliveira Salazar. Vários acontecimentos ocorridos no ano de 1931 vieram demonstrar que a oposição republicana não tinha força suficiente para derrubar a ditadura. Pelo contrário, o Governo tinha força e organização para derrubar os que se lhe opusessem. Abel Salazar sabia disto, e por ele, a única solução estava na subversão das mentalidades da mocidade universitária, daí, ter orientado a sua actividade mais para a divulgação cultural e de oposição ao regime do que para a investigação. O médico portuense empenhou-se nesta cruzada de divulgação cultural porque sentiu uma oposição estudantil à ditadura, resultante dos problemas decorrentes da proclamação da II República Espanhola e da revolta na Madeira. Abel Salazar encontrou uma mocidade estudantil agressiva e revoltada e sabemos a expectativa que o mestre depositava na juventude e como encarava o seu papel de pedagogo. Pode-se também afirmar, que o movimento da oposição à ditadura começou a desenvolver-se em 1930, altura em que Abel Salazar regressara ao Porto, daí este republicano ter influenciado e agitado as massas estudantis.

A APEM, do Porto, a Associação de Estudantes da Faculdade de Medicina, de Lisboa, e o Centro Académico Republicano de Coimbra solicitaram a colaboração de Abel

⁵⁶Norberto Ferreira da Cunha, *Génese e Evolução do Ideário de Abel Salazar*, p.174 – obra citada.

⁵⁷Crónica do Prof. Joaquim A. Pires Lima no *Comércio do Porto* em 1 de Janeiro de 1926.

Salazar, e foi com eles que se comprometeu a ajudar, fazendo conferências, escrevendo artigos na imprensa – como *Outro Ritmo* (Porto), *Medicina* (Lisboa), *Liberdade* (Lisboa) e ainda em outros periódicos regionais.

Abel afirmou peremptoriamente «não sou, nem nunca fui político, nem tenho desejo algum de o ser; tive sempre até antipatia pela política»⁵⁸ e embora tenha afirmado que era completamente estranho⁵⁹ às actividades da APEM, a verdade é que ele sabia os riscos que estava a correr ao colaborar com esta associação.

Também Álvaro Cunhal em duas cartas⁶⁰ que escreveu a Abel Salazar, como atrás já referimos, a primeira em 20 de Novembro de 1938, elogia as pinturas de Abel Salazar sobre a mulher. Admira-se como o mesmo artista pretende conseguir criar o contraste entre a mulher ociosa e a mulher que labuta pela vida. Admira-o por esta grande sensibilidade. Todavia, na segunda carta, datada de 7 de Dezembro de 1938, critica o pintor porque não concorda quando este afirma que reproduziu as duas situações (classes) sem se identificar com nenhuma e ao mesmo tempo assumir as duas. Para Cunhal, Abel Salazar só poderia identificar-se com uma classe a que trabalha ou a classe ociosa e não com as duas em simultâneo, e isto porque para o marxista há um conflito inultrapassável entre as duas classes. Abel Salazar teria que definir-se e diz-lhe peremptoriamente que «quem não tem classe, não pode compreender as lutas de classes» por lhe faltar a necessária perspectiva⁶¹.

Apesar das críticas de Cunhal a Abel Salazar, nas cartas atrás citadas, devemos observar que este foi um homem que dedicou toda a sua vida a defender os oprimidos. Jamais lhe foram indiferentes as desigualdades sociais. Bateu-se e lutou sempre por uma vida melhor para os que trabalhavam, mas nunca esteve ligado a partido algum. Com efeito, parece-nos muito diferente do líder do PCP, que foi sempre um político, com ideias marxistas, assentes em convicções e princípios básicos e imperiosos: a liberdade individual não se devia sobrepor nunca ao bem comum; só alterando as condições de produção e da propriedade económica, pela abolição da propriedade privada e pela colectivização dos bens, seria possível obter uma sociedade mais justa e igualitária; a necessidade da luta de classe para a transformação social. Obviamente, ao defender estas ideias, Cunhal aceitava em pleno o comunismo que é uma ideologia e um sistema económico que tem como objectivo a criação de uma sociedade sem classes baseada na propriedade comum dos meios de produção, com a consequente abolição

⁵⁸ Abel Salazar, [Inéditos] BGUM, misc. Nº 32 981, p. 33

⁵⁹ Abel Salazar, [Inéditos] BGUM, misc. Nº 32 981, p. 24

⁶⁰ Casa Museu Abel Salazar, cartas nºs 43 e 44.

⁶¹ Cartas de Álvaro Cunhal a Abel Salazar – in Anexo III.

da propriedade privada. O comunismo, cuja origem remonta às obras de Karl Marx, é normalmente considerado como parte de um mais amplo movimento socialista. Assim, os reflexos ideológicos na obra artística do líder do PCP são bem diferentes dos entrevistados em Abel Salazar. As pinturas e os desenhos daquele foram produzidos, em grande parte, enquanto esteve preso em Lisboa e em Peniche, pretendem reproduzir elementos da classe operária, do povo trabalhador e representar sobretudo cenários campestres, do mundo rural e da população agrária. Cunhal ao pintar a mulher deu-lhe um ar pesado, de sofrimento, enquanto Abel Salazar ao desenhar a mesma, embora tenha intrínseco também o esforço e o trabalho oneroso, deu-lhe sempre um ar mais feminino e é aqui que são diferentes um do outro e transmitem uma mensagem também diferente: um virado mais para a política em que tudo é feito na base da ideologia e outro mais virado para a beleza, embora demonstrando também as agruras da vida e um profundo humanismo que se perde no tempo e não precisa ideologia para se manifestar.

4.2.1. Inquérito à Universidade pela “Voz da Justiça”

No ano de 1933, durante 22 semanas o semanário figueirense lançou um *inquérito sobre a Universidade*, onde expuseram as suas opiniões: Adolfo Casais Monteiro, Álvaro Ribeiro, Rodrigues Lapa, Joaquim Magalhães, Lobo Vilela e ainda o histologista coimbrão Geraldino Brites, amigo de Abel Salazar. As respostas dos inquiridos foram todas unânimes e hostis à Universidade existente. Estas ideias eram coincidentes com os pontos de vista de Abel Salazar acerca da reforma da Universidade. Todos os intervenientes neste inquérito consideraram a Universidade Portuguesa uma instituição caduca e nociva, vegetando num sono profundo. A Universidade Portuguesa era a trincheira da reacção política e intelectual, do historicismo, do sebestismo, sede de grande desinteresse pelos problemas sociais e morais, um adormecedor de consciências e espaço de indesejável conformismo.

À Universidade faltava a autonomia indispensável a um ensino democrático, limitando-se então a satisfazer as necessidades de bacharéis por parte do aparelho do Estado e conforme os interesses do mercado de trabalho e subestimando a investigação científica. Cumulativamente a isto, havia ainda a ausência de estímulos profissionais. A redução de carreiras a concursos administrativos tornaram o ensino, a pouco e pouco, autoritário e baseado em sebestas, mais informativo do que formativo, mais instrutivo do que educativo, mais interessado nos resultados do que em resolver os problemas existentes. Segundo os

depoentes, o recrutamento de professores novos, os trâmites da carreira universitária e as prerrogativas dos catedráticos contribuíram e muito para o estado em que a universidade se encontrava. O critério da selecção dos professores novos era feita na base da exclusão dos candidatos mais audazes e inovadores e preferindo os mais conformistas, o estudante com elevadas notas e da confiança do professor, o que decorava os apontamentos, informava o professor de tudo o que se passava na aula e concordava em tudo com ele. Os concursos, objectos de influências e compadrios, eram autênticas farsas e actos de cinismo e hipocrisia.

Nem a cátedra se salvou deste sistema. Segundo Rodrigues Lapa, foi esta talvez a causa mais forte da decadência universitária. A cátedra deveria ser, por excelência, a ascensão profissional daqueles que, pelo seu trabalho, zelo e competência, conseguiam alcançá-la, mas no Estado Novo a cátedra era utilizada pelo professor sem personalidade. Era aproveitada como um trono e não como uma arma, como argumento de autoridade e não de dúvida, como fonte de um saber absoluto e definitivo e não via de construção do mesmo. Tudo isto era o contrário daquilo que deveria ser. Assim, os alunos eram servís, sem capacidade de raciocínio e autonomia mental, encarando a sebenta do professor como a verdade absoluta, sabendo mais em quantidade e pouco em qualidade e clareza. Todos estes depoentes achavam que a universidade deveria ser extinta porque o mal era um problema de espírito novo, de dinamismo, de resposta adequada às necessidades técnicas e culturais do seu tempo. A universidade deveria formar homens e prepará-los para a vida e para a profissão, contribuir para o desenvolvimento gradual da personalidade humana e ministrar os ensinamentos técnicos ao exercício duma actividade laboral. Esse objectivo só seria alcançado se conseguisse articular a teoria com a prática, fomentar a liberdade de pensamento e a livre iniciativa, procurar educar mais do que instruir, eliminar a sebenta, reorganizar a carreira universitária, enfim, devolver ao aluno o papel fundamental a que tinha direito na sua formação. Passariam a ser agentes activos e interrogativos dum saber proposto e não imposto, dum saber relativo e não absoluto, dum saber gerador da sua autonomia e da sua liberdade. Este foi sempre o papel por que Abel Salazar lutou para os alunos.

No que respeita aos professores, tanto o sábio médico como os que expuseram as suas ideias neste semanário *Voz da Justiça* eram de opinião que o vencimento e a nomeação de cargos fossem consoante a competência e não segundo a antiguidade e privilégios adquiridos. Dinamizar, moralizar a carreira universitária, desembaraçar a universidade da inércia, eis a súmula necessária para alterar a situação. Havia aspectos em que todos os inquiridos eram unânimes: defesa da descentralização, autonomia universitária e distribuição das actividades

científicas e pedagógicas por institutos e escolas especializadas, conforme o princípio da divisão do trabalho.

Em 1933, um grupo de professores catedráticos, que incluía o reitor e vice-reitor da Universidade de Coimbra, entregou uma mensagem ao Ministro da Instrução, assinada por cinquenta e quatro professores daquela Instituição de ensino, onde constavam algumas medidas urgentes, que deveriam ser rapidamente tomadas para bem da instrução superior, do país e do professorado. Essas medidas poder-se-iam resumir assim: autonomia; menos carga lectiva; aumento de vencimentos; recrutamento de gente nova e pessoas de reconhecida competência e fora da universidade; restrição ao regime de acumulações; introdução do regime de exclusividade; aquisição do material científico e didáctico para equipar os laboratórios e a corporação. Perante estas reivindicações, como é possível ter havido um tão grande desagrado e tanta celeuma? Na opinião de Norberto Cunha, estas reacções ficaram a dever-se a factores políticos, sócio-laborais e científico-pedagógicos⁶². É sabida a importância que o Estado tradicionalmente atribuía à Universidade de Coimbra. Para o Estado Novo, esta Instituição continuava a ser o viveiro ímpar dos dirigentes máximos do regime e um exemplar de referência. Denunciar as debilidades e a sua decadência, atacar e ridicularizar as suas incongruências era o mesmo que atacar e ridicularizar o regime político e o governo que tinha naquela Instituição de ensino o seu verdadeiro exemplo e os autores da mensagem sabiam bem isso. Mas para além destas razões políticas, os signatários da mensagem aproveitaram-na para validar as suas pretensões. Afirmavam que queriam criar um “Estado Novo” intelectual e cultural para a Nação Portuguesa e autoqualificavam-se proletários intelectuais, afirmação que não agradou aos seus adversários em vários sectores e fez suscitar críticas e reacções.

Contra esta mensagem pronunciaram-se entre outros; *O Diário da Noite*; Rocha Martins no *Arquivo Nacional*; Dias Agudo, no *República*; Lobo Vilela, na *Voz da Justiça*; Eduardo Salgueiro, na *Seara Nova* e Abel Salazar, na *Montanha* e também no semanário figueirense. O histologista portuense interveio em dois periódicos, primeiramente no *Montanha*, periódico portuense de índole republicana e jacobina, posteriormente, na *Voz da Justiça*, semanário figueirense. Também poderia tê-lo feito no *Primeiro de Janeiro*, jornal que esteve sempre aberto à colaboração de Abel Salazar, mas não o fez porque o professor Hernâni Cidade já o tinha feito neste jornal e tinha sido apoiante do teor da mensagem. Como ele era contrário a essa posição, daí a razão de não escrever neste jornal. Nos artigos que escreveu na *Montanha*, nos dias vinte e dois, vinte e três e vinte e cinco de Setembro, o

⁶² Norberto Cunha, *Génese e Evolução do ideário de Abel Salazar*, 1944, imp, 1997 – obra citada.

cientista português rotulou de «triste» a mensagem pela sua «inconsciência moral, intelectual e cívica», pela «falta de gramática e provincianismo da sua prosa» e pela «negação do espírito científico».

A primeira crítica foi para a reivindicação do aumento de vencimentos e para o pedido de implantação do *full-time system* na universidade. Abel Salazar achou que os catedráticos de Coimbra estavam a fazer mais uma «burla», interessava-lhes ao fim e ao cabo era tirar proveitos desta situação, nem que para isso tivessem que insistir em dizer que era para a melhoria da qualidade do ensino. Abel contrapôs dizendo que o seu ponto de vista era idêntico ao de Einstein, quando este disse a um jornalista francês que «o homem da ciência não precisa de grandes ordenados, nem de bolsas, nem de mecenas».⁶³ Apontou mais exemplos como o de Ramon Y Cajal, que não aceitou um ordenado especial oferecido pelo governo espanhol e ainda a recusa de Pasteur na comercialização das suas descobertas. Ora este critério estava longe dos interesses dos catedráticos de Coimbra e, para Abel Salazar, a Universidade Portuguesa tinha-se tornado uma simples «fábrica de Doutores» onde pseudo-intelectuais e pseudo-burocratas tinham no docente um arquétipo e um símbolo.

A segunda intervenção foi feita na *Voz da Justiça*, mas a censura cortou parte dos artigos que o médico portuense escrevera, como provam as duas cartas⁶⁴ enviadas a Abel por José da Silva Ribeiro⁶⁵, onde refere que lhe cortaram três linhas, em que mencionava serem o “ensino e os professores, como os soldados e os sacerdotes um mal necessário”. Contudo, pelo teor das cartas conclui-se que este jornal apoiava o histologista portuense e condenava a censura.

Então quais as medidas a efectuar para resolver a questão? Abel Salazar já o mostrara no seu *Ensaio de Psicologia Filosófica* e mais tarde na 2ª.conferência feita na Faculdade de Medicina de Lisboa no início do ano de 1933. O histologista esperava um sistema que tenderia para a supressão do professor a para a implantação de um sistema *self-government*, processo no qual desempenharia um papel fundamental o método escolhido: o histórico face ao dogmático. Para o nosso cientista, o método dogmático polarizava tudo no ensino, levava à erudição, conduzia à abolição da personalidade, fazia “ursos”⁶⁶, lentes, catedráticos, mandarins, toda a oca aristocracia do intelectualismo português. Preferia, pois, o sistema histórico que levava à observação, conduzia à liberdade, fazia “homens” no sentido moral,

⁶³ *Apyd*, Norberto Cunha, *Génese e evolução do ideário de Abel Salazar*, 1944,imp,1997 – obra citada.

⁶⁴ Cartas enviadas a Abel Salazar por José da Silva Ribeiro, nºs 41 e 42 on-line

⁶⁵ Era Secretário de Redacção do jornal *A Voz da Justiça*

⁶⁶ Alunos que se limitavam a memorizarem tudo o que o professor dizia sem imaginação e sem iniciativa própria, autênticos amorfos.

social e intelectual da palavra. Reconhecia, no entanto, que a mentalidade portuguesa, por tradição, era de índole dogmática. As intervenções de Abel Salazar incentivaram a oposição dos seus adversários e a estima dos seus camaradas. Um dos adversários a reagir foi Costa Brochado⁶⁷ através do jornal *A Verdade*, e tal atitude provocou graves convulsões no meio académico portuense como veremos.

4.2.2. As Reacções no Jornal “A Verdade”

As animosidades entre Abel Salazar e Costa Brochado já existiam quando o professor portuense fez uma conferência na sessão comemorativa do centenário da Biblioteca Municipal do Porto e criticou a igreja e a organização social dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, da qual era membro Costa Brochado. A celeuma intensificou-se quando o director *d’A Verdade* publicou um artigo sobre o ensino e nele incitava os professores à prática de uma educação nacionalista e patriótica, uma vez que estavam a ser pagos pelo Estado e nessa perspectiva deveriam cumprir rigorosamente as doutrinas do poder político, caso contrário deveriam sofrer algumas coimas. E dirigindo-se concretamente aos professores disse, que a Universidade deveria ser um templo da Pátria, onde não cabia a anarquia mas sim a ordem, o método, a disciplina e o exemplo. Apelou ainda a estes para serem os obreiros das gerações e condutores da mocidade portuguesa. Como se pode verificar a Universidade, para Costa Brochado, era uma instituição científica, mas acima de tudo deveria ser um templo onde se apurariam as mais legítimas tradições e virtudes cristãs do povo português. Para isso, a classe universitária deveria ministrar e salvaguardar esse ideário, manter a identidade colectiva e não aderir a acções corruptas como alguns professores teriam feito, nomeadamente na Faculdade de Medicina do Porto, ao combaterem todas as religiões e em especial o cristianismo. Apelava contra os panfletos comunistas nas carteiras dos alunos e os cartazes e prospectos que insultavam Hitler e Mussolini. Só expulsando os docentes implicados em tais práticas e pondo fim à propaganda anarquista, se conseguiria manter a ordem e a disciplina.

Embora não mencionasse o nome de Abel Salazar, parece claro que todas estas acusações lhe eram dirigidas, senão vejamos: o histologista portuense criticava o cristianismo; publicava e distribuía artigos e folhetos subversivos; era lente da Faculdade de Medicina do Porto e fora sempre um docente que apoiara e alimentara o radicalismo estudantil de esquerda e o seu descontentamento. Todavia, segundo Norberto Cunha, Costa Brochado não pretendia

⁶⁷ Director do jornal *A Verdade*, um periódico criado em Dezembro de 1933.

atingir apenas Abel Salazar, queria sim atingir o tipo de professor que existia naquela altura, a sua actuação e o que representava e isso fez mover os professores das Universidades de Coimbra, Porto e Lisboa, os quais depuseram as suas opiniões a 10 de Fevereiro, 17 de Fevereiro e 17 de Março, respectivamente, altura em que Abel Salazar já se encontrava fora do país, na capital francesa.

Os professores de Coimbra propunham como medidas certas para resolver o problema a contra propaganda e a repressão. Por seu turno, os professores da Universidade do Porto, no dizer de Adriano Rodrigues e Mendes Correia, achavam que, para afastar a ameaça do comunismo, dever-se-ia pôr em prática uma maior justiça económico-social, premiar a competência e a dedicação, combater o compadrio e a corrupção e empenhar as universidades na formação de elites com interesses nacionais e patrióticos. A opinião do professor Almeida Garrett⁶⁸ atingia a violência porquanto aduzia que o comunismo era «um sistema contra-natura, demolidor da família e destruidor da essência espiritual da civilização»⁶⁹ e foi ainda a personalidade que teve a maior quota-parte na demissão de Abel Salazar, em 1935, da Faculdade. Sem dúvida, era um incondicional salazarista.

Perante esta polémica, os alunos da academia portuense protestaram. Concretamente, cerca de seis dezenas de alunos subscreveram uma moção de desagrado, redigida por dois alunos que a enviaram às autoridades académicas. Este documento visava protestar contra a aprovação e louvor que os responsáveis das Faculdades tinham dado ao regime político de António Oliveira Salazar e também contra as limitações impostas a Abel Salazar na sua actividade intelectual, nomeadamente a continuação das suas conferências sobre a Filosofia da Arte e insurgiam-se também contra a hipocrisia dos docentes, que apelando ao civismo e à moral, nunca defenderam os estudantes perseguidos nem a liberdade. Todavia, este protesto não teve um desfecho favorável porque todos os alunos que tinham assinado o documento foram expulsos da Faculdade por dois anos.

Perante tal situação, vítima de uma imprensa de direita, por um lado, desiludido e magoado com alguns colegas da faculdade, por outro, e aproveitando a oportunidade de trabalhar em Paris, com o prestigiado anatomista francês Champy, Abel Salazar partiu em Março de 1934 para Paris. Porém, a sua partida não foi esquecida, um grupo de estudantes da Universidade de Coimbra enviou-lhe uma carta, assinada por todos, onde lhe mostravam o carinho, a gratidão e a solidariedade. O Centro Republicano Académico de Coimbra e a loja

⁶⁸ Descendente do autor de “*Viagens na minha Terra*” foi Director da Faculdade de Medicina do Porto e Regente da cadeira de Higiene. Edição 1832 de 08-12-2007, jornal expressa on-line

⁶⁹ Norberto Ferreira da Cunha, *Génese e Evolução do Ideário de Abel Salazar*, p.303 – obra citada.

maçónica “ A Revolta” também tomaram a iniciativa de o apoiar e manifestar-lhe solidariedade e admiração.

Em Paris, o histologista português não desperdiçou o seu tempo: trabalhou no laboratório do Professor Champy durante uns meses, participou e conviveu com gente ligada às artes, às ciências e à filosofia; militou em actividades antifascistas na *Union Rationaliste* e na *Internationale des Travailleurs de l'Enseignement* ao lado de Cogniot⁷⁰ e Wallon⁷¹ e subscreveu com eles um manifesto contra a ditadura e as prisões em Portugal, principalmente no jornal *Liberdade*.

Em França, o cientista exilado mostra-nos a sociedade parisiense e qual o papel dos intelectuais na mesma. Segundo Abel Salazar, muitos intelectuais tinham perdido a neutralidade: uns, por necessidade de sobrevivência, outros por ambição e ainda outros por alugarem o seu talento tornando-se lacaios da gente rica e da realeza capitalista. Encontrava ainda pseudo-intelectuais acoitados nas universidades e nas academias. Verberava os comerciantes do saber, no pior sentido, obviamente, porque aproveitavam a ciência para a explorarem em proveito próprio, como no caso da medicina em que industrializavam a cirurgia, abriam casas de saúde, clínicas etc.. Finalmente, citava os intelectuais proletarizados que viviam como marginalizados, desdenhados pela burguesia que desconfiava da sua inactividade e do investimento perdido que representavam. Todavia, eram estes os verdadeiros intelectuais para Abel Salazar, uma vez que, para ele, o cientista deve contribuir para a comunidade com uma soma maior ou menor de trabalho útil, porquanto o trabalho especulativo à distância e de uma forma problemática pode beneficiar a colectividade.

4.2.3. As Opções após o Exílio

Após o regresso do exílio parisiense Abel Salazar deixou de falar em público. Recusou o convite por duas vezes à Sociedade de Estudos Pedagógicos em Lisboa para fazer uma conferência sobre a *Teoria Biomecânica da História*. No entanto, alargou a sua colaboração nos jornais, revistas académicas e republicanas, como a *Medicina*, a *Gérmén e a Liberdade* e escreveu ainda artigos em alguns periódicos, em oposição ao salazarismo e ligação à Maçonaria, como: *O Povo do Norte*, *a Ideia Livre*, *a Democracia do Sul*, *Vida Contemporânea* e ainda o *Primeiro de Janeiro*. Contudo, a sua atenção andava à volta de duas

⁷⁰ Georges Cogniot (1901-1978) foi um escritor, filósofo e um político comunista francês. Foi Chefe de Redacção do jornal comunista *L'Humanité*.

⁷¹ Henri Wallon foi filósofo, médico, político francês e marxista.

questões, que eram uma preocupação de longa data: a primeira dizia respeito à evolução da ciência, a delimitação das suas fronteiras particularmente em relação à metafísica, à religião e à arte e a fundamentação de uma biologia e psicologia científicas, susceptíveis de gerar uma matriz de inteligibilidade aos fenómenos histórico-sociais; a segunda correspondia ao problema dos sentimentos e da sua expressão nas obras de arte e nas religiões e o sentido último da vida, remetendo para uma filosofia estóica.

Abel Salazar desmistificou o carácter absoluto dos resultados da ciência, os quais eram dogmaticamente apresentados pelas universidades e pelas academias o que suscitou um surto de dogmatismo e autoritarismo por parte destas. A verdade é que a ciência, segundo Abel Salazar, não era um feitiço nem uma religião secular, como procuravam fazer crer os seus produtores, mas algo de inorgânico e impessoal, de anárquico, céptico e realista, em constante renovação e interrogação; era um resultado histórico, em contínua mudança e conflito e não uma progressiva convergência como a religião e a metafísica.

O cientista portuense, ao contrário do cientismo do século XIX, tem consciência que a ordem e o progresso das ciências dependem muito das comunidades científicas e os conceitos em que se baseiam não são tão sólidos como aparentam. Continuava assim fiel ao seu pensamento porquanto, já na lição de abertura do seu curso de Histologia, em 1916, Abel Salazar chamara a atenção para o papel disciplinador e regulador da autoridade científica, para a autoridade dos manuais escolares. A ciência que estes apresentavam, aprovada pelas universidades, era uma ciência acabada, conclusiva, incontroversa, o que fazia dos professores não mestres, mas sacerdotes de dogmas, de um credo. A ciência, no seu entender, era o oposto de uma religião, por isso nunca poderia ser um credo. Por outro lado, disse Abel Salazar, a ciência, devido à sua impessoalidade e universalidade, não representava o homem integral, pois, pela sua própria natureza, deixava para trás o campo da emoção, ou seja, o lado lírico, romântico e estético da humanidade e as suas variadas expressões literárias, artísticas e religiosas. Não se podia ir buscar à ciência o que ela não poderia dar, a poesia, a arte e a religião, mas por outro lado não se podia cair no campo oposto porque elas eram facetas implícitas do próprio homem e não deviam ser eliminadas, então haveria que arranjar uma maneira de conciliar a razão instrumental e o sentimento ou então, concretamente a ciência e a religião⁷².

⁷² *A Posição actual da Ciência, da Filosofia e da Religião*, conferência realizada na Faculdade de Medicina de Lisboa em 3 de Fevereiro de 1933 a convite da Associação de Estudantes de Medicina de Lisboa: Imprensa Médica, 1934 (separata d' *A Medicina Contemporânea*, n.ºs. 8 e 9, 25 de Fevereiro e 4 de Março de 1934).

4.2.4. A Sobrevivência

Quando Abel Salazar foi demitido da função pública, a sua principal preocupação consistiu em assegurar a sua sobrevivência bem como a do seu agregado familiar, embora recebesse uma reforma a que tinha direito. Trabalhou, então, como desenhador, para a Litografia Lusitana, em Gaia, onde lhe cabia a responsabilidade da elaboração de cartazes e capas de livros. Era um homem muito flexível e facilmente se adaptou à sua nova vida, como nos diz um comentário que fez a um amigo nessa ocasião: «estou, enfim proletarizado e, coisa curiosa, estou muito satisfeito com a minha nova vida»⁷³. Entretanto, uma denúncia, obrigou-o a abandonar esse trabalho vivendo então da sua reforma. Como não era homem de desistir, nem de se baixar perante as vicissitudes da vida, logo pensou numa nova fonte de receitas, que começou a aproveitar, os seus quadros.

Nesta altura, começou a ter mais tempo livre para se dedicar aos seus desenhos e pinturas, como confessa numa carta enviada ao amigo J. Passos Ponte, no início do ano de 1936:

«Praticamente, estou encurralado em casa, sem quase poder sair, nem livremente poder receber gente, e quase na completa ignorância do que se passa. Está suspensa sobre mim a mesma ameaça: - de ser dado por *louco*, como o sugeriu já, por mais de uma vez, o *Diário da Manhã*, e que eu sei que é uma ameaça verídica porque – caso curioso – muita gente da situação está disso realmente *convencida!* [...], o que me obriga a uma compostura cuidadosa, para evitar sensorias. Uma miséria, tudo isto [...]. Imagine que até já na rua tenho sido publicamente insultado, e um personagem da situação, mesmo no meio da família que o acompanhava, já me chamou canalha e pulha, o que tive de ouvir sem tugar nem mugir. Nestas circunstâncias quase não posso fazer outra coisa do que encerrar-me em casa»⁷⁴.

O histologista portuense encontrava-se constrangido e apoquentado, não só pela situação imposta, nem pelos sentimentos de medo e solidão, o que mais o atormentava eram as razões da sua demissão compulsiva da função pública e também o afastamento de outros portugueses. Enviou, então, o seu *curriculum vitae*, em francês, a Cogniot, que passamos a apresentar:

⁷³ Carta de Abel Salazar a J. Passos Ponte, de 28 de Maio de 1935, in *Correspondência entre Abel Salazar e o Dr. J. Passos Ponte, director do jornal "Claridade"*, Matosinhos: biblioteca da Casa-Museu Abel Salazar, pp. 46-47.

⁷⁴ Carta de Abel Salazar a J. Passos Ponte, s.d., in *correspondência* supracit., p.18

Curriculum Vitae

Diplômé par la Faculté de Médecine en 1915. Porto
Chargé de Cours d'Histologie à la Faculté en 1916. Porto
Professeur extraordinaire par distinction en 1917. Porto
Professeur ordinaire d'Histologie et Physiologie en 1918. Porto.

Membre de la Société de Biologie, de Paris;
de l'Association des Anatomistes, de Paris;
de la Société Portugaise des Sciences Naturelles;
de la Société Académique Portugaise.

Fondateur de l'Institut d'Histologie et d'Embryologie de
l'Université de Porto

Fondateur, avec Allen et C. de Costa, des "Archives Portugaises
de Sciences Biologiques", dont il est l'un des directeurs

Fondateur des "Travaux de l'Institut d'Histologie et d'Embryologie
de l'Université de Porto", publiés depuis

Délégué de l'Université aux Congrès de l'Association des
Anatomistes, Réunions de Lyon, Turin, Nancy, Liège, etc.

Curriculum Vitae Universitaire.

J'ai commencé ma vie universitaire dans à l'Université de Oporto, quand il n'y avait pas encore de vie scientifique ni de travail de recherches scientifiques.

J'ai débuté avec beaucoup de très grandes difficultés, sans laboratoire, sans dot ressources et sans bibliothèques.

J'ai organisé d'abord un petit laboratoire d'Histologie, que j'ai développé petit à petit, et où j'ai fait mes premiers travaux sur l'ovaire de la Lapine.

Après cinq années d'efforts, ces travaux ayant acquis quelque renommée, le Gouvernement de la République a décrété la transformation du Laboratoire en "Institut d'Histologie" et d'Embryologie", le plaçant sous ma direction.

J'ai alors organisé le nouveau "Institut", mais toujours luttant toujours avec des difficultés de matérielles, à cause de l'extrême pénurie des dotations.

Cependant l'"Institut" d'Histologie" d'Oporto a travaillé toujours et a publié une œuvre. Cette œuvre, quoique modeste a appelé l'attention de milieux scientifiques et se trouve déjà citée dans plusieurs Traité, Manuels et Précis de la spécialité.

L'"Institut" trouve aussi dans son dossier plusieurs documents et lettres sur à propos de son travail scientifique et du résultat de ces recherches. Parmi ces lettres je cite celle du Prof. Palicou, de Lyon: "... vous avez fondé au Portugal, avec Oltius et De Costa, une Ecole Biologique qui compte et qui nous admire tous ici."

2

J'ai fondé également au Portugal, avec Athias et De Costa, les "Archives Portugaises de Sciences Biologiques", dont je suis l'un des Directeurs.

Dans l'"Institut d'Histoire de Oporto", ont travaillé et publié des travaux plusieurs chercheurs, chercheurs assistants, et des élèves, dont les noms et les travaux se trouvent dans l'opuscule ci-inclus.

J'ai présenté aussi des travaux personnels aux Congrès des Anatomistes de Lyon, Turin, Liège, Lisbonne, et dans les réunions de la Société de Biologie.

J'ai travaillé à Paris chez dans le laboratoire du Prof. Champy pendant mes 6 mois d'exil.

x
x

En dehors des travaux scientifiques j'ai fait à l'Université de Oporto des "Cours sur la Philosophie de l'Art", des Conférences de Philosophie, où j'ai exposé un système personnel sur la philosophie, système que je tiens de contacts avec joie se rapproche des vues actuelles de l'empirisme logique de l'École de Vienne.

J'ai publié aussi quelques volumes de littérature.

x
x

C'est le développement de ce système philosophique à qui je tiens de faire référence qui ayant déplu au Catholicisme Portugais et à l'Église, a été la cause

principale de ma révoation.

Mais comme le Dictateur ne pouvait se fonder sur cette question, elle a dérivé la question, en faisant faire par sa presse une campagne de diffamation, etc., et me me donnant la démission sans procès ni jugement.

C'est à dire, officiellement je ne connais pas, encore la cause de ma révoation; particulièrement je sais que la cause fondamentale a été le système philosophique en question.

Je ferai remarquer le fait suivant, aux curieux: par un hasard singulier les Conférences philosophiques les plus attaquées se sont terminées presque d'un seul accord avec certains courants de la pensée philosophique à l'étranger.

Je veux de citer l'empirisme logique; mais il m'est arrivé d'être furieusement insulté par quelques idoles, ~~de ma~~ voir ~~appelé~~ et quelques jours après, les idées à peu près analogues étaient publiés dans les "Nouvelles littéraires", sans que le gouvernement ait retiré ce journal de la circulation comme il le fait souvent avec les journaux étrangers.

J'ajouterai que je n'ai jamais été politicien; toute ma vie s'est écoulée à l'école dans l'Institut d'Historique; toute mon activité s'est réalisée dans le champ intellectuel.

Confidencial

Pour bien expliquer ma démission j'ai besoin de tracer un tableau de la vie publique au Portugal, depuis qu'il se trouve en dictature.

Cette dictature provient d'un "pronunciamento" militaire déterminé par les 400 000 qui avaient trahi les parts de la République, qui se trouvent dans une crise de morale politique assez accentuée.

Mais la dictature militaire s'est changée graduelle et insensiblement, sans même qu'on l'ait vu, en ce qui concerne encore aujourd'hui, dans une dictature catholique de principe. L'Église catholique s'est mis par derrière la dictature, de sorte que celle-ci présente une façade une figure glaciale et énigmatique, en apparence sans couleur de fini, mais en réalité entièrement nue par le clergé.

La dictature actuelle s'appuie d'un côté dans l'armée, de l'autre, mais secrètement, dans l'Église.

Elle s'efforce de présenter une façade "paternelle", une figure "bonhomme" et débonnaire: — mais elle cache la plus extrême violence secrète. C'est ^{donc} une dictature hyppocrite, dont la connaissance se peut être faite que par son bas-fond.

L'appui véritable de la dictature c'est une armée secrète de Police secrète, admirablement organisée, et qui consomme le meilleur des ressources du Gouvernement. Cette armée secrète forme un réseau étendu compliqué dans tout le pays, et ayant des espions partout, dans les hôtels, cafés, hôpitaux, universités, écoles, etc. etc.

Elle est contrôlée en secret par l'Église catholique, dont les espions travaillent d'accord avec la Police secrète. Je possède même un document d'une certaine Société secrète intitulée "La Croix et l'Épée", société composée de éléments de l'armée et de l'Église. L'Église, outre son espionnage

2

vient, vient d'organiser ce qu'on appelle "l'Action Catholique",
 c'est à-dire, une vaste organisation politique très compliquée qui
 agit en secret d'accord avec le Gouvernement, et le Vatican et
 la Compagnie de Jésus. Elle possède ~~des~~ plusieurs établissements
 de propagande, des Collèges, des Ecoles, ~~des~~ ~~Universités~~, ~~les~~ ~~unes~~, ~~des~~
 Revues, des Journaux, et des Institutions, ~~les~~ ~~unes~~, ~~en~~ ~~commun~~, ~~les~~
 autres secrètes, telles que les "Vigilants Catholiques", et le "Yac, Yec,
 Yic, Yoc, Yuc", vaste réseau d'espionnage soutenu académique. Cette
 est la charge active par le moyen de la confession, où les prêtres
 se a interrogent habilement les femmes, et rendent compte de
 ce qu'on dit ou pense dans les familles.

Une Censure rigoureuse est exercé par les commissions militaires, sur
 les Journaux, les Revues, les Librairies, les Universités, les Chaires,
 etc. Cette Censure est orientée secrètement par l'Eglise et
 par l'Action Catholique qui doit avoir un Bureau secret de
 Censure, sorte d'Inquisition secrète destinée à inspirer la
 Censure Officielle. On voit en conséquence des officiers catholi-
 ques, l'Eglise fait de la Commission de Censure un organe dont
 elle peut disposer et quelle peut utiliser.

De cette manière le Dictateur Catholique s'exerce dans l'ombre une
 terrible opinion intellectuelle sur tout le Portugal, tout en
 faisant une large propagande où elle se déclare paternelle et
 tolérante. Cette propagande, qui est une comédie comme de
 tout le Portugal, se fait au moyen du Secrétaire de la
 Propagande, chargé de envoyer à l'étranger les nouvelles les
 plus phantasmiques sur le "Paradis du Portugal".
 En réalité on vit au Portugal sous une opinion terrible,
 une sorte de terreur morose; tout le monde se méfie

de son voisin, il y a des espions partout, et tout se sait. Le pays
 n'est dans une sorte de tension, mais fatigué et épuisé par l'ouïe
 trappée de la Police secrète et de l'Église; on ne peut pas
 respirer et en réalité le Portugal est une sorte de prison où
 manque l'air et où tout le monde sent de la soif.

Les prisons sont pleines, et y a des scènes d'une barbarie effroyable
 que s'y passent en cachette. C'est un tableau odieux,
 barbare, connu de tout le monde, mais tout le monde se
 était effrayé. La police secrète, composée de bandits et de
 déjeunés, entre la nuit dans les maisons, perquisitionne,
 fait des prisons, fait des scènes inouïables, et se livre à des
 orges singulières. Je connais l'un des Chefs de la Police secrète
 à Oporto; c'est un ancien receveur, un antiquaire ruiné, qui
 une véritable crapule qui ^{avait} été trahi au plus bas, a été utilisé
 par la Police. C'est un escroc et un conteneur, fils d'un escroc,
 et parent d'un diplomate portugais à Paris, M. Octave....
 Des agouilles, des barbes chinoises sont vulgaires dans les
 cachots de la Police secrète: tout cela pour arracher des secrets
 aux prisonniers volatiles, qui parfois n'en savent rien, mais
 finissent par insister quelque chose, à fin de se débarrasser des
 tortures.

Plusieurs étudiants ont été mis en prison, et y ont été
 occupés aux pires tortures: - des agouilles nocturnes, des
 arrachements d'ongles, des Casques électrolytiques, prohibition de
 dormir, etc. D'autres sont envoyés à Peniche, aux Açores,
 en Afrique, à Timor, dans des "champs de réclusion" ou
 bien dans les prisons effroyables.

Dans le monde universitaire on n'est dans un régime de surveillance
 secret. Le gouvernement protège et favorise les espions, et les

Universités en sont remplies. La conversation la plus inoffensive de n'est pas un cas de dénonciation, et tout le monde a peur et se tait. Les professeurs sont sous la pression des examens de cours, et le Ministre de l'Instruction vient de publier dans le journal "O Seculo", une interview officielle où il déclare que la dénonciation secrète est permise et légale en Portugal. En effet, d'après le Ministre, le Gouvernement ne donne dans le droit de repeler de l'Université un étudiant sans jugement, basé seulement dans une dénonciation secrète; un candidat peut être éliminé à cause d'une dénonciation secrète au Ministre; les professeurs peuvent être révoqués à cause d'une dénonciation des élèves ou bien de parents; le Gouvernement peut ne pas donner le diplôme de baccalaurat au face d'un dossier secret et alors fonder le vie universitaire du candidat, etc. (Déclaration du Ministre de l'Instruction, Tancos, quini, dans le "Seculo", de - - -

C'est-à-dire, l'Université vie, dénormai, loyalement officielle ment, dans un régime secret d'espionnage.

x x x

Dans ces circonstances, j'ai reçu il y a quelque temps l'ordre secret de ne pas exprimer que certaines Théories scientifiques et philosophiques; de défendre le vitalisme et les doctrines d'Aristotele et scholastiques, etc.

J'ai répondu en défendant dans les Cours, dans les Conférences, etc., la liberté de la pensée et les droits de la science. Alors une campagne a été faite contre moi dans la presse du Gouvernement, avec des insultes, des diffamations, etc.

~~Le Gouvernement alors m'a été révoqué~~

5

Mais le Gouvernement craignant un mouvement académique des étudiants, m'a forcé récemment après plusieurs départs, à m'exiler 6 mois à Paris. Après cela il m'a fait revenir, j'ai continué toujours mon attitude, et la plus grande partie de l'Académie et des étudiants s'étant prononcée en ma faveur, le Gouvernement publia alors un décret qui ~~abolit~~ révoqua les institutions universitaires.

On m'a donné une note de réforme, c'est-à-dire, la révo-
cation avec la réforme à laquelle j'avais droit.

En sortant de l'Université je suis allé travailler comme
dessinateur lithographique dans une lithographie à Porto,
la "Lithographie Lantana"; mais on m'a secrètement
défendu d'y travailler.

Je me suis alors proposé de faire un "Cours de Histologie et
de Splanchnologie du Système Nerveux", à l'usage des méde-
cins, mais le Ministre a défendu également ce Cours;
la prohibition m'a été transmise par le Gouverneur Civil
de Oporto.

J'ai continué alors mes recherches scientifiques chez moi; on
m'a organisé un petit laboratoire. J'ai demandé permission
au Ministre d'aller à la Bibliothèque de la Faculté
faire les recherches bibliographiques; le Ministre a répondu
en me défendant d'entrer en "aucune sorte quelle dépendance
universitaire". Je jure de le dépêcher ou cette prohibition
m'est communi-
quée.

Cependant j'ai continué mes recherches et j'ai fait

6

même chez moi des travaux que je de cytologie que assez
 beaux sur l'appareil pen-golien de la zone de Golgi
 que je veux de découvrir, et sur le réaction-choc des
 globules rouges, découverte récemment par moi.

Seulement ces recherches sont faites dans des circonstances très
 difficiles, car non seulement je ne possède pas de res-
 sources suffisantes, mais on m'empêche de travailler
 pour les acquies.

Je peux par exemple publier des notes dans les revues
 scientifiques, mais je ne peux pas commander les 40.000
 à part qui me sont nécessaires, par maintenir les échan-
 gés scientifiques de l'ancien Institut d'Histologie que
 j'avais fondé et organisé à l'Université.

Explicou, sem rodeios, as razões, na sua opinião, que estavam na origem da sua demissão: a Ditadura Salazarista e a aliança sagrada com as Forças armadas, a Igreja e os seus exércitos, como a JOC, a JEC. e a JUC e a Acção Católica, a poderosa Censura, que ia desde os jornais e livrarias até às universidades e cadeiras nelas ministradas, os desmandos da polícia secreta, as prisões arbitrárias dos opositores ao regime, as ofensas físicas de que eram vítimas, como as cargas eléctricas, as unhas arrancadas e a tortura da “estátua”, as deportações para Peniche, Açores, África e Timor.

Concluindo: Abel Salazar tinha plena consciência de que a sua demissão não se limitava a um ajuste de contas pessoal, era um problema mais vasto que decorria da Ditadura e seus capangas. Dificilmente, recuperaria a sua cátedra, e isso ficou bem explícito e reafirmado quando solicitou ao ministro da Instrução autorização para leccionar um “Curso de Histologia e de Sistemática do Sistema Nervoso” para uso dos médicos, acção que ele sempre defendeu. Foi então informado pelo Governo Civil do Porto que tinha sido indeferido o seu pedido. Igualmente solicitou ao mesmo ministro permissão para poder frequentar os laboratórios e as bibliotecas da Faculdade, tendo sido novamente informado, mas por Almeida Garrett, director da Faculdade, que por despacho ministerial lhe fora impedido o acesso a qualquer dependência da Universidade.

Em Portugal, estava condenado ao isolamento e pensou ir viver para o estrangeiro, aproveitando uma bolsa do British Council, uma vez que tinha convites de França, Estados Unidos da América e Inglaterra; Mais uma vez, o regime salazarista lhe cortou as oportunidades e o visto de saída foi recusado. Assim, a demissão não lhe tirou somente o contacto directo com os alunos, cortou-lhe também a possibilidade de continuar a sua investigação científica quer em Portugal quer no estrangeiro.

Mas o histologista portuense era um homem de têmpera rija e de fortes convicções, uma vez que fora impossibilitado de frequentar a Faculdade de Medicina, no Porto, bem como todas as universidades e laboratórios e ainda vedado a refazer a sua vida no estrangeiro, resolveu organizar em sua casa um pequeno laboratório e aí continuou as suas investigações científicas realizando vários trabalhos relativos ao estudo das células sobre o aparelho paralogi e sobre a reacção-choque dos glóbulos vermelhos. E desta maneira o cientista conseguiu sobreviver. A demissão não conseguira liquidá-lo.

Acatando-se ao espaço da sua casa e uma vez que lhe sobejava tempo, o pintor e o publicista voltaram novamente em força e foi nesta altura que Abel Salazar produziu muitos

artigos de divulgação cultural, bem como muitas pinturas. No fundo, aqueles que gostavam dos seus trabalhos, como artista, ficaram satisfeitos com o seu afastamento da faculdade.

4.2.5. Abel Salazar e a sua Cruzada Cultural

A actividade artística, literária e filosófica de Abel Salazar, no período decorrente entre a sua demissão e a sua reintegração, em 1941, parece-nos extraordinariamente fecunda. Desfrutou então da maior reputação e influências públicas, não tanto pelas conferências, porque não as fez, mas por uma intensa colaboração em artigos que prestou nos periódicos regionais e nacionais, pela publicação de livros, como *Paris em 1934*, *Recordações do Minho Arcaico*, e *O que é a arte?*, e ainda pelas exposições dos seus quadros que levou a cabo no Porto e em Lisboa em 1938 e 1940. Definiu então as suas ideias políticas, as suas concepções acerca duma ciência positivista dos fenómenos psíquicos, dos fenómenos histórico-sociais, mostrou que a arte não só era compatível com a ciência e a religião, mas que era uma actividade essencial para o ser humano.

A sua prestação cultural nos anos de 1932 a 1934 decorreu em actividades de extensão universitária e de divulgação cultural a pedido e por iniciativa de estudantes republicanos, da sua imprensa e das suas associações: Associação Profissional dos Estudantes de Medicina do Porto, Associação dos Estudantes de Medicina de Lisboa, Centro Académico Republicano de Coimbra e periódicos estudantis *Liberdade*, *Gérmen*, *Medicina e Outro Ritmo*. Neste período, sem o incentivo das massas estudantis apenas se envolveu em duas conferências: na Universidade Popular de Lisboa e na Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto.

Ainda no ano de 1935, o cientista portuense continua a sua colaboração nos periódicos, dirigidos pelos estudantes, como a *Democracia do Sul* (Évora), *Ideia Livre* (Anadia), e *Gérmen* e *Medicina*. Nesta altura, os estudantes tinham já pouco poder contestatário, mesmo assim, Abel Salazar continuou a apoiá-los e escreveu ainda em duas revistas de Coimbra: a primeira, *Cadernos de Juventude*, em 1937; e a segunda, *Síntese*, em 1939-1940.

Nestes seis anos (1935-1940) em que foi um entusiasta divulgador cultural, as amarguras, que passou com a Censura, as intervenções dos seus adversários, as polémicas, em que se envolveu, não lhe amoleceram o ânimo nem tão pouco o perturbaram. Olhou sempre em frente, não se desviou do caminho traçado e, assim, se pode afirmar que, não sendo um

seareiro, colaborou na *Seara Nova*, não sendo comunista, colaborou com estes no *Diabo* e no *Sol Nascente* e, não sendo socialista, colaborou em *Pensamento*. Isto tudo porque, com todos eles, tinha em comum a rejeição da Ditadura e do clericalismo, o desprezo por um governo assente na obediência, no medo e na ignorância, a aversão às injustiças sociais, a uma cultura onanista e narcísica, à subordinação da ciência a uma mundividência tutelada por valores metafísicos e/ou teocêntricos. São estas as principais razões que constatamos nos jornais e revistas em que Abel Salazar trabalhou – como *A Vida Contemporânea*, *A Ideia Livre*, *O Trabalho*, *Pensamento*, *Seara Nova*, *A Voz da Justiça*, *O Diabo e o Sol Nascente* entre outros. Ao partilhar estas ideias, obteve muitos dissabores, mas o cientista portuense não só denunciou o que julgava errado, como apresentou alternativas e divulgou-as o mais que pôde como um apóstolo numa cruzada. Na sua opinião, o autoritarismo e o dogmatismo e as suas formas organizadas (como a Ditadura e a Igreja Católica), a ignorância, a superstição, as injustiças e as violências sociais desapareceriam pouco a pouco, se a visão do mundo de todas as pessoas, e de cada uma por si, se regesse por uma norma de conhecimento positivo e científico. Para Abel Salazar, na ciência, no conhecimento do seu poder e das suas limitações, estava o segredo do desmoronamento do castelo de malefícios e nela firmar-se-iam os alicerces da sociedade futura. Alguns destes pensamentos tinham já sido perfilhados por Comte e pelos correligionários do cientismo. Assim, para cumprir esta aspiração, havia que divulgá-la, principalmente entre a população que vivia no interior do país, gente sã e isenta de vícios e fraquezas citadinas. Pelo menos, Abel Salazar acreditava e tinha grandes esperanças nesta gente, como o diz numa carta enviada a Joaquim Madureira Bráz-Burity, quando esteve internado na Casa de Saúde em Barcelos.

Neste período, Abel Salazar divulgou a psicossomática, pensando que ela superava o problema psicofísico, dando assim uma base científica à psicologia, e naturalmente, uma matriz de inteligibilidade positiva para as ciências do homem, como a sociologia, a história, a política, a estética; criticou bastante, as ditaduras e o catolicismo, apelando ao seu combate e à reposição da democracia e do religiosismo indefinido; atreveu-se a uma explicação da “crise” da Europa entre as duas grandes guerras; expôs uma teoria da arte, onde não só considerava como sem sentido os problemas candentes da “arte pela arte” e da “arte social”, mas onde mostrava, para além da tectónica do conceito de arte, a irredutibilidade da emoção estética ao conhecimento científico, a sua indispensável coexistência para o bem do homem e da sociedade, e ainda, uma cruzada contra a metafísica e os seus sequazes.

Em síntese, estes foram os temas fundamentais da sua cruzada cultural com o objectivo, para além da divulgação, de uma renovação mental e moral das populações. Difundiu-os através da *Voz da Justiça*, do *Trabalho*, do *Diabo*, do *Sol Nascente*, da *Síntese*, da *Esfera* (Rio de Janeiro), da *Pensamento*, e da *Vida Contemporânea*, *Ideia Livre*, da *Foz do Guadiana* (Vila Real de Santo António), da *Democracia do Sul* (Évora), dos *Cadernos de Juventude* (Coimbra), e da *Seara Nova*.

Nem sempre a difusão cultural projectada decorreu de forma pacífica. Embora a maioria da imprensa conservadora tenha ignorado os desafios de Abel Salazar, houve alguns que contestaram as suas ideias: a *Acção Nacional* (Águeda), o *Diário da Manhã* e a *Revista Católica* (Viseu). Na opinião de Norberto Cunha, a *Acção Nacional*, foi a que fez observações mais acertadas e perspicazes. A um artigo sobre a falência da metafísica, publicado por Abel Salazar na *Ideia Livre*, reagiu Gil Braz dizendo que o histologista não tinha razão, pelo menos na forma como estava a apresentar o problema. Apresentava-o, dogmaticamente, sem expor argumentos para fundamentar as suas opiniões. Servia-se do prestígio do seu nome como cajado de autoridade, e assim, no seu entender, estava a ter uma atitude desonesta. Como professor universitário que era, tinha o dever de fundamentar as suas opiniões e não estava certo mencionar a metafísica a pessoas que nunca tinham ouvido falar de tal coisa sem aduzir as razões do que afirmava, sobretudo quando essas afirmações estavam acauteladas pelo prestígio da autoridade de quem as fazia. Com este artigo de divulgação, afirmando «a impossibilidade do homem atingir o absoluto, portanto, Deus»⁷⁵, podia-se correr o risco de se estar a criar ideias antifamiliares, antinacionais e anti-religiosas. Estes eram, para Gil Braz, os perigos da divulgação do artigo de Abel Salazar, daí ter solicitado a intervenção da censura.

O *Diário da Manhã* e a *Revista Católica* tiveram uma reacção diferente. O matutino lisboeta, havia muito tempo, mantinha um contencioso com Abel Salazar em virtude da afirmação da falência da metafísica, que este proclamara e também devido à alcunha de “merdiflor” com que satirizara a filosofia de Bergson e por o criticava dizendo que eram afirmações de um malfeitor, de um doente à procura de um psiquiatra, de um filósofo destrambelhado, tido na conta de génio por discípulos estúpidos e bacocos, que utilizava a ciência para fins demagógicos, deturpando as suas conclusões e apresentando como dogmas as suas hipóteses.

A *Revista Católica* reagiu às críticas que Abel Salazar fez no *Trabalho* sobre as religiões, onde apelava ao religiosismo indefinido em substituição das religiões organizadas

⁷⁵ Gil Braz transcreve o artigo *Grandeza e Miséria da Instrução Popular*, n.º.70 de 28 de Setembro de 1935.

como o Catolicismo. A esta ofensiva, o jornal católico de Viseu veio à praça pública reafirmando que havia uma única religião a defender a “Católica Apostólica Romana” e que todas as outras eram produto de imaginação e estragada fantasia, de ignorância e de maldade humana e que defendê-las era combater o Catolicismo e apoiar o comunismo. Para este jornal de Viseu, não havia meio-termo, ou era comunista ou católico. Para o articulista responsável, era claro, como a água, em qual dos lados estava Abel Salazar e *O Trabalho*.

De facto, as maiores dificuldades que o cientista portuense teve de enfrentar foram as da Censura, vejamos então alguns casos: A 16 de Agosto de 1935, Seabra Dinis, responsável pelo *Ideia Livre*, informou Abel Salazar, em carta, que recebera o artigo sobre “A falência da Metafísica” e que o artigo anterior tinha sido cortado totalmente pela Censura e apelava ao mestre paciência e que havia de chegar o dia em que todos os artigos se haviam de publicar. A 27 de Março de 1936, Vasco da Gama Fernandes informava-o, por carta, que a *Vida Contemporânea* iria expirar com a edição do próximo número, porque a Censura encarregou-se de a esfrangalhar, cortando artigos como o seu “ser ou não ser – eis a questão” e mesmo assim tinha conseguido sobreviver dois anos. Anastácio José dos Santos, director e proprietário d’*O Trabalho*, homem republicano e de elevada moral, também informou Abel Salazar, em carta de 6 de Novembro de 1936, que A Direcção-Geral dos Serviços de Censura classificou os seus trabalhos, publicados nos dois últimos anos no jornal, de ofensivos e de má educação, e o director perguntava se devia ou não continuar a composição que tinham em vista sujeitando-se ao cortes ou a fazer alterações. Estes são apenas alguns exemplos que demonstram bem a autoridade da censura para com os trabalhos de Abel Salazar.

Retoma das principais contribuições de Abel Salazar e conclusão...

A figura de Abel Salazar compõe um exemplo raro de intemporalidade criadora. Tendo vivido na primeira metade do século XX, deixou expressões intelectuais e estéticas que atingem dimensões planetárias que o imortalizam e o projectam bem acima da história dos factos quotidianos. Morreu, há sessenta e um anos, mas a sua actividade intelectual e artística, não ficou, felizmente, esquecida e hoje ganha o merecido reconhecimento.

Em conclusão geral, podemos afirmar que esteve sempre à cabeça de todas as manifestações que podiam englobar riscos pessoais, sempre atraído por uma nova expressão, sempre ao lado da juventude aguerrida. Na pintura, no professorado, na crítica, no gabinete de trabalho, demonstrou um intenso humanismo na interpretação dos grandes desígnios da vida e dos quotidianos comuns.

Como cientista os primeiros trabalhos de Abel Salazar foram, em 1915, consagrados ao cérebro humano, trabalhos puramente anatómicos. No ano seguinte, completou o trabalho anterior com outro a que chamou “Falsas anomalias do Pallium”. Posteriormente, procurou as leis que explicam as formas complexas do cérebro humano e as relações das suas variações, baseando-se primeiro numa análise da configuração do cérebro, na sua evolução e depois nas considerações filosóficas que lhe inspiraram o estudo do órgão e a meditação sobre os fenómenos psíquicos. Este trabalho terminou com uma tentativa pessoal de encarar cientificamente os vários aspectos, pelos quais tomamos conhecimento do cérebro e do espírito. Em 1917, Abel Salazar iniciou investigações no âmbito do ovário da coelha, o que, mais tarde, lhe permitiram apresentar leis sobre a evolução do mesmo, conseguindo um estudo completo daquele órgão. Em 1923, o cientista indicou a existência de quatro tipos de ovários, sob o ponto de vista fisiológico, conclusão certificada apenas uma geração depois. Ainda naquele ano, descreveu o método tano-férrico, que aplicou primeiro nos seus estudos sobre o ovário e mais tarde em outros órgãos. Em 1925, publicou um trabalho completo sobre alguns pontos de histologia do ovário da coelha, estudado com esse mesmo método trabalho esse composto por 161 páginas, 118 desenhos e 22 microfotografias. Sete anos mais tarde, descobriu o aparelho ParaGolgi demonstrado nos mais variados tipos de células: células intersticiais do ovário, ovócitos, espermátócitos, leucócitos, células nervosas e fibra muscular estriada. Ao todo publicou 113 trabalhos científicos nas áreas do aparelho de Golgi e ParaGolgi, método com o qual ficou reconhecido internacionalmente.

Na condição de artista, absorvido em emotivo humanismo, o autor em causa dominou as técnicas de desenho, a caricatura e o retrato; na pintura, usou a aguarela, o óleo e o pastel; na escultura, o barro e o bronze; na gravura em metal, que cultivou sempre, ao longo da sua vida, evidenciou méritos, consagrados em exposições, que o impuseram no conceito dos críticos. Esta faceta revelou-se logo de início bem definida, nas lindas aguarelas, tocadas de beleza e ternura, de costureirinhas, curvadas ao peso de grandes caixas de vestidos. Também fez trabalhos murais, de arrojada concepção e envergadura, como os do Café Rialto, no Porto. Em algumas composições pictóricas, caminha para o realismo evidente no árduo trabalho braçal que consegue representar de forma ímpar. Algumas das suas esculturas da figura humana podem considerar-se obras-primas. Em geral, todos os seus desenhos revelam as preocupações de um humanista, em que a mulher e as cenas do quotidiano assumem o papel principal. Liberdade e rigor técnico caracterizam a sua obra plástica para onde conseguiu transferir a “experimentação” mais típica da esfera científica.

Nas pinturas, das paisagens iniciais, depressa evoluiu para outro tema: o da mulher. Apesar do seu casamento infeliz, como já atrás referimos, colocou a mulher no âmago da sua obra. Aprofundou-a, compreendeu-a e retratou-a com uma paleta de cores à imagem de mulher enquanto tal, e a carvão negro à semelhança da labuta quotidiana, ora descarregando barcos ora carregando fardos de carqueja.

A argúcia e crítica de Abel Salazar alastraram também à arte, à qual se dedicou afincadamente, aquando do afastamento da Faculdade, mas também como meio de subsistência. Se por um lado, o conteúdo dos seus quadros era explícito, fazendo lembrar Daumier⁷⁶ e também Rafael,⁷⁷ a sua estética era silenciosa e muda aparentando “sub-repticiamente” a sua expressão em traços, luzes e sombras, rigores e indefinições, mais do que em grandes explanações teóricas.

⁷⁶ Honoré Daumier (1808 – 1879) foi um caricaturista, chargista, pintor e ilustrador francês. Foi conhecido no seu tempo como “Michelangelo da caricatura”. Na pintura as cores simplificam-se nos tons ocre e da terra. Os temas são artistas em desgraça e crianças na miséria. Os seus quadros visam à emoção e os seus personagens conservam o tempo todo a dignidade humana.

⁷⁷ Rafael em italiano Raffaello Sanzio nasceu em 1483 e faleceu em 1520, com apenas 37 anos. Foi mestre da pintura e da arquitectura da escola de Florença. Pintou várias obras sendo uma das principais “A Transfiguração”. Fez uso de grandes inovações introduzidas na pintura no Renascimento. O claro-escuro, contraste de luz e sombra que empregou com moderação, e o esfumado, sombreado levemente esbatido, ao invés de traços, para delinear as formas. Foi influenciado por Michelangelo. Foi enterrado no panteão, o mais honorável mausoléu na Itália. Em sua tumba foi colocada uma frase de Pietro Bembo em latim que diz “Aqui jaz Rafael, que fez temer à natureza por si fosse derrotada, em sua vida, e, uma vez morto, que morresse consigo”.

A obra pedagógica de Abel Salazar merece ser retomada em virtude da sua actualidade. Com efeito, desenvolveu métodos para estimular a inquietação científica dos alunos. Procurou desenvolver as qualidades intelectuais e humanas de cada um. Ensinou-os a serem críticos em face do conhecimento estabelecido e estimulou-os a interpretar a realidade em vez de aceitarem passivamente as opiniões alheias.

A sede de saber, que o levou a investigar diversos e, às vezes, contraditórios domínios, traduziu-se numa vasta bibliografia de temáticas tão diversificadas que fazem dele um dos raros espíritos renascentistas do nosso tempo. Orientou cursos, apresentou dezenas de comunicações científicas, participou em várias conferências, colaborou em inúmeros jornais e revistas e ainda em muitas publicações estrangeiras. Combateu o dogmatismo e o autoritarismo da sociedade. Incentivou as instituições de ensino que, em seu entender deveriam ser centros irradiadores de cultura crítica e de cidadania. Abel Salazar nunca foi político mas cumpriu os seus deveres sociais conforme os ditames da ética e da ciência. Para ele havia distinção entre os conceitos de instrução e educação, sendo a instrução uma reunião mnésica do conhecimento enquanto a educação era o desenvolvimento intelectual. Propôs a substituição da instrução que privilegiava a transmissão de conhecimentos pela que favorecia antes a procura autónoma do saber e privilegiava a interdisciplinaridade e a iniciativa do aluno, no dístico: ensinar menos, educar mais. A independência e rigor intelectual e moral constituíram os seus lemas. Não admiram, pois, a incompreensão isolamento a que se viu vetado ao longo da vida e os rótulos de revolucionário com que foi marcado. Obviamente, não quis ser mais do que cidadão vertical e de pleno direito e um cientista sem peias. Os seus valores visavam direcções distintas das prosseguidas pelo outro Salazar, o ditador e responsável pelo regime.

Hoje, a casa de S. Mamede de Infesta, que acolheu Abel Salazar durante quase 40 anos, foi transformada em Museu, é um símbolo do legado artístico do autor de “*O que é a arte?*” e um sinal de reconciliação com a instituição universitária pois faz parte do património da Universidade do Porto. Doada pela Fundação Calouste Gulbenkian, a 19 de Julho de 1975, a Casa-Museu foi inaugurada com a exposição “*A mulher no trabalho*”, composta unicamente por obras do artista.

A moradia mantém os aposentos na disposição original, desde os móveis, as salas com trabalhos científicos, ao quarto repleto de pertences pessoais, passando pelo atelier. A completar todo este espólio, podem ainda ser apreciadas na Casa-Museu de Abel Salazar colecções de pinturas, quadros e esculturas de bronze, um complexo e colorido universo

contrastante com a austeridade dos livros da biblioteca. Aqui, encontram-se obras doadas pelo seu amigo Ruy Luís Gomes e também livros do próprio Abel Salazar como é o caso de “*Ensaio de psicologia filosófica*” (1915), “*Recordações do Minho Arcaico*” (1939) e a sua obra-prima científica: “*Hematologia – Ideias e Factos Novos*” (1945).

As suas viagens ao estrangeiro foram uma grande fonte inspiradora para a sua bibliografia e também lhe permitiram fazer dissertações sobre artistas por si admirados. Destaca-se “*Um Primavera em Itália*” (1934), “*Paris em 1934*” (1943) e “*Um estio na Alemanha*” (1944). Pelas vivências descritas e sua intensidade descritiva, estas obras podem ser integradas no género da literatura de viagens. Contudo, há ainda uma grande parte da sua obra que permanece em parte incerta. Cumpre à Casa-Museu descobri-la, ampliá-la e perpetuá-la para possibilitar a outros, como nós, ir ao encontro da acção cultural ou científica do próprio Abel Salazar e dos seus melhores exemplos para a actual e as gerações vindouras.

Cultivando os melhores valores republicanos, fez cursos livres e conferências abertas aos que se interessavam pelos temas que desenvolveu. Foi muito criticado, até por pensadores do seu tempo, mas também, teve amigos e apoiantes que o defenderam como o Abade de Baçal, com quem trocava opiniões e ideias, que lhe escreveu uma carta, na qual se afirmava envergonhado e triste pela forma como “os católicos de parada”, assim os rotulou, o tratavam.

O professor universitário, que nunca deixará de ser, não se acantonou à sua especialidade. Orientou a sua curiosidade para outras áreas do saber de modo “interdisciplinar”, reflectiu filosoficamente sobre as ciências e a cultura e disponibilizou todas as suas energias ao serviço dos alunos, dos outros, da sociedade e do progresso português.

Porque era um espírito polimórfico, autêntico humanista, também foi um homem de letras. As obras que publicou, sobre viagens, estética, crítica social, como filosofia e história do pensamento e da arte, atestam uma opulência criativa, prodigiosa, de facetas espelhantes, de imagens e linguagens que surpreendem num homem de ciência positiva. Assim, exerceu sempre uma grande influência intelectual e acreditou na transformação rápida da sociedade por acção dos factores culturais. Mais do que no activismo político e parcialidade da análise que enxergou em Bento Gonçalves e Cunhal, acreditou no pensamento e na razão transformadora que nunca deveria esquecer a totalidade do real, mais ao género de António Sérgio.

Não podemos considerar Abel Salazar indiferente às circunstâncias do tempo que viveu porque estas lhe foram demasiado pesadas. A revolução socialista na Rússia em 1917, a subida de Mussolini ao poder em Itália, o golpe antidemocrático de 1926, em Portugal,

seguido da implantação do regime fascista-salazarista, a guerra civil de Espanha, o hitlerismo na Alemanha, a eclosão da grande guerra mundial e a doença, marcaram-no indelevelmente, todavia, manteve-se sempre firme de carácter e fiel aos valores da democracia, da ciência e aos ideais humanos, mesmo quando estes pareciam ruir perante tantos desatinos entre as nações.

Concluindo, finalmente, encontramos, em Abel Salazar, uma personalidade dividida entre a persistente curiosidade científica e a alma de artista, no entanto, sempre assumindo as duas dimensões na totalidade da sua humanidade. Demonstrou uma natural capacidade de amar e um generoso sentimento de liberdade. O célebre grito de Beethoven “ amar a liberdade acima de tudo” “ (Freiheit uber alles lieben) “ encontrou um forte eco no espírito de Abel Salazar. Para exemplo futuro, não pôs a elevada capacidade intelectual e de trabalho a serviço do enriquecimento pessoal ou familiar, mas do povo que sempre lhe mereceu o maior respeito e carinho e recusou o servilismo em que muitos embarcaram, com o fito único da sobrevivência.

Fontes

Obras de Abel Salazar

Livros:

SALAZAR Abel, *A Ciência e o Mundo actual*, vol. 1.º, Porto: Imprensa Portuguesa, 1935.

_____, *A Crise da Europa*, Lisboa: Edições Cosmos [1942].

_____, *Digressões em Portugal*, vol. 1.º, Porto: Imprensa Portuguesa, 1935.

_____, *Hematologia – Ideias e Factos Novos*, Porto: Portucalense Editora, S. A.R. L., 1944.

_____, *Henrique Pousão*, Porto: Livraria Tavares Martins, 1947.

_____, *O Que É a Arte?*, Coimbra: Arménio Amado, Editor. 1940.

_____, *Paris em 1934*, Porto: tipografia Civilização, 1938.

_____, *Recordações do Minho Arcaico*, Porto: Tipografia Civilização, 1939.

_____, *Travaux du "Centro de Estudos Microscópicos" de la Faculté de Pharmacie*. Porto: Tip. Porto Médico. Vol. I, fasc. I. 1941.

_____, *Um estio na Alemanha*, Coimbra: Editorial Nobel, 1944.

_____, *Uma primavera em Itália*, Lisboa: Nunes de Carvalho, Editor, 1934.

Opúsculos e Separatas:

SALAZAR, Abel, *A Posição Actual da Ciência, da Filosofia e da Religião*, conferência realizada na Faculdade de Medicina de Lisboa em 3 de Fevereiro de 1933 a convite da

Associação de Estudantes de Medicina, Lisboa: Imprensa Médica, 1934 (separata d'A *Medicina Contemporânea*, n.ºs 8 e 9, 25 de Fevereiro e 4 de Março de 1934).

_____, *A Posição Actual da Filosofia e da Religião*, conferência realizada na Universidade de Lisboa [é a continuação da imediatamente anterior e foi realizada no dia seguinte], Lisboa: Imprensa Médica, 1934 (separata d'A *Medicina Contemporânea*, n.ºs 43 e 44, 28 de Outubro e 4 de Novembro de 1934).

_____, *A Socialização da Ciência*, Lisboa: Editorial Liberdade, 1933 (separata do Semanário académico *Liberdade*).

_____, *A Teoria das Localizações Cerebrais e a Doutrina Sua Contrária – O Atomismo Psicológico e as Doutrinas Opostas: Gestalpsychologie, etc.*, Lisboa: Centro Tipográfico Colonial, 1940 (separata d'A *Medicina Contemporânea*, n.ºs 13 e 14, Março e Abril de 1940).

_____, *Ensaio de Psicologia Filosófica* (dissertação inaugural apresentada à Faculdade de Medicina do Porto), Porto, 1915.

_____, *L'appareil para-Golgi d'après la nouvelle technique au tannin-fer avec surmor dancage alterne (tannin-fer II)*, Lisboa, s. ed. e s. d. [1946].

_____, *L'Institut d'Histoire et d'Embryologie*, résumé des travaux réalisés – depuis 1918, Porto: Faculdade de Medicina, 1925.

Pinturas:

SALAZAR, Abel, *Ao sol*, óleo, 1922

_____, *Auto-retrato de Abel Salazar* – óleo. 1920

_____, *Bouça*, Minho – óleo, 1922 (?)

_____, *Campo de centeio*, Gondar, Minho – óleo, 1922 (?)

_____, *Costureira* – aguarela, 1912

_____, *Costureira* – óleo

_____, *Mulher no cabaret*, Paris – óleo, 1934 (?)

_____, *Mural no ex-Café Rialto*, Porto

_____, *Nas Galerias Lafayette*, óleo, 1935 (?)

_____, *No Mercado*, - óleo

_____, *Ribeira* – óleo, 1921

_____, *Sob as arcadas da Ribeira* – óleo, 1923

_____, *Trabalhadoras* – óleo

_____, *Trapeiras*, óleo, 1921

_____, *Vendedeira*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Rep. de pintura a óleo.

_____, *Vinte trabalhos sobre o Porto e outros lugares*, com um texto de Óscar Lopes, Porto.

Bibliografia

Sobre Abel Salazar: Catálogos, álbuns comemorativos e reproduções

AVEIRO, Câmara Municipal, Universidade de Aveiro, *Comemorações em Aveiro do centenário do nascimento do Professor Abel Salazar*, 1991?

AVEIRO, Galeria Municipal, Coelho, Jorge, Pessoa, José, *Abel Salazar, 1889-1946, 1999.*

CASA-MUSEU Abel Salazar, *O Abade de Baçal, Abel Salazar no cinquentenário da sua morte*, [D.L. 1998].

COIMBRA, António, *Abel Salazar: 96 Cartas a Celestino da Costa*, Gradiva – Publicações, L.^a, 1.^a edição: Abril de 2006.

ESTRADA, Adelaide, *Abel Salazar Pintor de Realidades – Exposição no XX aniversário da sua morte 1889/1946*, Edição da Sociedade Divulgadora da Casa-Museu Abel Salazar.

_____, *Catálogo da Exposição de desenho, pintura, escultura e cobres martelados de Abel Salazar – no 1.^o aniversário da sua morte*, Fundação Abel Salazar.

_____, *Catálogo da Exposição de quadros a óleo e esculturas de Abel Salazar – no 1.^o aniversário da sua morte*, Fundação Abel Salazar.

_____, *Catálogo da Exposição de quadros do Prof. Dr. Abel Salazar – Organizada pelos seus Amigos no Salão Silva Porto (Janeiro de 1938)*, Sociedade Nacional das Belas-Artes.

_____, *Catálogo da Exposição de quadros do Prof. Dr. Abel Salazar – Organizada pelos seus Amigos (Novembro de 1938)*, Sociedade Nacional das Belas-Artes.

_____, *Exposição de Abel Salazar de 16 a 31 de Dezembro de 1940*, Porto: Sociedade Nacional das Belas-Artes.

_____, *Exposição de Croquis, Esquiços, Monotipias e Cobres Martelados no Salão Silva Porto – Porto: Tipografia Civilização, Janeiro de 1940.*

_____, *Catálogo Nos 75 Anos da Universidade do Porto (Obras de Arte de Abel Salazar, pertencentes à Casa-Museu).*

_____, *Pinturas de Abel Salazar* – Mercado Ferreira Borges, Câmara Municipal do Porto, Fundação Calouste Gulbenkian e Casa-Museu Abel Salazar.

HERMÍNIO, Celso, *Abel Salazar, album de exposição/textos de Celso...* [et al.], 1871-1904 Porto: [s.n.], (Porto:- Imprensa Portuguesa), 1871-1904,1938.

NOVAIS, Horácio, *8 reproduções de trabalhos de Abel Salazar*, 1910-1988 fotog. Porto: Fundação Abel Salazar, 1956.

RESENDE, Flávio, *Abel Salazar* (Separata de “Portugália e Acta Biológica”).

SALAZAR, Dulce, *Apontamentos Biográficos de Abel Salazar*, Casa-Museu de Abel Salazar.

SILVA, Amândio, *Pinturas de Abel Salazar, desenhos, gravuras, esculturas, cobres marteladas: catálogo Mercado Ferreira Borges (restaurado), programa da reabertura e da entrega da Medalha de Ouro da Cidade ao Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian*, 1983.

_____, *Abel Salazar, artista, pinturas, desenhos, gravuras, esculturas, cobres martelados, no 1º centenário do seu nascimento, 1889-1989*, Comissão Organizadora das Comemorações do Centenário do Nascimento de Abel Salazar, Execução de Inova/artes Gráficas, 1989.

_____, *Abel Salazar – Artista*, Edição da Universidade do Porto, Câmara Municipal do Porto, Câmara Municipal de Matosinhos, Casa-Museu Abel Salazar, 1989.

SILVA, Paulo Neves da, *O Livro das Citações*, Cruz Quebrada: Presença, 2005.

SIMÕES, João Miguel dos Santos, *Centenário de Abel Salazar, Guimarães 19 de Julho 1889/1989*

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES (Lisboa, Portugal), *Catálogo da exposição de quadros do Prof. Dr. Abel Salazar*.

SOUSA, A. Tavares de, *Abel Salazar Homem de Ciência* (Separata de “ O Médico”).

UNIVERSIDADE DO PORTO, Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, *Lista bibliográfica, trabalhos publicados*, 1993, [D.L. 1996]

TEIXEIRA, Gomes, descreveu no *Elogio Histórico de Daniel Augusto Silva*, lido na Academia das Ciências de Lisboa em 2 de Junho de 1918, ([68]. p.160).

VARIOS, *Abel Salazar / Artista, No 1º. Centenário do seu Nascimento, 1989*, Edição Inova/Artes Gráficas, 19 de Julho de 1989.

VARIOS, *Abel Salazar – Retrato em Movimento*, Porto: Campo das Letras – Editores S.A., 1ª. ed., Dezembro de 1998.

VARIOS, *Presença de Abel Salazar*, Porto: Editorial Inova Presença, 1969.

Sobre Abel Salazar: biografias e documentação para a biografia e ideário

CASTRO, Afonso de, *Notas para uma biografia de Abel Salazar*, Edição da Casa-Museu Abel Salazar, 1992.

_____, *Documentos sobre a morte de Abel Salazar*, Edição da Associação Divulgadora da Casa-Museu Abel Salazar, 1994.

CARLOS, Papiniano, *Abel Salazar – A Torrente*, Edição da Casa-Museu Abel Salazar, 1989.

COSTA, A.Celestino da, *Abel Salazar - Histologista*, Porto: Edição da Sociedade Divulgadora da Casa-Museu Abel Salazar, 1970.

COIMBRA, Arménio Amado Editor, *O que é Arte?* (Reeditado em 2003, Porto: Co-edição Casa Museu Abel Salazar e campo das Letras Editores SA).

CUNHA, Norberto, *Abel Salazar, nota biográfica e bibliográfica*, 1944,1990.

_____, *Génese e evolução do ideário de Abel Salazar* [Texto policopiado], 1944,1989.

_____, *Génese e evolução do ideário de Abel Salazar*, 1944, imp, 1997.

_____, *O ser e o haver das polémicas de Abel Salazar*, 1944, 1990.

FALCÃO, Fernando, *Um Homem chamado Abel Salazar*, Edição da Associação Divulgadora da Casa-Museu Abel Salazar, 1996.

FERNANDES, Maria Luísa Garcia, *Abel Salazar 1889-1946*, D. L. 1999.

GUSMÃO, Adriano, *A personalidade artística de Abel Salazar*, Porto: Fundação Abel Salazar, 1948.

LOPES, Óscar, *Abel Salazar, 20 trabalhos sobre o Porto e outros lugares*, Porto: Oiro do Dia (Cadernos 18), imp. 1983.

MACEDO, Diogo de, *Oito reproduções de trabalhos de Abel Salazar, com um estudo crítico...* Porto: Edição da Fundação Abel Salazar, 1955.

MALPIQUE, Cruz, *Perfil Humanístico de Abel Salazar*, Porto: Civilização, 1977.

NOGUEIRA, Jofre Amaral – *O Pensamento de Abel Salazar* (Antologia), Porto: Editorial Inova. 1972.

POMAR, Júlio, *Na Abertura da Exposição Póstuma de Abel Salazar*, Edição da Casa-Museu Abel Salazar, 1989.

SAAVEDRA, Alberto, *Abel Salazar, Íntimo*, Edição da Imprensa Portuguesa.

_____, *Algumas Palavras Acerca de Abel Salazar*, Araújo & Sobrinho, Sucrs.

SANTOS, Alfredo Ribeiro dos, *Para um novo perfil de Abel Salazar*, Tipografia Camões – Póvoa de Varzim, Junho de 1997.

SILVA, Lúcio Craveiro da, *Abel Salazar, a universidade e a cultura*, 1914-?SJ,1990.

Periódicos

A VERDADE

- “Em nome da Nação: quebre-se o frasco de venenos”, de Costa Brochado, nº. 10, 3 de Dezembro de 1933.
- “Cândidos, puros, sublimes...”, de Costa Brochado, nº.2, 9 de Dezembro 1933.

ACÇÃO NACIONAL

- “Grandeza e Miséria da Instrução Popular” de Gil Braz, nº. 70, 28 de Setembro de 1935.

AFINIDADES

- “Consideration sur l’art moderne”, nºs. 9 e10, 1944, pp.75-78.
- “A crise europeia e o sistema euro-americano, nºs.19-20, 1946, 99.41-45.

ANAIS CIENTÍFICOS DA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO

- “As falsas anomalias do pallium”, 3 (2), 1916, pp. 73-132.

ARQUIVO NACIONAL

- “Carta aos lentes de Coimbra que Esperam Receber Mercê” de Rocha Martins, nº.85, 25 de Agosto de 1933.
- “Carta aos lentes de Coimbra que Esperam receber Mercê” de Rocha Martins, nº. 87, 8 de Setembro de 1933.

CADERNOS DA JUVENTUDE

- “Inquérito/Quais as ideias que em biologia mais interessam à juventude de hoje? Eis a resposta que a esta pergunta obtivemos do Prof. Abel Salazar, nº. 1, 1937, pp. 49-62.

COMÉRCIO DO PORTO

- Artigo do Prof. Joaquim A. Pires lima, na edição de 1 de Janeiro de 1926, sobre as verbas concedidas à investigação pelo Governo.

DEMOCRACIA DO SUL

- “A Psico-Somática e os Estudos Histórico-Sociais”, nº. 5205, 15 de Março de 1935, p.1; nº. 5206, 16 de Março de 1935, p.1; nº. 5207, 17 de Março de 1935, p.4; nº. 5208, 19 de Março de 1935, p.1; nº. 5209, 20 de Março de 1935, p. 1; nº. 5210, 21 de Março de 1935, p.1.

DIABO

- “Henrique Pousão, moço pintor alentejano e do seu lugar de destaque no impressionismo europeu”, nº. 141, 7 de Março de 1937, pp. 5 e 8; nº. 142, 14 de Março de 1937, p.5; nº. 143, 21 de Março de 1937, pp.5 e 8; nº. 144, 28 de Março de 1937, p.5; nº. 146, 11 de Abril de 1937, p.7; nº. 147, 18 de Abril de 1937, p. 5; nº. 149, 2 de Maio de 1937, p.7.

- “Carta a António Sérgio”, nº. 155, 13 de Junho de 1937, p.8.

- “As críticas de António Sérgio e as necessidades de utilização do pensamento português, nº.156, 20 de Junho de 1937, p. 8.

- “O Pensamento Positivo Contemporâneo/ A escola de Viena: sua posição no fluxo histórico do pensamento”, nº.160, 17 de Outubro de 1937, pp. 2 e 7.

- “A propósito da célebre questão da Arte pela Arte”, nº. 196, 26 de Junho de 1938, p.4.

- “A crise europeia: crise de crescimento ou crise de decadência?”, nº. 200, 24 de Julho de 1938, p.5.

- Artigo de Cristiano Lima, enaltecendo a exposição, 27 de Novembro de 1938.

- “Mundo subjectivo e objectivo, mundo físico, mundo interior e exterior, mundo científico e metafísico”, nº. 248, 24 de Junho de 1939, p. 2.

- “Rafael”, nº.292, 27 de Abril de 1940, p.1.

- “Rembrandt”, nº.294, 11 de Maio de 1940, p.3.

- “A Escola Portuguesa de Pintura”, nº. 302, 6 de Julho de 1940, p.3.

DIÁRIO DE LISBOA

- Artigo de Artur Portela, na edição de 16 de Janeiro de 1938, afirmando ser “o Mestre o maior pintor português vivo”.

DIÁRIO DA MANHÃ

- Artigo “Um malfeitor” 9 de Dezembro de 1935.

- Artigo de Fernando Pamplona desvalorizando a exposição de Abel Salazar, na edição de 28 de Novembro de 1938.

DÍARIO DA NOITE

- “A crise da Universidade”, nº. 368, 30 de Agosto de 1933.

- “Maranoñ e os ursos”, nº. 416, 26 de Outubro de 1933.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

- Artigo enaltecendo a exposição de Abel Salazar, na edição de 18 de Novembro de 1938, e afirmando “é um eminente mestre onde não há apenas talento mas génio”.

ESFERA

- “As várias facetas da verdade”, ano I, nº. 1, Maio de 1938, pp. 51-53.

- “A revolução científica e filosófica do século XX. Uma conversa preliminar”, Ano I, nº. 2, Junho de 1938, pp. 18-20.

“Abel Salazar em Lisboa”, Rio de Janeiro, 8 de Novembro de 1938, p.31. (Artigo de Jorge Domingues em despreço à exposição de Abel Salazar).

FOZ DO GUADIANA

- “A ciência e a metafísica”, nº.27, 5 de Janeiro de 1936, p. 1.

- “Uma nova Idade Média?”, nº. 28, 23 de Janeiro de 1936, p.1.

- “Espírito e Matéria”, nº.33, 22 de Fevereiro de 1936, p.2; nº.34, 5 de Março de 1936, pp.1 e 4.

- “Os intelectuais e a Gente Moça/Fala à *Foz do Guadiana* Abel Salazar. Entrevistas realizadas por Lobão Vital”, nº.44, 19 de Julho de 1936, p.1; nº.45, 26 de Julho de 1936, pp.1 e 4.

GÉRMEN

- “O expresso vertigem”, nº.2, Fevereiro-Março de 1935, pp.2-7.

- “Mecanismo e Vitalismo”, nº.1, Janeiro-Fevereiro de 1935, pp.35-40.

- “Sur le système tannophile de la zone cyto-centrale de Golgi”, nº. 2, Março-Abril de 1935, pp.3-9.

-“A falência da Metafísica”, nº.2, Março-Abril de 1935, pp.19-27; nº. 3, Maio-Junho de 1935, pp.43-45.

IDEIA LIVRE

- “A falência da Metafísica”, nº.364, 24 de Agosto de 1935, p.4; nº.366, 7 de Setembro de 1935, pp. 4 e 5; nº.368, 21 de Setembro de 1935, p.4; nº.370, 5 de Outubro de 1935, pp.4 e 8.

JORNAL DE NOTÍCIAS

- Artigo de Celso a enaltecer a exposição de Abel Salazar na edição de 16 de Janeiro de 1938.

- Artigo sobre a exposição de Abel Salazar no Salão Silva Porto na edição de 7 de Janeiro de 1940.

LIBERDADE

- “A função social da Universidade/Conferência realizada na Universidade Popular Portuguesa”, nº. 209, 18 de Junho de 1933, p.4; nº.214, 23 de Julho de 1933, p.4; nº.215, 30 de Julho de 1933, pp.2-3; nº.216, 6 de Agosto de 1933, pp.2-3; nº. 217, 13 de Agosto de 1933, pp.2-3.

- “A Junta de Educação Nacional e a sua obra cultural”, nº. 215, 30 de Julho de 1933, p.1.

- “A socialização da ciência/Conferência realizada na Associação de Jornalistas e Homens de letras do porto”, nº.222, 17 de Setembro de 1933, pp.2-3; nº. 223, 24 de Setembro de 1933, pp.2-3; nº.224, 5 de Outubro de 1933, pp.2-3.

- “Palavras de fé de um céptico”, nº. 245, 17 de Janeiro de 1935, p.2; nº. 246, 27 de Janeiro de 1935, pp. 1-2; nº. 247, 5 de Fevereiro de 1935, p.1.

MEDICINA

- “Indivíduo e Colectividade”, nº.3, Junho de 1934, pp. 117-122; nº.4, Julho de 1934, pp. 161-167; nº.6, Setembro de 1934, pp.241-244; nº.7, Outubro de 1934, pp. 280-282; nº. 9, Dezembro de 1934, pp.362-363; nº.13, Abril de 1935, pp.35-37; nº.14, Setembro de 1935, pp.66-70 e 80.

- “A revolta dos justos”, nº.12, Março de 1935, pp.482-484.

- “Ensaio sobre o mecanismo evolutivo do pensamento greco-europeu”, nº.16, Novembro de 1935, pp.31-35; nº.17, Dezembro de 1935, pp.31-35; nº. 18, Janeiro de 1936, pp.38-39; nº. 19, Fevereiro de 1936, pp.36-38; nº. 20, Março de 1936, pp. 30-34; nº.21, Abril de 1936, pp. 37-39; nº. 22, Maio de 1936, pp. 33-36; nº. 23, Junho de 1936, pp.35-38.

- “O defunto Instituto de Histologia da Universidade do Porto”, nº. 23, Junho de 1936, pp. 1-8.

MONTANHA

- “A triste Mensagem’...”, nº. 6715, 22 de Setembro de 1933, p. 1; nº. 6716, 23 de Setembro de 1933, p. 1; nº.6717, 25 de Setembro de 1933, p.1.

NOTÍCIAS DE COIMBRA

- “A Escola de Viena”, nº. 92, 3 de Novembro de 1935, p.6.

- “Goethe e a filosofia meridional”, nº.96, 1 de Dezembro de 1935, p.1.

O SÉCULO

-Artigo “Deve-se ensinar o povo a ler?” de Virgínia de Castro e Almeida, na edição de 5 de Fevereiro de 1927.

- Artigo “A política do Idioma e as Universidades” 13 de Março de 1933.

- Artigo “O papel social e a necessidade da investigação científica em Portugal” 26 de Março de 1933.

OUTRO RITMO

- “Marañon e os ursos”, nº. 1, Maio de 1933, pp.2 e 4.

PENSAMENTO

- “A razão e a experiência”, 5 (75), Junho de 1936, pp. 4-6.

- “Problemas filosóficos e condicionamento psicológico”, 5 (81), Dezembro de 1936, pp. 17-21.

- “Revista de Ideias”, 6 (82), Janeiro de 1937, pp. 17-19.

- “A propósito de uma polémica recente”, 6 (82), Janeiro de 1937, pp. 20-22.

- “Espírito e Matéria”, 6 (83), Fevereiro de 1937, pp. 9-11.

PENSÉE (LA)

- “Une lettre du Professeur Abel Salazar (Novembro 1946)”, Setembro-Outubro de 1947, pp.35-36.

PORTUGAL MÉDICO

- “A orientação filosófica da histologia moderna e seus vícios” (Lição de abertura do Curso de Histologia de 1916-1917), nº. 4, 1917, pp.212-218; nº. 5, 1917, pp.319-327; nº.6, 1917, pp.345-358; nº.7, 1917,pp.428-435; nº.8, 1917, pp.479-488.

POVO DE GUIMARÃES

- “Depoimentos inéditos sobre a Democracia, 1 – de Abel Salazar”/Inquérito coligido por A. Garibaldi [em 11 de Novembro de 1936], 17 de Abril de 1980, pp. 3 e 6.

POVO DO NORTE

- “Nos cinquenta anos que morreu Pousão...”, ano I, nº. 7, 8 de Abril de 1935, p.1.
- “Cultura / A falência da Metafísica”, ano I, nº.10, 29 de Abril de 1935, p.1; ano I, nº.11, 6 de Maio de 1935, p.1; ano I, nº.12, Maio de 1935, p. 1.

PRIMEIRO DE JANEIRO

- Artigo de Dulce Salazar em 28 de Novembro de 1922, p.90.
- “Henrique Pousão e o Impressionismo”, 23 de Outubro de 1934, p. 3; 24 de Outubro de 1934, p. 3; 27 de Outubro de 1934, p. 3; 28 de Outubro de 1934, p. 3; 31 de Outubro de 1934, p. 3; 4 de Novembro de 1934, p. 3:
- “Notável acontecimento artístico”, 5 de Janeiro de 1938.
- Artigo de Octávio Sérgio (sobre a exposição de Abel Salazar), 9 de Janeiro de 1938.
- Exposição de Abel Salazar, no (Salão Silva Porto), edição de 7 de Janeiro de 1940.

RAIO

- “Sempre...”, nº. 577-579, 5 de Outubro de 1933, pp. 9-10.

REPÚBLICA

- Artigo (de desagrado às pretensões dos professores da Universidade de Coimbra) de 5 de Abril de 1933.

REVISTA CATÓLICA

- *Artigo “O Trabalho”*, nº. 32 de 7 de Agosto de 1935.

SEARA NOVA

- “Pensamento lógico, pré-lógico, pseudo-lógico e psicológico. Pensamento emotivo, pensamento lógico e empiro-lógico”, nº. 505, 15 de Abril de 1937, pp. 3-7.
- “A propósito da vulgarização do Círculo de Viena”, nº. 515, 26 de Junho de 1937, pp.203-207.
- “ Pousão e o Impressionismo”, nº. 997, 21 de Setembro de 1946, pp.33-35; nº.998, 28 de Setembro de 1946, pp.52-53; nº.1000-7, 26 de Outubro de 1946, p. 172; nº.1012, 21 de Dezembro de 1946, pp. 292-294.

SÍNTESE

- “A cultura e o pensamento actual”, ano I, nº. 1, Fevereiro de 1939, pp. 3-5.
- “Duma carta do Prof. Abel Salazar”, ano I, nº. 3, Maio-Junho de 1939, p. 1.
- “Duma carta do Prof. Abel Salazar”, ano II, nº. 6, Maio de 1940, p. 29.
- “Arte e Técnica”, ano II, nº.9, Outubro de 1940, p. 6.

SOL

- “Da arte e dos artistas portuenses dá-nos o seu parecer o mestre ilustre, Sr. Dr. Abel Salazar”, nº. 60, 27 de Abril de 1946, p.10 [entrevista de Manuel Lavrador].

SOL NASCENTE

- “Carta ao Sr. Dr. Casais Monteiro”, nº. 5, 1 de Abril de 1937, pp.4-5 e 6.
- “A crise europeia. I. Esquisso de uma teoria bio-mecânica da história”, nº.12, 7 de Agosto de 1937, pp.4-5 e p.13.
- “A obra didáctica dos professores Celestino da Costa e Roberto Chaves”, nº.14, 1 de Setembro de 1937, p.14.
- ”A crise europeia. I. Esquisso de uma teoria bio-mecânica da história, II. Os biótipos na mecânica social”, nº.15, 15 de Setembro de 1937, pp.12-13 e p. 15.
- “A crise europeia. I. Esquisso de uma teoria bio-mecânica da história, IV. O conflito das classes biológicas”, nº.16, 1 de Outubro de 1937, pp. 10-11.

- “Uma carta do Dr. Abel Salazar”, nº.24, 1 de Fevereiro de 1938, p.14.
- “Artes Plásticas/Para onde caminha a pintura? – Depoimento de Abel Salazar”, nº.36, 1 de Maio de 1939, p.6.

TRABALHO

- “História, Justiça e Dever”, nº.69, 24 de Janeiro de 1935, p. 1.
- “Para compreender a falência da Metafísica...”, nº.111, 14 de Novembro de 1935, p. 1.
- “Um malfeitor...”, nº.116, 19 de Dezembro de 1935, p.1.
- “Um símbolo...”, nº.117, 25 de Dezembro de 1935, p.1.
- “Porque razão”, nº.131, 2 de Abril de 1936, pp.1 e 6.
- “Uma experiência...”, nº.135, 30 de Abril de 1936, pp. 1 e 4.
- “Razão e emoção”, nº.139, 28 de Maio de 1936, p.1.
- “Um estio na Alemanha”, nº.160, 22 de Outubro de 1936, p.1.
- “Recordações do Minho Arcaico”, nº.168, 17 de Dezembro de 1936, p.5.
- “Qual a posição da Juventude perante os problemas actuais? /responde Abel Salazar”, nº.238, 28 de Abril de 1938, p.5.
- [Um acarta de Abel Salazar], nº. 243, 2 de Junho de 1938, p.3.
- “Digressões em Portugal (vol.3º., inédito) /O Gerez florestal no Outono”, nº.340, 1 de Fevereiro de 1940, p.4.

VIDA CONTEMPORÂNEA

- “A Ciência e o Direito”, nº.9, Janeiro de 1935, pp.24-31;nº.22, Fevereiro de 1936, pp.983-989.
- “Paris em 1934”, nº.10, Fevereiro de 1935, pp.122-136.
- “Paris em 1934/Tanagras”, nº.14. Junho de 1935, pp.444-448.

VIDA SOCIAL

- “O novo inquérito/Como encaram os intelectuais do nosso país o problema da língua internacional?” [responde Abel Salazar], ano V, nº.93, 15 de Julho de 1936, p.4.

VOZ DA JUSTIÇA

- “ Delenda Carthago...”, nº.3172, 30 de Setembro de 1933, pp.1-2.

- “Um aparte a propósito do feminismo...”, nº.3508, 19 de Dezembro de 1936, p.1.
- “Ursos e snobismo”, nº.3511, 30 de Dezembro de 1936, p.1.
- “O pensamento português está cinquenta anos atrasado”, nº.3537, 31 de Março de 1937, p.1.
- “Os progressos recentes da Psico-somática”, nº.3545, 28 de Abril de 1937, p.1.

Obras de Contextualização

ALDEMIRA, Luís Varela, *A Arte e a Psicanálise*, Lisboa, 1935.

ALEJANDRO, José Maria, *En la hora crepuscular de Europa*, Madrid: Espasa-Calpe, S.A., 1958.

ALMEIDA, António José de, *Quarenta Anos de Vida Literária e Política*, vols. I e II, Lisboa: J. Rodrigues & C^a., 1933.

ALMEIDA, António Ramos de, *A Arte e a Vida* (1941), Porto: Livraria Latina Editora, 1945.

ALMEIDA, Henrique, *Memórias ao Léu*, Porto: Figueirinhas, D.L. 1993.

ALMEIDA, Vieira de, *Filosofia da Arte* (ensaio), Coimbra: Arménio Amado Editor, 1942.

ALVES, Francisco Manuel, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, t. 5^o., Bragança, 1925.

AMEAL, João, *Europa e os seus Fantasmas*, Porto: Livraria Tavares Martins, 1945.

Ano de Ditadura (Um), discurso e alocuções de Sidónio Pães coligidos e ordenados por Feliciano de Carvalho com um estudo político de João de Castro, Lisboa: Lusitânia Editora, Lda., s. d.

ARBOUSSE-BASTIDE, Paul, *La doctrine de l'éducation universelle dans la philosophie d'Auguste Comte*, 2 vols., Paris: Presses Universitaires de France, 1957.

ARNAULD, Pierre, *Sociologie de Comte*, Paris: Presses Universitaires de France, 1969.

BAIRRÃO, Joaquim, *O Ensino da Psicologia em Portugal: Situação e perspectivas* (separata da revista *Análise Social*, n^{os} 22,23 e 24), Lisboa, 1968.

BARONE, Francesco, *Il neopositivismo lógico*, 2 vols., Bari: Laterza, 1977.

BARROS, João de, *A Nacionalização do Ensino*, Lisboa: Tip. Ferreira, Lda., 1911.

_____, *Educação Republicana*, Lisboa/Paris: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1916.

_____, *A República e a Escola*, Lisboa/Paris: Livrarias Aillaud e Bertrand, s.d.

_____, *A Escola e o Futuro* (notas sobre educação), Porto: Tip. Ocidental de Pimenta, Lopes & Viana, 1908.

_____, *O Problema Educativo Português*, Lisboa: Ed. Imprensa Libânio da Silva, 1920.

BASTOS, Carlos, *A Actividade Artística. Ensaio de Análises Estética*, Porto: Livraria Tavares Martins, 1938.

BAUER, Hermann, *Historiografia del Arte*, trad. De Rafael Lupiani, Madrid: Taurus Ediciones, S.A., 1984.

BAUDOUIN, Charles, *Psychanalyse de l'Art*, Paris: Librairie Félix Alcan, 1929.

BOMBARDA, Miguel, *A Biologia na Vida Social* (discurso inaugural do ano académico de 1900-1901), Lisboa, 1900.

_____, *A Consciência e o Livre Arbítrio*, Lisboa: António Maria Pereira Editor, 1898.

_____, “ Os neurones e a vida psíquica”, in *A Medicina Contemporânea*, nº. 20, 16 de Maio de 1897, pp. 157-165, e nº. 21, 23 de Maio de 1897, pp.167-177.

BOUTROUX, Émile, *Science et Réligion dans la philosophie contemporaine*, Paris: Ernest Flammarion, Éditeur, 1908.

BRAGA, Teófilo, *Educação Ética e Cívica*, Lisboa: s. ed., 1921.

_____, *História das Ideias Republicanas em Portugal* (1880), Lisboa: Editorial Veja, 1984.

_____, *Soluções Positivas da Política Portuguesa*, Lisboa: s. ed., 1879.

BRITES, Geraldino, *A Orientação do Estudo do Aluno Médico, o Que deve Ser e o Que É* (conferência realizada em 20 de Maio de 1932 no Anfiteatro do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Porto, a convite da direcção da Associação Profissional dos Estudantes de Medicina da mesma Faculdade), Coimbra: Coimbra Editora, Lda., 1932.

BRUNO, Sampaio, *Portugal e a Guerra das Nações*, Porto: Livraria Chardron, 1906.

_____, *A Questão Religiosa*, Porto: Imp. Moderna, Lello & Irmão Editores, 1907.

_____, *O Encoberto*, Porto: Livraria Moreira-Editora, 1904.

CABRAL, Manuel Vilaverde, “Sobre o fascismo e o seu advento em Portugal”, in *Análise Social*, 2ª. Série, 12 (48), 1976, pp. 873-915.

CALAZANS, João, *O Moderno Pensamento Lusitano (Ferreira de Castro e Mendes Correia)*, Victoria: Imprensa Oficial do Estado, 1936.

Caminos Abiertos por Santiago Ramón Y Cajal, Madrid: Editorial Hernando, S.A., 1977.

CAMPINOS, Jorge, *A Ditadura Militar (1926-1933)*, Lisboa: D. Quixote, 1975.

CAMPOS, Agostinho de, *Educação e Ensino*, Porto: Magalhães & Moniz, Lda., 1911.

_____, *Educar na Família, na Escola e na Vida*, 2ª. Ed., Lisboa: Livraria Aillaud e Bertrand, 1919.

_____, *Universidade e Educação*, Coimbra: [s.n.], 1936.

CAMPOS, Enrique Molina, *Santiago Ramón Y Cajal*, Barcelona: La Gaya Ciência, S.A., 1980.

CARVALHO, António Carlos, *Para a História da Maçonaria em Portugal (1913-1935)*, Lisboa: Editorial Veja, 1976.

CARVALHO, Barradas de, *O Obscurantismo Salazarista*, Lisboa: Seara Nova, 1974.

CARVALHO, Rómulo de, *História do Ensino em Portugal*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

CEREJEIRA, Manuel Gonçalves, *A Igreja e o Pensamento Contemporâneo*, 2ª. Ed., Coimbra: Coimbra Editora, 1928.

COMISSÃO DO LIVRO NEGRO SOBRE O FASCISMO, *A Política de Informação do Regime Fascista*, Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros, 1980.

_____, *Legislação Repressiva e Antidemocrática do Regime Fascista*, Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros, 1985.

_____, *Os Estudantes no Regime Fascista*, vol.1º., Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros, 1983.

_____, *Repressão Política e Social no Regime fascista*, Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros, 1986.

CONFERÊNCIAS DO PROF. JULIO DE MATOS (reportagem de Bartolomeu Severino), Porto: Livraria Editora de Lopes & Cª., Sucessor, 1910.

CORREIA, Natália, *A Questão Académica de 1907*, Lisboa: Editorial Minotauro, s.d. [D.L.], 1962.

CORTESÃO, Jaime, *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*, Lisboa: Livros Horizonte, 1º. vol., pp.97, cop. 1984.

COSTA, A. Celestino da, *A Universidade Portuguesa e o Problema da sua Reforma*, Porto: Tip. Renascença Portuguesa, [1918?].

_____, *Ensino Superior e Investigação Científica*, Lisboa: - imp. Portugal-Brasil, [S.I.: s.n. D.L. 1953].

_____, “Reflexões sobre a história da microscopia portuguesa”, in *Lisboa Médica*, 18 (11), pp. 633-642. 1941.

_____, *O Conceito do Sistema Celular*, Lisboa: Imprensa Lucas & Cª., 1945.

COSTA, A. Plácido da, *Apontamentos de Micrologia Médica*, Porto: Imprensa Comercial, 1879.

CRUZ, Manuel Braga da, *As Origens da Democracia Cristã e do Salazarismo*, Lisboa: Editorial Presença, 1980.

_____, *Monárquicos e Republicanos no Estado Novo*, Lisboa: Publicações D. Quixote, 1986.

_____, *O Partido e o Estado no Salazarismo*, Lisboa: Editorial Presença, 1988.

_____, “A oposição eleitoral ao salazarismo”, in *Revista de História das Ideias*, 5, 2º. T., pp.703-781. 1983.

DESCARTES, *Discurso do Método*, Madrid: Edição Prisa Innova S.L. p.78-79. 2008.

DIAS, J.S. da Silva, *O problema da Europa*, 1916-1994, 1945.

DINIS, J. Seabra, *Psicanálise*, Lisboa: Edição Cosmos, 1945.

_____, “O Positivismo na vida e na obra de Júlio de Matos”, in *Anais Portugueses de Psiquiatria*, 8 (8), pp.46-66. 1956.

FERNANDES, Henrique J. de Barahona, “Análise bio-psicológica e individualidade na higiene e ontogenesia”, in *A Medicina Contemporânea*, nº. 25, 21 de Junho de 1931, pp.220-28.

_____, “O que é a psico-somática”, in *O Médico*, 2 (124), 14 de Janeiro de 1954, pp.31-40.

FERREIRA, David, *História Política da Primeira República Portuguesa*, vol.1º. (1910-1915), 1ª. parte, Lisboa: Livros Horizonte, 1973.

FERRO, António, *Salazar, o Homem e a sua Obra*, Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1933.

FRANÇA, José-Augusto, *A Arte em Portugal no Século XIX*, 2 vols., Livraria Bertrand, 1966.

_____, *A Arte em Portugal no Século XX*, Lisboa: Livraria Bertrand, p. 200. 1974.

GONÇALVES, Rui Mário, *Pintura e Escultura em Portugal (1940-1980)*, Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, Ministério da Cultura e Ciência, 1980.

GUIMARÃES, Fernando, “Acerca da primeira série da revista *Águia*”, in *Nova Renascença*, 8 (27-28), pp.199-204. 1987.

LEAKE, C., *A Unidade Médico-Laboratorial do Estudante*, prólogo e tradução de Abel Salazar, Porto: Edição da Associação Profissional dos Estudantes de Medicina do Porto, 1933.

LIMA, Adolfo, *Educação e Ensino. Educação Integral*, Lisboa: Guimarães & C^a., 1914.

_____, *Orientação Geral da Educação*, Lisboa, 1916.

_____, *Pedagogia Sociológica*, 2 vols., Lisboa: Edição de Couto Martins, 1936.

_____, *Notas Críticas ao livro do Sr. Cardeal Gonçalves Cerejeira “ A Igreja e o Pensamento Contemporâneo”* (1930), 2^a. ed., Coimbra: Livraria Cunha, Editor, 1931.

LIMA, Campos, *A Questão da Universidade (depoimento de um estudante expulso)*, Porto: Livraria Clássica Editora de A.M. Teixeira, 1904.

MACEDO, Diogo de, “ Arte Moderna. Os precursores e os fundadores”, in Estrada Larga, 2 (antologia dos números especiais relativos a um lustro do suplemento “ Cultura e Arte” d’O Comércio do Porto, orientado e coord. por Costa Barreto, Porto: Porto Editora, s.d., pp.19-21.

MACHADO, Bernardino, *A Universidade e a Nação* (oração inaugural do ano lectivo 1904-1905, recitada na Sala Grande dos Actos na Universidade de Coimbra, no dia 16 de Outubro de 1904), Coimbra: Imprensa da Universidade, 1904.

MADUREIRA, (Braz-Burity), Joaquim, *Na Ferosa Estrivaria*, Lisboa: Livraria Clássica Editorial de A.M. Teixeira & C^a., 1912.

MAGALHÃES, Maria C., “Complexo de Golgi”, in *O Médico*, 78 (1279), pp. 467-476. 4 de Março de 1976.

MANJARRES, José de Letamendi y, *Discurso sobre la naturaleza y origem del hombre*, Barcelona: Establecimiento tipográfico d Narciso Ramirez y Compañía, p.8. 1867.

MARQUES, A. H. de Oliveira, *Ensaio de Maçonaria*, Lisboa: Quetzal Editores, 1988.

_____, *A Maçonaria e o Estado Novo*, 2ª. ed., Lisboa: Publicações D. Quixote, 1983.

_____, *Dicionário da Maçonaria Portuguesa*, 2 vols., Lisboa: Editorial Delta, 1986.

_____, *A Unidade da Oposição à Ditadura (1928-1931)*, Lisboa: Publicações Europa-América, 1973.

_____, *Ensaio da História da I República Portuguesa*, Lisboa: Livros Horizonte, 1988.

METZGER, Joë, “*Pour la Science*”, Paris: Edition Sociales. Pp. 148-156. 1974.

MUÑOZ, Garcia Duran, e BURON, Francisco Alonso, *Cajal, 1.Vida y Obra*, 2ª. ed., Barcelona: Editorial Científico-Médica, 1983.

PEREIRA, Álvaro G. de L. Pacheco, *O Positivismo e a Psicologia em Portugal* (dissertação de licenciatura), Coimbra, 1969.

PINTO, António Costa, e RIBEIRO, Nuno Afonso, *A Acção Escolar de Vanguarda (1933-1936). A Juventude Nacionalista nos Primórdios do Estado Novo*, Lisboa: Cooperativa Ed. História Crítica, 1980.

PORTELA, Artur, *Salazarismo e Artes Plásticas*, Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, Ministério da Educação e das Universidades, 1982.

RAMÓN Y CAJAL, Santiago, *Recuerdos de mi vida*, 3ª. éd., Madrid: Imprenta de Juan Pueyo, 1923.

_____, *Reglas y consejos sobre investigación (los tónicos de la voluntad)*, 12ª. Ed., Madrid: Espasa Calpe, 1991.

ROSAS, Fernando, *O Estado Novo nos Anos Trinta (1928-1938)*, Lisboa: Editorial Estampa, 1986.

SANTOS, Delfim, *Situação Valorativa do Positivismo*, Berlim, 1938.

SARAIVA, José Hermano, *História Concisa de Portugal*, 9ª. ed., Lisboa: Europa-América, 1984.

SCHIEFELE, Hans, *Ensino Programado*, trad. Else Graf Kalmus, S. Paulo: Edições Melhoramentos, 1968.

SÉRGIO, António, *Democracia*, 2ª. ed., Lisboa: Seara Nova, 1937.

SERRÃO, Joel, *Antologia do Pensamento Politico Português/1 – Liberalismo, Socialismo, Republicanismo*, Porto: Editorial Inova, Lda. [1970].

SOARES, João, *A Revolta da Madeira*, Lisboa: Perspectivas & Realidades, 1979.

STONE, Lawrence, «Prosopography». In Gilbert, Feix & Graubard, R. (Eds.), *Historical studies today*. New York: Norton & Company Inc., 1972.

TELO, António José, *Decadência e Queda da I República Portuguesa*, 2 vols., Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.

THE PSYCHOLOGICAL REVIEW, APA Service Center, Washington: Editor Keit Rayner, (55, 1-4), Julho de 2004, ISSN: 0033-295X.

VALENTE, Vasco Pulido, *O Poder e o Povo: A Revolução de 1910*, Lisboa: Publicações D. Quixote, 1974.

VERRET, Michel, *Dialogues avec la Vie*, Paris; Montreal (Québec); Torino: l' Harmattan, 1999.

Cronologia

1915 - Conclui a Licenciatura em Medicina e publica *Ensaio de Psicologia*, Porto, Faculdade de Medicina do Porto, 1915, (Reeditado em Co-edição no Porto, Casa-Museu Abel Salazar e Campo das letras Editores SA, 2001).

1917 - Transita da Anatomia para a Histologia, área científica então emergente e publica *A orientação filosófica da histologia moderna, e seus vícios Portugal Médico*, 3ª série, vol. III, pp. 1 – 49.

1920 - Sistematiza o método tano-férrico que ainda se utiliza com o seu nome.

1926-1931 – Internado por doença.

1931 – Regressa à actividade universitária e publica *Notas de Filosofia da Arte*, curso ministrado na Faculdade de Medicina do Porto (Editado no Porto, Co-edição Casa-Museu Abel Salazar e Campo das Letras Editores SA, 2000).

1932-1933 – Lecciona curso sobre Filosofia da Arte, na Faculdade de Ciências do Porto.

1933 – Profere uma conferência sobre “A socialização da ciência” na Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, editada em separata do seminário académico *Liberdade*, em Lisboa e uma outra intitulada “ A posição actual da ciência, da filosofia e da religião” por convite da Associação de Estudantes de Medicina da Faculdade de Medicina de Lisboa cujo conteúdo lhe traria problemas.

1933 – Fundação por Luís de Pina do Museu de História da Medicina, instalado na Faculdade de medicina do Porto por acção de Abel Salazar.

1933 – Publica artigo sobre a necessidade de uma política cultural no periódico *Liberdade*.

1934 – Profere a conferência em Coimbra sobre “ A ciência e o direito” e uma outra sobre A posição actual da ciência, da Filosofia e da Religião editada em separata de *A Medicina*

Contemporânea. Nº 8 e 9 de 25 de Fevereiro e 4 de Março e sep. Nº 43 e 44 de 28 de Outubro e 4 de Novembro, Lisboa, Imprensa Médica.

1934 – Publica *Uma Primavera em Itália*, Lisboa, Nunes de Carvalho Editor, reeditado no Porto, Co-edição Casa-Museu Abel Salazar e Campo das Letras Editores, 2003.

1934-1935 – Publica *A ciência e o mundo actual*, vol. 1, Porto, Imprensa Portuguesa.

1935 – Publica artigo sobre o significado da Escola de Viena no *Notícias e Coimbra* e um outro intitulado “ História, Justiça e Dever” no jornal *O Trabalho* de Viseu que sintetiza o posicionamento de Abel Salazar perante o regime.

1935 – Publica *Digressões em Portugal*, vol. 1, Porto, Imprensa Portuguesa.

1936 – É afastado da actividade universitária pelo regime salazarista.

1936 – Escreve o artigo “ O neopositivismo ou empirismo lógico” no jornal *O Distrito de Beja*.

1936 – Profeticamente anuncia o fim do período europeísta no jornal *A Voz do Guadiana*, de Vila Real de Santo António.

1936-1937 – Publica 32 artigos sobre o Minho antigo no periódico viseense *O Trabalho*.

1937 – Publica artigos sobre a crise europeia no jornal *Sol Nascente*.

1938 – Publica *Paris em 1934*, Porto, Tipografia Civilização.

1938 – Continua a publicação de artigos sobre a crise europeia e “ a revolução científica e filosófica do século XX”, em *O Diabo*. No mesmo ano publica artigo intitulado “O matemático e filósofo António Monteiro” em *O Sol Nascente*.

1939 – Edita as *Recordações do Minho Arcaico*, Porto, Tipografia Civilização (Reeditado no Porto, Co-edição Casa-Museu Abel Salazar e Campo das Letras Editores SA, 2001).

1940 – *O que é a Arte?* Coimbra, Arménio Amado Editor (Reeditado no Porto, Co-edição Casa-Museu Abel Salazar e Campo das Letras Editores SA, 2003).

1941 – Regressa à actividade universitária na Faculdade de Farmácia como investigador sem poder contactar com os alunos.

1942 – Publica *A crise da Europa*, Lisboa, Edições Cosmos.

1944 – Publica *Um Estio na Alemanha*, Coimbra, Editora Nobel

1946 – Retoma o tema da crise europeia no jornal *Afinidades* de Faro.

1947 – Edição de *Henrique Pousão*, Porto, Livraria Tavares Martins

ANEXOS

- I** – Curriculum Vitae (Traduzido)
- II** – Curriculum Vitae Universitário (Traduzido)
- III** – Cartas do Álvaro Cunhal
- IV** – Carregando uma humilde carroça, com pacotes de livros e instrumentos de trabalho, aquando expulso da Faculdade
- V** – Martelando um cobre, na sua residência de S. Mamede de Infesta
- VI** – Trabalhando um busto no seu atelier de escultura
- VII** – Ao microscópio no Centro de Estudos Microscópicos
- VIII** – Carrejonas
- IX** – Mercado da Ribeira
- X** – Feira – Sol Poente
- XI** – Ex-líbris

Anexo I

Curriculum Vitae

Diplomado pela Faculdade de Medicina em 1915. Porto

Responsável do curso de Histologia da faculdade em 1916. Porto

Professor extraordinário por Distinção em 1917. Porto

Professor Ordinário de Histologia e Psicologia em 1918. Porto

Membro da Sociète de Biologie, de Paris

da Association des Anatomistes, de Paris

da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais

da Sociedade Anatómica Portuguesa

Fundador do Instituto de Histologia e Embriologia da Universidade do Porto

Fundador com Athias e C. da Costa dos Archivos Portugueses de Ciências Biológicas,
de que é um dos directores

Fundador dos Trabalhos do Instituto de Histologia e de Embriologia da Universidade do
Porto, publicados posteriormente

Delegado da Universidade aos Congressos da Associação dos Anatomistas, reunidos em
Lyon, Turim, Nancy, Liège, etc.

Anexo II

Curriculum Vitae Universitário¹²

Comecei a minha vida universitária no Porto ao tempo em que não havia vida académica nem trabalho de investigação científica.

Iniciei-me neste ofício entre grandes dificuldades, sem laboratório, sem recursos e sem bibliotecas.

Primeiramente organizei um pequeno laboratório de Histologia que desenvolvi pouco a pouco e onde fiz os meus primeiros trabalhos sobre o ovário da coelha.

Depois de cinco anos de esforços, estes trabalhos atingiram algum reconhecimento, o Governo da República decretou a transformação do Laboratório em “Instituto de Histologia e de Embriologia”, colocando-o sob minha direcção.

Organizei então o novo Instituto, lutando sempre com dificuldades materiais em virtude da exiguidade do respectivo orçamento.

Entretanto o Instituto de Histologia do Porto funcionou sempre e publicou uma obra. Embora modesta, esta obra atraiu a atenção dos meios científicos e encontra-se citada em vários tratados, manuais e sínteses da especialidade.

O Instituto possui também no seu arquivo vários documentos e cartas a propósito do seu trabalho científico e do resultado das suas investigações. Entre estas cartas, cito a do Prof. Policerd (?), de Lyon «...você fundou em Portugal, com Athias e da Costa, uma Escola Biologia que funciona e que nos admiramos todos aqui».

(fl. 2) Fundei ainda em Portugal, com Athias e da Costa, os Arquivos Portugueses de Ciências Biológicas de que eu sou um dos directores.

No Instituto de Histologia do Porto, trabalharam e publicaram trabalhos, vários investigadores, assistentes de investigação e alunos, cujos nomes e os trabalhos se encontram no opúsculo aqui anexo.

Apresentei também trabalhos pessoais aos Congressos de Anatomistas de Lyon, Turim, Liège, Lisboa, e nas reuniões da Sociedade de Biologia.

Trabalhei em Paris no Laboratório do Prof. Champy durante seis meses de exílio.

*

¹² Original em francês digitalizado na Casa Museu Abel Salazar. Tradução nossa.

Doc. II

Confidencial

Para explicar melhor a minha demissão, tenho necessidade de traçar um quadro da vida pública em Portugal, depois que se encontra em Ditadura.

Esta ditadura resulta de um “pronunciamento” militar determinado pelos excessos em que tinham caído os partidos (?) da República que se encontravam numa crise de moral política bastante acentuada.

Porém a Ditadura militar transformou-se, gradual e insensivelmente, sem que ainda hoje o exército dela tenha consciência hoje em uma Ditadura Católica disfarçada. A Igreja Católica colocou-se por detrás da Ditadura, de maneira que esta apresenta [uma fachada]¹⁵ gélida e enigmática, na aparência sem cores definidas, mas na realidade inteiramente controlada (?) pelo clero.

A Ditadura actual apoia-se por um lado no exército, pelo outro, mas secretamente, na Igreja.

Ela esforça-se por apresentar uma fachada “paternal”, uma figura “bondosa” e airosa; - mas ela esconde a mais extrema violência secreta. É, [portanto]¹⁶, uma ditadura hipócrita, cujo conhecimento só pode ser feito pelo seu mau carácter.

O verdadeiro apoio da Ditadura é uma Armada [secreta]¹⁷ de Polícia secreta, espantosamente organizada, e que consome os melhores recursos do Governo. Esta armada secreta forma uma rede extremamente complicada em todo o país e dispõe de espiões em toda a parte, nos hotéis, cafés, hospitais, universidades, escolas, etc., etc.

Ela é auxiliada em segredo pela igreja católica, cujos espiões trabalham de acordo com a Polícia Secreta.

Possuo mesmo um documento de uma certa sociedade secreta intitulada “A Cruz e a Espada”, composta de elementos do exército e da Igreja. A Igreja, além da sua

¹⁵ Palavra riscada.

¹⁶ Palavra entrelinhada.

¹⁷ Palavra riscada

espionagem (fl. 2) secreta, acaba de organizar o que se chama “A Acção Católica”, quer dizer, uma vasta organização política muito complicada que actua em segredo de acordo com o Governo, [e]¹⁸ o Vaticano e a Companhia de Jesus. Ela dispõe [de]¹⁹ vários estabelecimentos de propaganda, colégios, centros, [instituições]²⁰, revistas, jornais e instituições, umas e outras secretas, como os “Vigilantes Católicos, e a “Jac, Jec, Jic, Joc, Juc”, vasta rede de espionagem (...) académica. Além disso o clero actua através da confissão, onde os sacerdotes controlam (?) habilmente as mulheres e tomam nota do que se diz ou pensa nas famílias.

Uma censura rigorosa é exercida pelos comissários militares sobre os jornais, as revistas, as livrarias, as universidades, (...), etc. Esta Censura é orientada secretamente pela igreja e pela acção católica que deve ter um Gabinete secreto da Censura, espécie de Inquisição Secreta destinada a inspirar a censura Oficial. De resto ao escolher oficiais católicos, a Igreja faz da Comissão de Censura um órgão de que pode dispor e que pode utilizar.

Desta forma a Ditadura Católica exerce na sombra uma terrível opressão intelectual sobre todo o Portugal, embora fazendo uma larga propaganda onde se declara paternal e tolerante. Esta propaganda, que é uma comédia como de todo o Portugal, faz-se através do Secretariado da Propaganda, incumbido de enviar para o estrangeiro as notícias mais fantasistas sobre o “Paradis du Portugal”.

Na realidade vive-se em Portugal sob uma apreensão terrível, uma espécie de terror sombrio; todo o mundo desconfia (fl. 3) do seu vizinho, há espiões em toda a parte, e todos se calam. O país vive numa espécie de tensão, mas fatigado e consumido pela sombra trágica da polícia secreta e da igreja. Não se pode respirar e na realidade Portugal é uma espécie de prisão onde falta o ar e onde toda a gente faz por viver.

As prisões estão cheias e cenas de uma barbaridade monstruosa aí se escondem. É um quadro odioso, bárbaro, conhecido por toda a gente, mas toda a gente se cala receosa. A polícia secreta composta por bandidos e degenerados, entra durante a noite nas habitações, (...), faz prisões, faz cenas inacreditáveis e entrega-se a orgias singulares. Conheci um dos chefes da polícia secreta no Porto; é um velho gaiteiro, um

¹⁸ Riscada.

¹⁹ Riscada.

²⁰ Riscada.

aristocrata arruinado, um verdadeiro crápula, que tendo caído o mais baixo possível, tem sido utilizado pela polícia. É um vigarista e um (...), filho de um conde e parente de um diplomata português em Paris, Mr. Ochôa....

As Agressões, as (...) são vulgares nos calabouços da Polícia Secreta: tudo isto para sacar os segredos aos prisioneiros políticos que por vezes não sabem nada, por vezes acabam por inventar alguma coisa a fim de se libertarem das torturas.

Vários estudantes foram presos e aí sujeitos às piores torturas: agressões nocturnas; excisão de unhas, capacetes eléctricos, proibição de dormir, etc. Outros foram enviados para Peniche, para os Açores, para Africa, para Timor, para campos de concentração ou ainda para prisões terríveis.

*

*

*

No mundo universitário vive-se em regime de espionagem secreto. O Governo protege e favorece os espões, e as (fl. 4) universidades estão cheias deles. A conversa mais inofensiva torna-se por vezes um caso de denúncia. E toda a gente tem medo e cala-se. Os professores estão debaixo da pressão dos espões dos cursos e o Ministro da Instrução acaba de publicar, no jornal “O Século”, uma entrevista oficial onde declara a denúncia secreta é permitida e será legalizada. Com efeito, segundo o Ministro, o Governo *declara-se no Direito de expulsar da Universidade um estudante sem julgamento, baseado somente na denúncia secreta; um candidato pode ser eliminado por motivo de uma denúncia secreta ao Ministro; os professores podem ser demitidos por causa de uma denúncia dos alunos ou mesmo das famílias; o Governo pode recusar o diploma de licenciatura em face de um dossier secreto elaborado durante a vida universitária do candidato*²¹ (Declaração do Ministro da Instrução, Tamagnini, no “Século”, de....).

Quer dizer, a Universidade vive, doravante, oficialmente, em um regime secreto de espionagem.

²¹ Sublinhado no original

*

*

*

Nestas circunstâncias, recebi há algum tempo a ordem secreta de expressar apenas algumas teorias científicas e filosóficas, de defender o vitalismo e as doutrinas de Aristóteles e escolásticas etc.

Respondi de acordo aos cursos, às conferências etc. a liberdade do pensamento e os direitos da ciência.

Então uma campanha rebentou contra mim na (...) do Governo, com insultos, difamações, etc.

(fl. 5) Porém o governo temendo um movimento académico dos estudantes, forçou-me secretamente depois de várias recusas (?) a exilar-me seis meses em Paris. Depois disso fez-me voltar. Eu mantive sempre a minha atitude, e a maior parte da Academia e dos estudantes tendo-se pronunciado a meu favor, o Governo publicou então um decreto que me afastou das funções universitárias.

Deram-me uma espécie de reforma, quer dizer, a demissão com a reforma a que já tinha direito.

Saindo da universidade fui trabalhar como desenhador litográfico numa litografia portuense, a Litografia Lusitana; mas secretamente proibiram-me de trabalhar aí.

Foi-me então proposto fazer um “Curso de Histologia e de Sistemática do Sistema Nervoso” para uso médico, mas o Ministro proibiu igualmente este curso; a justificação foi-me transmitida pelo Governador Civil do Porto

Continuei então as minhas investigações científicas em minha casa, onde instalei um pequeno laboratório. Pedi autorização ao Ministro para ir à Biblioteca da Faculdade fazer pesquisas bibliográficas; o Ministro respondeu proibindo-me de entrar em qualquer espaço universitário. Possuo o despacho onde esta proibição me foi comunicada.

Entretanto tenho continuado as minhas investigações e feito (fl. 6.) mesmo em minha casa os trabalhos de citologia bastante felizes sobre o (...) que acabo de descrever, e sobre a reacção-choque dos glóbulos vermelhos, descoberta recentemente por mim.

Todavia estas pesquisas são feitas em circunstâncias muito difíceis, porque não só não possuo recursos suficientes, como me impedem trabalhar para os adquirir.

Posso por exemplo publicar notas em revistas científicas, mas não posso encomendar os 800 exemplares que me são necessários para manter as permutas científicas do antigo Instituto de Histologia que fundei e organizei na Universidade.



Anexo III

(43)

União - 20. nov. 38

CARO DR. ABEL SALAZAR:

VENHO DE VER a sua exposição. De início, choca a distância entre dois temas: a mulher ociosa e a mulher q̄ trabalha. Custa a compreender como uma mesma sensibilidade pode sentir a beleza serena e cuidada da mulher q̄ vive para si — para os seus vestidos, o seu ménage, o seu aspecto — e a beleza do vigor e do esforço da mulher q̄ luta pela vida e pelo pão, e q̄, por tal, se verja sob in-
superáveis fardos.

Esse contraste tenho-o como a maior lição — talvez dada involuntariamente — a tirar da exposição dos seus trabalhos.

mas, se da parte do artista não houvesse apenas vibração ante o "espetáculo" do trabalho; se

2

houvere também uma compreensão do q̄ remediavelmente doloroso tem esse trabalho; então haveria q̄ exigir mais.

Mais q̄ os bustos apoiados pelo esforço. Mais q̄ as mãos crispadas pelo desespero. Mais q̄ as feições sombrias e trágicas. Mais q̄ os braços enrodilhados sobre o tronco, a exprimirem retraimento forçado de aspirações. Mais q̄ os passos cansados.

Haveria q̄ exigir do artista uma compreensão ~~identica~~ paralela da beleza serena das elegantes burguêsas, do q̄ essa beleza deve a esses outros corpos deformados, do q̄ essa serenidade deve a essas outras almas inquietas e angustiadas.

Das burguesinhas haveria q̄ traduzir o egoísmo, a vaidade, o vazio de sentimentos e — acima de tudo — o seu despreendimento e desinteresse por aqueles a cujo esforço devem tudo com q̄ se adornam e pintam, tudo o q̄ comem e bebem. E have-

3

reia ainda q̄ ridicularizac̄e. (20)
 Não quero dizer q̄ se deformasse
 a realidade. O q̄ é lamentável
 não é o facto de o artista não
 traduzir assim o mundo. Forq̄,
 se assim o não vê, assim o não
 deve traduzir (exige-o a since-
 ridade, base de toda a arte sé-
 ria). O q̄ é lamentável é o fac-
 to de o artista assim o não ver,
 assim o não sentir. *)

Forq̄, careo doutor, são dois mun-
 dos, sim, mas q̄ se interpretam
 e explicam mutuamente.

Por isso, tenho como a parte de
 mais interesse na exposição, a
 série de quadros de mulheres
 no trabalho. Ao contrário do
 q̄ succede com muitos pintores
 "modernos" não há um embele-
 zamento artificial da mulher
 trabalhadora. Ela aparece
 tal como é, deformada pelo
 fogo físico ~~brutal~~ violento, em
 bretecida por uma vida inte-
 ra de campo e dor. Apenas
 nas feições contraídas, e nas
 atitudes desalentadas ou deses-

peradas, e na ⁴ ~~tristeza~~ dos olhos
 q̄ procuram resistir à sombra
 e à sonolência da fadiga, se a-
 divinha o descontentamento e a
 vontade de libertação — mal de-
 feridos ainda, talvez excessivamē-
 te instintivos, — num passo para
 o levantamento e para a revolta.

A mulher trabalhadora aparece
 mergulhada nas trevas pesadas
 das oficinas, onde raras manchas
 de luz lembram q̄ no nosso país
 o sol brilha. Ou então, os seus
 pés descalços e inchados chapi-
 nham dolorosamente na lama. As
 roupas são ásperas, sujas, suadas,
 e batidas. As cabeças ~~caem~~
 abaixam-se sob o peso do fardo.
 Porém, não é o desalento q̄ as
 atira irresistivelmente para baixo.
 As cabeças não pendem. Vergam
 sim, mas retesadas e enérgicas;
 suportando, mas reagindo.

Essa sua série de trabalhos mar-
 ca uma posição nova na nossa
 pintura moderna. Constitue uma
 primeira interpretação vigorosa,

5

realista e revolucionária do mundo do trabalho.

Sem dúvida, eu não tenho a pretensão de dizer. As coisas novas, nem de lhe dar conselhos. Mas, vendo a sua exposição, senti-me no dever de encorajar o artista, de o incitar a ir mais longe, mesmo q a coragem lhe não falte e seja já seu propósito assente ir ainda mais longe. Mas — ir mais longe com determinada direcção. É na demarcação dessa direcção, vejo com desgosto muitos jovens progressistas, deixarem agradar-se mais pelas "notas de Paris, q pelas múltiplas mulheres no trabalho".

Álvaro Cunhal

Av. Miguel Bombarda - 58, 2.º D.º Lisboa

mais:

Gostaria de ter um quadro seu, mas não posso comprar. Isto, de certa forma é uma afirmação brusca e inesperada. Mas também é franca e sincera.

de.

(44)
Lisboa - 7. dez. 38

camarada ABEL SALAZAR (TEM RAZÃO:
ESTE DEVE SER O TRATAMENTO MAIS
CORRECTO).

Pena tive de não conversar consigo,
quando desta sua pequena estadia
em Lisboa. fica para outra vez.

De facto, eu queria trocar
impressões acerca duma passagem
da sua carta, q̄ particularmente
me feriu a atenção.

Agora, desculpe vir reulbar-
-lhe tempo. mas julgo q̄ esta carta
não será inútil — pelo menos para
mim.

Diz o cam. q̄ saiu da sua
"trajédia íntima" — q̄, mais ou me-
nos intensa, é atinal a de todos
os intelectuais sinceros q̄ se esfor-
çam por se fundirem com as mas-
sas anónimas — "sem pátria,
sem classe e sem preconceitos ...
mesmo intelectuais"

e surgem algumas dúvidas
no meu espirito:

Como pode falar da "Terra
sem mal e sempre

2

gra" com cruera, quasi q̄ com ódio — "cristalizada, petrificada de tédio e de indiferença, congelada de spleen, etc" — quem não vê na tema gra um símbolo duma situação oposta, mais claramente: duma classe inimiga?

Como pode sentir sinceramente a "dupla simbólica" (de duas classes animal) quem se coloca ou à parale das classes, quem não vê essa "dupla simbólica", sob um ponto de vista de classe?

Estas questões exigem uma resposta. Sem ela, não se pode — eu não posso — crer convictamente na sinceridade da "intencional" lição dada pelos seus trabalhos. Sem essa resposta, posso, quando muito, acreditar q̄ o artista se emocionou pelo contraste; não q̄ o artista tenha compreendido esse contraste, ~~estabelecendo~~ vendo-o de posição tomada em relação a ele.

Como "contar em dois tipos bem definidos um conflito" — e a simbolização marca já um interesse em face do conflito — se se não

3

*vibra com esse conflito, de forma a tomar partido por uma das forças em luta?

O próprio enunciado das perguntas fornece a resposta.

Quem não tenha classe, não pode compreender a luta de classes. Quem não tenha classe, não pode com exatidão definir os símbolos das classes antagônicas.

É então o ódio à "Tamara" talvez seja o produto dum esforço heroico para abandonar a gram de atração q̄ a sua beleza indiferente e egoísta ainda exerce. Talvez q̄ esse ódio seja apenas a consequência dum desgarramento brusco e violento. Ou ainda: uma forma de exprimir a vontade de não ser atraído pelo q̄, a-pesar de tudo, ainda emociona e prende.

Qual outra forma de explicar esse ódio — ou sentimento semelhante — desde q̄ se exclua a existência dum ódio de classe?

Ao ver a sua exposição, pareceu-me — e fulgo ter-lh'o dito na carta q̄ então lhe escre-

4

vi - q̄ as burguezas elegantes não estavam retratadas de forma pa- ralista as mulheres no trabalho. Que, ao passo q̄ nestas se via o so- frimento e a insatisfação, naque- las se não adivinhava sequer o egoísmo, nem o "débito" aos pro- dutores do seu bem-estar.

faltava uma visão de classe - única capaz de expri- mir o contraste, de forma a ex- plicar a existência dum polo pela existência do polo oposto.

faltava a acusação ^{expressa} a burguezia (no caso: a um seu símbolo): "para q̄ vós sejas tão cuidadas, luxuosas, caras, é ne- cessário q̄ outras sofram... isto ... é isto!"

O cam. diz "não ter clas- se". Isso seria toda uma explica- ção.

Porém, eu recuso-me a a- ceitá-la totalmente. O cam. ama uma classe. Compreende e sente as suas dores e as suas insatis- fações. A sua atitude na vida é já uma posição tomada em relação aos combates q̄ hoje -

5
como sempre — se travam no mundo, combates de classes, atípicos.

Apenas é necessário conhecer ainda de mais perto as grandes riquezas de sentimentos e a grande força criadora das camadas oprimidas, e ainda a beleza da energia e da luta.

É necessária uma integração na classe a que se pertence, ou a que se ama.

Será o único meio de se chegar a sentir uma verdadeira e visceral oposição às "tanagrafas" e ao que elas simbolizam. E então poder-se-á exprimir a compreensão desse mundo dos beneficiários de toda a actividade humana, numa forma crítica e sem perdões.

Saiida-o amigavelmente
Aurora Cunha

Escolhi um magnífico quadro de mulheres trabalhando. Olegado.
de.

Anexo IV



Anexo V



Anexo VI



Anexo VII



Anexo VIII



Anexo IX



Anexo X



«Feira — Sol Poente»
Abel Salazar/Vinte trabalhos sobre o Porto e outros lugares. O Ouro do Dia. Porto, 1983.

Anexo XI

